



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
INSTITUTO DE LETRAS**

GABRIELA RODRIGUES NOBRE DE OLIVEIRA

**INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA E INTELIGIBILIDADE DE FALA:
UM ESTUDO COM USUÁRIOS BRASILEIROS**

Salvador

2014

GABRIELA RODRIGUES NOBRE DE OLIVEIRA

**INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA E INTELIGIBILIDADE DE FALA:
UM ESTUDO COM USUÁRIOS BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Domingos Sávio Pimentel Siqueira.

Salvador

2014

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Oliveira, Gabriela Rodrigues Nobre de,
Inglês como língua franca e inteligibilidade de fala : um estudo com usuários brasileiros /
Gabriela Rodrigues Nobre de Oliveira. - 2014.
131 f.

Inclui apêndice e anexos.

Orientador: Prof. Dr. Domingos Sávio Pimentel Siqueira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2014.

1. Língua inglesa - Pronúncia. 2. Língua inglesa - Estudo e ensino - Falantes portugueses.
3. Língua inglesa - Pronúncia estrangeira. I. Siqueira, Domingos Sávio Pimentel. II. Universidade
Federal da Bahia Instituto de Letras. III. Título

CDD - 428.24
CDU -811.111(07)

Dedico este trabalho a:

Meus pais, Cândida e Francisco, pela educação que me proporcionaram e por serem meus maiores exemplos na vida.

Minha irmã, Julia, pelo companheirismo, apoio e amizade.

Meu noivo e futuro marido, André, pelo carinho, conforto e suporte que me deu durante todo esse desafio.

É por vocês que sigo em frente.

AGRADECIMENTOS

A Deus, força maior em minha caminhada, por preencher minha vida de força e fé em todos os momentos de angústias;

A André, companheiro de vida, que esteve ao meu lado em cada minuto desta trajetória. Seu amor e carinho renovam minhas energias;

A toda minha família, meu maior incentivo, por todo amor e confiança;

Ao meu professor-orientador, Sávio Siqueira, por ter me guiado desde o início, me incentivando com entusiasmo e confiança em meu trabalho. Obrigada pelos ensinamentos, que tanto me enriqueceram e que levarei para além da vida acadêmica;

À Universidade Federal da Bahia e à CAPES, pelo suporte financeiro e institucional;

Aos professores e colegas de Mestrado, com quem eu aprendi muito e vivenciei momentos enriquecedores;

Aos colegas do grupo de pesquisa "*Inglês como língua franca: crítica, atitude e identidade*", coordenado pelo professor Sávio Siqueira, pelas discussões e *insights* que tanto contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Um agradecimento especial a Julia Vasconcelos, pela valiosa contribuição na escolha dos sujeitos desta pesquisa;

Aos participantes da pesquisa, falantes ou ouvintes, pela disponibilidade e interesse;

Aos amigos queridos, irmãos que a vida me deu, por todo apoio nos momentos de desânimo e por toda energia positiva com que preenchem minha vida;

Agradeço a todos pelo apoio e pela torcida.

RESUMO

Considerando o inegável papel ostentado pela língua inglesa no mundo contemporâneo, este trabalho investigativo insere-se em um contexto de discussão cada vez mais presente na área da Linguística Aplicada: a perspectiva do inglês como língua franca global. Neste paradigma, o inglês é concebido como uma língua democrática, pertencente a todos os seus usuários e, portanto, desvincilhada da autoridade dos chamados usuários nativos, especialmente das nações (ainda) hegemônicas Inglaterra e Estados Unidos. O Inglês como Língua Franca (ILF) valoriza cada falante em suas particularidades e coloca como prioridade a busca pela compreensão mútua, mais do que pelo “ideal” do falante nativo, concepção, infelizmente, ainda bastante vigente. Tomando esta consideração como ponto de partida, o presente estudo, de caráter exploratório e qualitativo, teve como objetivo investigar, elencar e discutir os aspectos relacionados à inteligibilidade de fala de brasileiros fluentes de língua inglesa. Configurada como estudo de caso, a pesquisa contou com a participação de cinco brasileiros, que gravaram amostras de fala espontânea em inglês. Estas amostras foram submetidas a dois tipos de análises: (1) avaliação da inteligibilidade de fala em escala de cinco pontos por ouvintes de diferentes nacionalidades; e (2) avaliação fonético-acústica. A partir da triangulação dos dados obtidos com as diferentes análises, foi possível levantar alguns pontos de discussão relevantes. Em primeiro lugar, verificamos que o usuário brasileiro fluente de ILF carrega, em sua pronúncia, particularidades da sua língua materna, como já também demonstrado em estudos anteriores. Em segundo lugar, constatamos que a presença destas características não afeta a inteligibilidade de fala. Assim, podemos sinalizar que é perfeitamente possível alcançar uma fala inteligível sem a necessidade de aderir às normas do falante nativo de língua inglesa, o que se torna totalmente indesejável no contexto de ILF, no qual a identidade dos usuários tem especial importância nas interações interculturais das quais eles farão parte. Pudemos verificar também que a análise acústica tem potencial para se tornar um recurso importante nas pesquisas em ILF, uma vez que permite a identificação dos elementos característicos das falas dos usuários brasileiros. Desta forma, a presente pesquisa vem oferecer mais uma contribuição à área de investigação em ILF, promovendo um maior debate em especial no que se refere à pronúncia e às implicações para o ensino da língua inglesa.

Palavras-chave: Inglês como Língua Franca. Inteligibilidade. Sotaque. Análise acústica.

ABSTRACT

Considering the undeniable role played by the English language in the contemporary world, this investigative work is inserted in a context of discussion increasingly present in the area of Applied Linguistics: the perspective of English as a global lingua franca. In this paradigm, English is conceived as a democratic language, belonging to all its users, and therefore untied from the authority of so-called native users, especially from the (still) hegemonic nations like England and the United States of America. English as a Lingua Franca (ELF) values each speaker in their particularities and gives priority to a search for mutual understanding, rather than the "ideal" native speaker standard, which is, unfortunately, still en vogue. Taking this consideration as a starting point, this exploratory and qualitative study aimed at investigating, listing, and discussing issues related to speech intelligibility of fluent Brazilian speakers of English. Configured as a case study, the research involved the participation of five Brazilians, who recorded samples of spontaneous speech in English. These samples were subjected to two types of analyses: (1) assessment of speech intelligibility in a five-point scale by listeners of different nationalities, and (2) phonetic-acoustic evaluation. From the triangulation of data obtained from the different analyses, it was possible to raise some relevant points of discussion. Firstly, we found that the fluent Brazilian ELF user carries in his/her pronunciation peculiarities of his/her mother tongue, as it has been demonstrated in previous studies. Secondly, we found that the presence of these features does not affect speech intelligibility. Thus, we can signal that it is perfectly possible to achieve intelligible speech without the need to adhere to the norms of native speakers of English, a feature totally undesirable in the context of ELF, in which the identity of users is especially important in the intercultural interactions they take part in. We also found that acoustic analysis holds the potential to become an important resource in ELF investigation, since it allows the identification of elements in the speech of Brazilian users of English. Therefore, this research provides a further contribution to the research area in ELF, promoting a larger debate particularly related to the pronunciation and the implications for English Language Teaching (ELT).

Key words: English as a Lingua Franca. Intelligibility. Accent. Acoustic analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas e os diferentes testes de proficiência	20
Figura 2	Delimitação das unidades de análise da pesquisa	21
Figura 3	Espectrograma de banda larga indicando a palavra “English”, gerado a partir do software de análise e síntese de fala PRAAT	28
Figura 4	Modelo de três círculos concêntricos de Kachru (1985), com estimativas de número de falantes em milhões	37
Figura 5	Declínio dos falantes nativos de inglês como uma proporção da população mundial	39
Figura 6	O turismo internacional está crescendo, mas a maioria das interações não envolve um falante nativo de inglês	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Caracterização dos participantes-falantes	23
Quadro 2	Caracterização dos participantes-ouvintes	23
Quadro 3	Escala de inteligibilidade	25
Quadro 4	Escala de inteligibilidade adaptada para a pesquisa	26
Quadro 5	Particularidades na pronúncia de brasileiros falantes de inglês	70
Quadro 6	Análise de inteligibilidade de fala do CASO 1	72
Quadro 7	Análise de inteligibilidade de fala do CASO 2	75
Quadro 8	Análise de inteligibilidade de fala do CASO 3	78
Quadro 9	Análise de inteligibilidade de fala do CASO 4	80
Quadro 10	Análise de inteligibilidade de fala do CASO 5	82
Quadro 11	Distribuição da análise de inteligibilidade dos falantes da pesquisa	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFI	Alfabeto Fonético Internacional
AIF	Associação Internacional de Fonética
EFL	<i>English as a Foreign Language</i>
ELF	<i>English as a Lingua Franca</i>
ELT	<i>English Language Teaching</i>
ENL	<i>English as a native language</i>
ESL	<i>English as a second language</i>
F1-F5	Falantes da pesquisa
GA	<i>General American</i>
ILE	Inglês como Língua Estrangeira
ILF	Inglês como Língua Franca
ILN	Inglês como Língua Nativa
IPA	<i>International Phonetics Alphabet</i>
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
LFC	<i>Lingua Franca Core</i>
LM	Língua Materna
O1-O6	Ouvintes da pesquisa
QECR	Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas
RP	<i>Received Pronunciation</i>
SL	Segunda Língua
VOICE	<i>Vienna-Oxford International Corpus of English</i>
WE	<i>World English</i>
WEs	<i>World Englishes</i>

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – PRIMEIROS PASSOS	10
1.1 Introdução	10
1.2 Objetivo Geral	13
1.3 Objetivos Específicos	13
1.4 Perguntas de Pesquisa	13
1.5 Justificativa	14
1.6 Organização da Dissertação	15
CAPÍTULO 2 – ASPECTOS METODOLÓGICOS	17
2.1 Tipo de pesquisa	17
2.2 Unidade de análise	19
2.3 Descrição dos participantes	22
2.4 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados	24
2.4.1 <i>Amostras de fala espontânea</i>	24
2.4.2 <i>Julgamento da inteligibilidade de fala</i>	24
2.4.3 <i>Avaliação fonético-acústica</i>	27
2.5 Procedimento de análise dos dados	29
2.6 Resumo das fases da pesquisa	30
CAPÍTULO 3 – ESSE TAL DE INGLÊS GLOBAL	31
3.1 Inglês e globalização	31
3.2 A expansão do inglês no mundo	33
3.3 Que inglês falamos?	40
3.3.1 <i>Inglês como língua franca</i>	44
3.4 O núcleo fonológico de ILF (<i>Lingua Franca Core</i>)	50
CAPÍTULO 4 – UMA QUESTÃO DE INTELIGIBILIDADE	56
4.1 O conceito	56
4.2 Sotaque, identidade e inteligibilidade de fala	60
4.2.1 <i>O sotaque brasileiro em ILF</i>	63
4.3 Avaliando a inteligibilidade de fala em ILF	64

CAPÍTULO 5 – “SOU BRASILEIRO, FALO INGLÊS”: A PESQUISA	68
5.1 Análise dos casos da pesquisa	72
5.2 Exemplos das particularidades na pronúncia de brasileiros falantes de inglês por meio da análise acústica	84
5.2.1 <i>Fricativa dental desvozeada /θ/ é realizada como /t/</i>	84
5.2.2 <i>Fricativa dental vozeada /ð/ é realizada como /d/</i>	85
5.2.3 <i>Plosiva alveolar desvozeada /t/ antes de /i/ é realizada como /tʃ/. Qualidade vocal /ɪ/ é pronunciada como /i/</i>	86
5.2.4 <i>Plosiva alveolar vozeada /d/ antes de /ɪ/ é realizada como /dʒ/</i>	87
5.2.5 <i>Plosiva bilabial desvozeada /p/ em posição inicial é realizada sem aspiração. Vogal longa /i:/ é pronunciada como vogal curta /i/</i>	88
5.2.6 <i>Lateral líquida // escuro em final de sílaba é realizada como /w/. Vogal /ɪ/ é produzida como /i/</i>	89
5.2.7 <i>Encontros consonantais iniciados com /s/ são simplificados pela inserção da vogal epentética /i/</i>	90
5.3 Discussão dos casos	92
5.4 Implicações para o ensino de pronúncia na aula de LI	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	
Questionário de caracterização – Participantes-falantes	
Questionário de caracterização – Participantes-ouvintes	
Análise de inteligibilidade – comentários dos participantes-ouvintes	
ANEXOS	
Alfabeto Fonético Internacional – AFI	

CAPÍTULO 1 – PRIMEIROS PASSOS

1.1 Introdução

É de conhecimento geral que a língua inglesa exerce, atualmente, um papel social, político e econômico de extrema importância. Pessoas buscam estudar o idioma a fim de ampliar suas possibilidades comunicativas e desenvolver habilidades que lhes permitam acompanhar o que acontece no mundo. Afinal, a língua inglesa é atualmente reconhecida não somente como uma língua internacional, mas como “a” língua internacional, sendo o meio de comunicação utilizado em encontros de negócios, turismo, negociações diplomáticas, conferências e assim por diante (SEIDLHOFER, 2011). Sua expansão pelo mundo se deu de tal forma que, atualmente, o número de falantes, ou melhor, usuários não-nativos, supera o número de falantes nativos, em uma proporção de quatro para um (CRYSTAL, 2000; 2006; SEIDLHOFER, 2011).

Não temos como objetivo, neste trabalho, problematizar os conceitos de “falante nativo” e “falante não-nativo”, como o fez de forma bastante abrangente Davies (2003), ao discutir os “mitos e realidades” sobre o falante nativo. No entanto, faz-se necessário expor nosso ponto de vista. Ao utilizarmos o termo falante nativo de inglês, nos referimos às pessoas que adquiriram esta língua como língua materna (LM), ou seja, como primeira língua (L1). Como discutiremos de forma mais aprofundada no Capítulo 3, os falantes nativos pertencem ao chamado “círculo interno” (*inner circle*) (cf. KACHRU, 1985). Já os falantes não-nativos, por sua vez, são aqueles que não têm o inglês como língua materna, mas como segunda língua (L2), pertencendo tanto ao “círculo externo” (*outer circle*) como ao “círculo em expansão” (*expanding circle*). Nossa concepção adotada no presente estudo, conforme se verá mais adiante, está desvinculada da visão tradicional que tem o falante nativo como modelo ideal, aquele que estabelece normas e padrões a serem seguidos. O nosso uso do termo, portanto, refere-se basicamente à função da língua como L1 (falante nativo) ou como L2 (falante não-nativo).

A partir da constatação referida acima, de que o número de usuários não-nativos supera o número de usuários nativos, pode-se facilmente teorizar que a grande maioria das situações de comunicação internacional, mediadas pelo inglês,

ocorram entre falantes não-nativos. Como estimara o autor alemão Beneke (1991 *apud* SEIDLHOFER, 2011), essas interações corresponderiam a 80% de toda comunicação envolvendo o uso da língua inglesa. Podemos assumir que, hoje, essa porcentagem seja ainda maior.

Fernandes (2009) afirma que, em termos de uso e circulação, há cada vez mais evidências de que o inglês é mais usado em contextos multinacionais por falantes multilíngues do que em contextos tidos como homogêneos por falantes monolíngues. Portanto, o inglês permite o contato entre pessoas de diferentes culturas, nacionalidades e línguas maternas, sendo considerado uma língua franca de alcance global. É exatamente dentro desta perspectiva que este trabalho investigativo se insere.

Os estudos sobre o Inglês como Língua Franca (*English as a Lingua Franca – ELF*) têm surgido como uma nova e promissora frente de pesquisa na Linguística Aplicada, cujo foco está em problemas de uso da linguagem no contexto social (MOITA LOPES, 1996). Seidlhofer (2001) defende que a língua inglesa pertence a todos que a utilizam, destacando que os falantes de inglês como língua franca devem ser reconhecidos como usuários legítimos do idioma, uma vez que, à luz de tal paradigma, o que difere do construto do falante nativo não pode ser visto como “deficiente”, mas “diferente”, “diverso” (SIQUEIRA, 2011; JENKINS, 2009; 2014). Assim, novas variedades de inglês surgem na medida em que os falantes não-nativos carregam particularidades de suas próprias línguas, passando a ostentar suas próprias normas e distanciando-se gradativamente da referência do falante nativo.

Diante deste cenário, Jenkins (2005) aponta uma mudança de paradigma no qual o inglês como língua estrangeira (ILE) deve dar lugar ao inglês como língua franca (ILF). A autora esclarece que, na concepção de inglês como língua estrangeira (*English as a Foreign Language – EFL*), o principal objetivo do ensino da língua é, ancorando-se em cenários ideais e, para muitos, irrealis, promover a comunicação com falantes nativos, buscando-se, portanto, uma aproximação com as duas variantes hegemônicas, isto é, o inglês britânico (*Received Pronunciation – RP*) ou o inglês americano (*General American – GA*).

Já os falantes de inglês como língua franca (*English as a Lingua Franca – ELF*), por sua vez, em face do que acontece no mundo real, utilizam a língua para se

comunicar com outros falantes não-nativos do inglês e, assim, buscam a compreensão mútua mais do que seguir as normas do chamado inglês nativo (ILN).

Portanto, neste contexto mais amplo e de alcance jamais visto no desenvolvimento das línguas naturais, o inglês, gostemos ou não, perde o status de língua estrangeira. Afinal, na interação em inglês entre um argentino e um alemão, quem seria o “estrangeiro”? Em tal situação, cada vez mais comum mundo afora, o inglês funciona como a língua de contato entre falantes que possuem diferentes línguas maternas, incluindo os chamados nativos, configurando-se, desta forma, em uma língua franca. Como afirma Becker (2009; 2011; 2013), em tal contexto, a inteligibilidade da fala se torna a principal meta a ser alcançada em termos de pronúncia.

Tem-se, então, os dois pontos principais de discussão sobre os quais este trabalho se apoia: inglês como língua franca e inteligibilidade de fala. O interesse pela abordagem destes temas surgiu a partir da minha formação e experiência profissional, que alia, entre outros aspectos, a Fonoaudiologia ao Ensino da Língua Inglesa. Da formação como fonoaudióloga, agrega-se o conhecimento sobre comunicação e inteligibilidade de fala, além dos instrumentos de análise que nortearam os aspectos metodológicos desta pesquisa. Da experiência como professora de inglês, têm-se o objeto de estudo e os desdobramentos da pesquisa para o ensino e aprendizagem de línguas.

Tomando-se por base o conceito de Inglês como Língua Franca (ILF) e a atual discussão sobre sua condição no cenário mundial, este trabalho de pesquisa visa, em princípio, identificar de que forma a fala de brasileiros fluentes em inglês é percebida por outros falantes da língua inglesa, nativos e não-nativos, especialmente no que se refere à inteligibilidade de fala. Embora não haja critérios muito bem estabelecidos para a definição de uma fala fluente, adotamos o argumento de Guilherme de Castro (2008), que define o falante fluente como aquele capaz de comunicar suas ideias, expressando-se de maneira natural e contínua, sem dificuldades. Para fins de metodologia de pesquisa, optamos por incluir falantes que tenham se submetido a testes de língua estrangeira e tenham obtido nota igual ou superior ao nível C1 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas. Esta questão será melhor abordada no capítulo dedicado aos aspectos metodológicos.

O presente trabalho foi delineado e desenvolvido com vistas a atingir os seguintes objetivos:

1.2 Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é investigar, elencar e discutir os aspectos relacionados à inteligibilidade de fala de brasileiros fluentes de língua inglesa, na perspectiva do Inglês como Língua Franca.

1.3 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos da pesquisa estão relacionados a seguir:

- a) analisar auditiva e acusticamente amostras de fala espontânea em inglês de brasileiros fluentes neste idioma;
- b) verificar a percepção da inteligibilidade de fala destas amostras por outros falantes nativos e não nativos de inglês;
- c) comparar os dados de produção e percepção, verificando a eficácia na comunicação no que se refere à inteligibilidade de fala;
- d) demonstrar que, em interações em ILF, a inteligibilidade pode ser alcançada.

1.4 Perguntas de Pesquisa

Esta pesquisa se pauta em algumas inquietudes que podem ser definidas em duas perguntas:

- a) Como se caracteriza a fala do brasileiro falante de inglês como língua franca, tanto auditiva como acusticamente?

- b) De que forma a pronúncia do brasileiro falante de inglês como língua franca é percebida por outros falantes nativos e não-nativos de inglês no que tange à inteligibilidade de fala?

1.5 Justificativa

O presente trabalho justifica-se na medida em que, no contexto de inglês como língua franca, a pronúncia tende a ser redefinida, uma vez que a inteligibilidade passa a ser o objetivo principal da comunicação. Como aponta Jenkins (2014, p.15), “as línguas se desenvolvem à medida que seus falantes a remodelam das mais diversas e criativas maneiras”¹. Por essa ótica, faz-se necessário, portanto, reconhecer, elencar e discutir um conjunto de características que emergem em tal contexto e que desempenham o papel de garantir a inteligibilidade e eficácia da comunicação em inglês.

Seidlhofer (2011) afirma que existe uma necessidade urgente de análises descritivas bem fundamentadas sobre como falantes de ILF utilizam a língua em suas particularidades. Jenkins (2000, p.94) igualmente ressalta a importância de se ampliarem os estudos nesta área sob o ponto de vista da inteligibilidade, como sinaliza o trecho destacado abaixo:

Claramente, precisamos de muito mais informações baseadas em inglês como língua internacional do que está atualmente disponível, como a quais sotaques são (in)inteligíveis a quem e, mais especificamente, a quais características de pronúncia precisamente levam à perda da inteligibilidade².

Em nossa pesquisa, buscamos contemplar algumas das questões citadas acima, respondendo às seguintes perguntas: *quais sotaques?* O sotaque de brasileiros falantes de inglês como língua franca. *(In)inteligível a quem?* A falantes de diferentes L1. *Quais características de pronúncia?* Características segmentais de fala tidas como típicas de falantes brasileiros. Desta forma, destacamos a relevância do presente estudo no cenário acadêmico atual.

¹ *Languages continually develop as speakers reshape them in innovative ways.* (Esta e todas as traduções presentes neste trabalho são de responsabilidade da autora).

² *Clearly, we need far more EIL-based information than is currently available as to whose accents are (un)intelligible to whom and, more specifically, as to precisely which pronunciation features lead to loss of intelligibility.*

Podemos destacar, ainda, que nosso trabalho segue na linha dos estudos que buscam redefinir a noção do que é “certo” e “errado”, distanciando-se da ideologia de uma língua padrão, algo que é extremamente pertinente considerando o papel do inglês nos tempos modernos (JENKINS, 2000, 2007; SEIDLHOFER, 2011).

À luz de tal discussão, este estudo visa, então, contribuir para as pesquisas em Linguística Aplicada com foco no ensino de inglês como língua franca, respeitando a forma brasileira de se comunicar em língua inglesa, o que, certamente, deverá repercutir e ser valorizado no ensino desta língua estrangeira, principalmente no que se refere ao trabalho com pronúncia.

1.6 Organização da Dissertação

Como vimos, este primeiro capítulo, “Primeiros Passos”, apresenta e discute a problemática de pesquisa, a motivação para o estudo, as perguntas de pesquisa, além dos objetivos e da justificativa do trabalho. Os demais capítulos apresentarão o arcabouço teórico sob o qual esta pesquisa se ancora, bem como as questões metodológicas e a análise dos dados, a conclusão, referências, apêndices e anexo.

Mais especificamente, o Capítulo 2, “Aspectos Metodológicos”, demonstra o percurso metodológico seguido para alcançar os objetivos propostos no trabalho. No referido capítulo, discutimos o tipo de pesquisa e apresentamos a descrição dos participantes, bem como os instrumentos e procedimentos de coleta de dados. Por fim, descrevemos o procedimento de análise dos dados coletados.

O Capítulo 3, “Esse tal de inglês global”, primeiro capítulo teórico, aborda, por sua vez, o referencial teórico acerca do status da língua inglesa atualmente e seu papel como língua franca nos tempos pós-modernos. Parte-se da relação do inglês com a globalização e sua expansão no mundo. Em seguida, discutimos as diferentes denominações pelas quais a língua inglesa é referida e exploramos aquela que consideramos mais adequada, defendida especialmente por Jennifer Jenkins e Barbara Seidlhofer, que concebem o inglês como língua franca. Exploramos ainda o chamado Núcleo da Língua Franca, o *Lingua Franca Core* (LFC) proposto por Jenkins (2000), que focaliza nos aspectos de pronúncia da língua inglesa mais importantes para se garantir a inteligibilidade de fala. Enfocamos nos aspectos do

LFC que são mais cruciais para brasileiros falantes de inglês, nos referindo às pesquisas desenvolvidas por Walker (2010).

Já o Capítulo 4, “Uma questão de inteligibilidade”, segundo capítulo teórico, discute este elemento essencial na comunicação. De forma breve, buscamos explorar o conceito do termo à luz de diferentes teóricos, dos quais se destacam Smith e Nelson (1985), Kenworthy (1987) e Field (2005). Pela relevância dos temas quando se fala em pronúncia e inteligibilidade de fala, discutimos também neste capítulo aspectos significativos como sotaque e identidade. Por fim, apresentamos materiais e técnicas que têm sido utilizados na investigação da inteligibilidade no contexto de inglês como língua internacional, dando especial destaque às técnicas utilizadas neste trabalho.

Em seguida, o Capítulo 5, “Sou brasileiro, falo inglês: a pesquisa”, como o próprio título sinaliza, representa o âmago da pesquisa, onde apresentamos a análise e discussão dos dados à luz do referencial teórico. A discussão nos leva a reflexões importantes, onde questionamos a hegemonia do falante nativo e o chamado inglês “padrão”, ressaltamos questões relacionadas a atitude e identidade e debatemos sobre as implicações para a área de ensino de língua inglesa, especialmente no que se refere ao ensino da pronúncia.

Por fim, as “Considerações finais” resumem as principais ideias da pesquisa e também explicitam as respostas às perguntas da pesquisa. Nesta seção, refletimos sobre a pesquisa aqui encampada e apontamos novos caminhos, apresentando propostas de pesquisas futuras para o continuar da caminhada.

Finalmente, as Referências trazem as indicações dos autores estudados para a elaboração do estudo e os Apêndices e Anexos ilustram os documentos e materiais utilizados.

Concluída a explanação do conteúdo do capítulo inicial, passamos ao segundo capítulo da dissertação, onde apresentamos os aspectos metodológicos.

CAPÍTULO 2 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta o caminho trilhado para que os objetivos de pesquisa fossem alcançados. São detalhados o tipo de pesquisa, a definição da unidade de análise, o levantamento do *corpus*, a descrição dos participantes, os instrumentos e procedimentos de coleta de dados, bem como os procedimentos de análise.

2.1 Tipo de Pesquisa

Referência importante quando se fala em tipologias de pesquisa, Gil (2002, p.41) define a pesquisa exploratória como aquela que tem

como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Levando-se em conta esta definição e o fato de que a inteligibilidade de fala no contexto de Inglês como Língua Franca é um tema de discussão recente, este estudo caracteriza-se, quanto aos seus objetivos, como exploratório, uma vez que busca proporcionar uma melhor compreensão sobre a comunicação de brasileiros em língua inglesa, explicitando este problema e ampliando os estudos na área.

Quanto aos procedimentos técnicos, a presente pesquisa configura-se em um estudo de caso. O próprio Gil (2002, p.41) comenta que, em relação aos estudos exploratórios, “embora o planejamento da pesquisa seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisas bibliográficas ou de estudo de caso”. Mais adiante, Gil (2002, p.54) explica que o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos [...]”.

Yin (2005) afirma que o estudo de caso busca entender “como” ou “por quê” algum fenômeno ocorre, o qual deve ser contemporâneo e estar inserido em algum contexto da vida real. O presente estudo atende a esta definição, uma vez que tem como preocupação primordial entender “como” a fala de brasileiros fluentes é

percebida por outros falantes de inglês, em um cenário atual onde o Inglês como Língua Estrangeira (ILE) dá lugar ao Inglês como Língua Franca (ILF), emergindo como uma língua que prioriza os seus usuários e valoriza diferentes variedades, desvencilhando-se da visão tradicional do falante nativo como estabelecedor de normas.

Stake (1995) ressalta que, ao buscar aprofundar o conhecimento sobre “como” um fenômeno ocorre, o pesquisador que se dedica ao estudo de caso segue uma linha de pesquisa interpretativista, rejeitando a neutralidade do fazer científico e a existência de uma realidade desligada das questões sociais. Ao contrário do positivismo, que notabilizou-se por pregar a “primazia da ciência em detrimento de outras formas do conhecimento humano” (BRANDÃO, 2011, p.80), enfatizando a importância de métodos de pesquisa rigorosos e controlados, o interpretativismo dedica-se a compreender as interrelações dos acontecimentos ao invés de controlá-los e explicá-los a partir de elementos rígidos de aferição. O foco, portanto, está na interpretação e não na obsessiva quantificação de dados. Assim, as pesquisas de base interpretativista fazem uso, predominantemente, de estudos de caráter qualitativo, tal como o “estudo de caso”, aqui adotado (MAFFEZZOLI; BOEHS, 2008).

Nesta perspectiva, o presente estudo caracteriza-se por filiar-se a uma abordagem qualitativa, estando em conformidade com a linha dos estudos contemporâneos em Linguística Aplicada, uma vez que dedica-se ao estudo de uma questão social importante (a comunicação em língua estrangeira), em um contexto de uso real da linguagem.

Segundo Stake (1995), existem diferentes tipos de estudo de caso, de acordo com a(s) pergunta(s) e os objetivos da pesquisa: estudo de caso intrínseco, instrumental e coletivo. No estudo de caso intrínseco, o interesse do pesquisador reside no caso em si e não na suposição de que ele possa representar outros casos. De forma inversa, no estudo de caso instrumental, o pesquisador acredita que, a partir de análise de um caso, seja possível obter uma melhor compreensão e fazer generalizações sobre o tema da pesquisa. O estudo de caso coletivo, por sua vez, investiga um conjunto de casos para a compreensão de um determinado fenômeno.

Definimos esta pesquisa como um “estudo de caso instrumental”, pois, como já mencionado, busca analisar um fenômeno em particular para promover um melhor entendimento sobre um assunto. O foco não está exclusivamente no caso, mas na compreensão que ele pode proporcionar sobre tema em estudo.

De forma resumida, podemos dizer que, tendo como base Gil (2002), Yin (2005) e Stake (1995), esta pesquisa configura-se em um estudo de caso exploratório, certamente ancorado em uma abordagem qualitativa.

No próximo tópico, comentaremos sobre a unidade de análise explorada em nosso estudo.

2.2 Unidade de Análise

A definição da unidade de análise deste estudo de caso apoia-se na proposta de Yin (2005), que a relaciona aos pressupostos teóricos e ao foco da pesquisa. Desta forma, buscando atender aos objetivos do estudo, definimos como *corpus* para análise a fala espontânea de brasileiros fluentes em inglês, em emissões gravadas em arquivos de áudio. Optamos pela fala espontânea, ao invés de leitura ou outra técnica, pois ela oferece padrões mais naturais de produção.

Como parâmetros de comprovação da fluência em inglês, foram selecionados participantes que tivessem realizado previamente algum exame de proficiência em língua inglesa e obtido classificação igual ou superior ao nível C1 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECR), lançado em 2001 pelo Conselho da Europa. Este nível, de acordo com a descrição do QECR, atesta a capacidade do falante em utilizar a língua de modo flexível e eficaz, exprimindo suas ideias de forma clara e bem estruturada³.

A Figura 1 na sequência indica diferentes exames de proficiência em língua inglesa em relação aos níveis do Quadro Europeu Comum de Referência para línguas, que, de acordo com as notas obtidas nos exames, sinalizam se o falante é um usuário básico da língua (A1 e A2), intermediário (B1 e B2) ou usuário proficiente (C1 e C2). Como ressaltado anteriormente, selecionamos usuários proficientes em inglês, cuja fluência foi atestada por meio da obtenção de notas equivalentes aos níveis C1 ou C2.

³ Teacher's Guide to the Common European Framework. Disponível em: <<http://www.pearsonlongman.com/ae/cef/cefguide.pdf>>. Acesso em: 12 jan 2013.

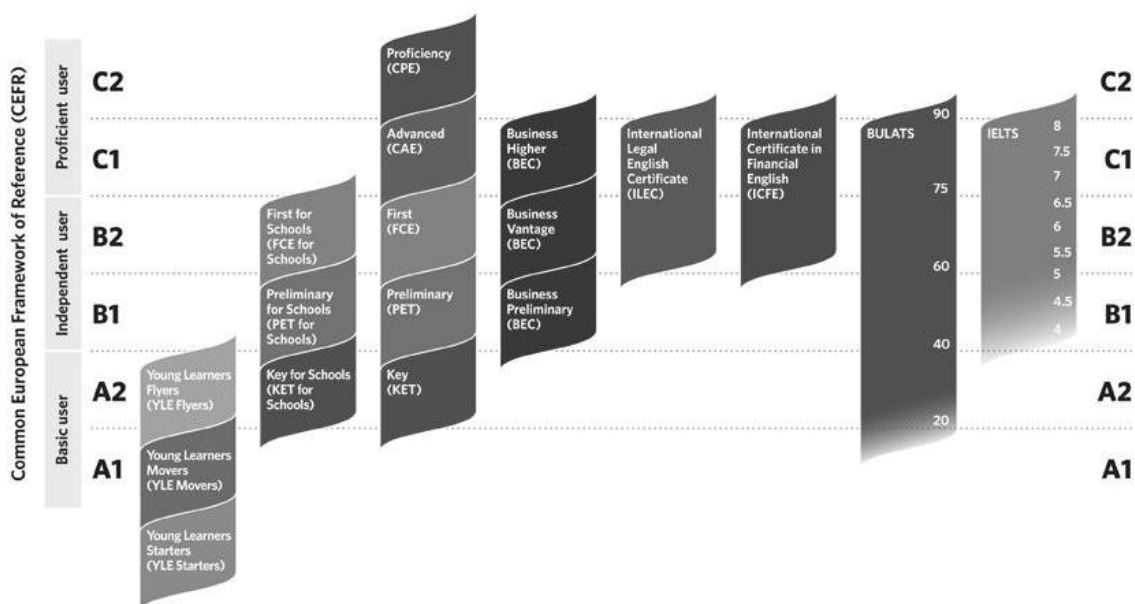


Figura 1 – Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas e os diferentes testes de proficiência.

A escolha metodológica pela gravação, ao invés da interação ao vivo, está atrelada ao foco da pesquisa, que recai sobre a inteligibilidade e a produção acústica da fala de brasileiros. A interação entre os participantes, além de difícil obtenção em termos de logística, envolveria o processo de acomodação linguística, que, segundo Jenkins (2009, p.201), pode ser definida como

a possibilidade dos usuários ajustar sua fala a fim de torná-la mais inteligível e apropriada para interlocutores específicos. Isso pode envolver, por exemplo, mudança de código, repetição, ecoar itens que seriam considerados erros em ILN, evitar expressões idiomáticas locais e parafrasear⁵.

Seidlhofer (2011, p.48) complementa afirmando que a acomodação envolve o ajuste inconsciente que os falantes realizam em sua fala e comportamento não-verbal de forma a se tornar mais acessível e aceitável para o outro. Este processo tem se mostrado muito importante para a inteligibilidade em contextos de ILF, como mostra Jenkins (2000) no sétimo capítulo de sua obra.

Em nosso estudo, reconhecemos a importância da acomodação linguística nas interações comunicativas, mas reafirmamos que o objetivo da pesquisa reside na investigação das características de pronúncia dos brasileiros falantes de inglês e não nas modificações realizadas por eles no processo interativo.

⁴ Disponível em: <<http://alce exams.ucd.ie/cambridge/node/114>>. Acesso em: 3 fev 2013.

⁵ [...] the scope for its users to adjust their speech in order to make it more intelligible and appropriate for their specific interlocutor. This can involve, for example, code switching, repetition, echoing of items that would be considered errors in ENL, the avoidance of local idiomatic language, and paraphrasing.

Definido o *corpus* para análise, falamos agora sobre o número de casos analisados no presente trabalho investigativo. Yin (2005) destaca que não há uma determinação específica quanto à quantidade de casos. Esta definição, de acordo com o autor, depende mais do julgamento do pesquisador do que de critérios de significância estatística. Nesta mesma linha, Eisenhardt (1989) coloca que a preocupação com o número de casos selecionados para análise deve estar centrada nas razões teóricas.

Desta forma, visando alcançar os objetivos deste trabalho de pesquisa e valorizando a qualidade dos dados, foram selecionados cinco casos, ou seja, amostras de fala espontânea de cinco brasileiros fluentes em inglês, cada um definido no trabalho como participante-falante. Estas amostras foram submetidas a dois tipos de análise: (1) inteligibilidade de fala (pelos participantes-ouvintes, de diferentes partes do mundo) e (2) fonético-acústica (pela pesquisadora, que tem formação em Fonoaudiologia). Os tipos de análise serão melhor detalhados mais adiante.

A Figura 2 a seguir indica a representação da delimitação dos casos analisados no presente estudo:

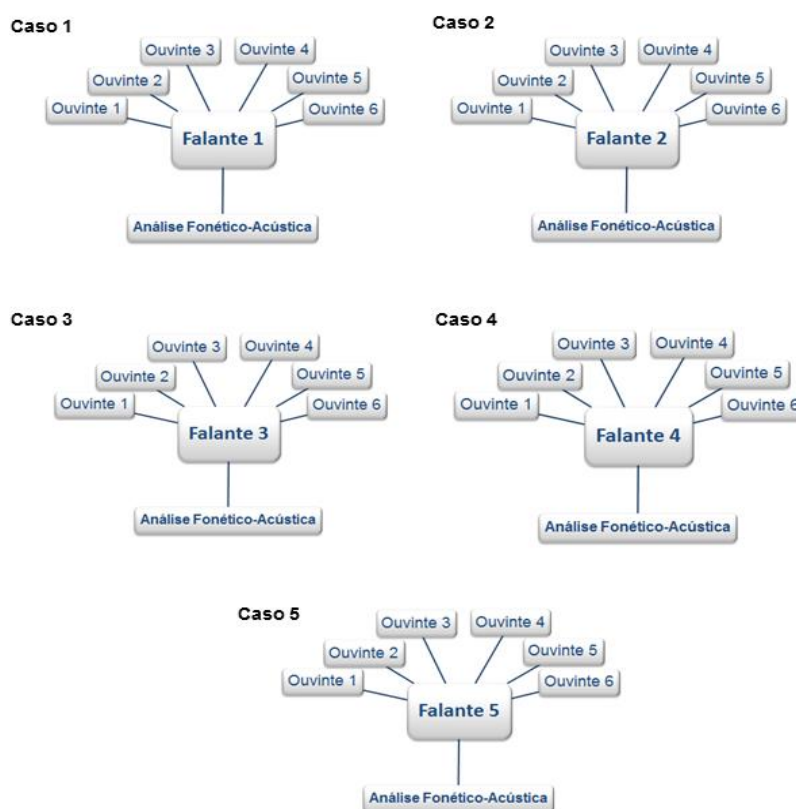


Figura 2 – Delimitação das unidades de análise da pesquisa

2.3 Descrição dos participantes

Esta pesquisa contou com participantes distribuídos em dois grupos: o primeiro, um grupo de produção, incluiu os chamados participantes-falantes, e o segundo, um grupo de percepção, foi composto pelos chamados participantes-ouvintes. A forma de seleção dos participantes seguiu o critério de acessibilidade, que, segundo Gil (1999), é um tipo de amostragem que não se submete a um rigor estatístico e é utilizada em estudos exploratórios e qualitativos, onde o pesquisador seleciona os elementos aos quais tem acesso e admite que, de alguma forma, eles possam representar o universo de seu interesse de estudo.

Na fase de seleção, os participantes foram contatados por correio eletrônico e a coleta de dados foi realizada via online, o que nos foi permitido desfrutar da prerrogativa de garantir respostas rápidas, tanto em nível nacional quanto internacional, o que foi de interesse primordial neste estudo, uma vez que nossos procedimentos incluíram a participação de ouvintes de diferentes nacionalidades, localizados em diferentes partes do mundo. Os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos e metodologia da pesquisa para a geração de dados, sendo que todos aceitaram voluntariamente participar do trabalho, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que consta do Apêndice A.

Os participantes dos dois grupos do estudo preencheram, em um primeiro momento, um breve questionário de caracterização (Apêndices B e C), com informações sobre idade, sexo, formação profissional, experiência com a língua inglesa, dentre outras.

O **grupo de produção** foi composto por cinco brasileiros fluentes em inglês, com idade variando entre 23 e 40 anos, sendo quatro homens e uma mulher, de diferentes áreas de atuação e diferentes graus de experiência com a língua inglesa. Os dados obtidos a partir do questionário de caracterização dos participantes-falantes nos permitiu traçar os perfis de cada um deles, identificados como F1, F2, F3, F4 e F5, conforme explicitado no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Caracterização dos participantes-falantes

Falante	Sexo	Idade	Área de atuação	Experiência com a língua inglesa
F1	F	40	Tecnologia da Informação	Estudou por três anos e mudou-se para os Estados Unidos, onde mora e trabalha há 15 anos.
F2	M	23	Medicina Veterinária	Estuda de forma auto-didata com livros, programas de TV e músicas, mas utiliza pouco a língua no seu dia a dia.
F3	M	25	Estudante de Letras	Estuda inglês através da internet e filmes, além de utilizar e estudar a língua na faculdade.
F4	M	26	Professor de Inglês	Estudou por 12 anos e atualmente é professor de inglês; utiliza a língua com bastante frequência no seu dia a dia.
F5	M	25	Licenciatura – História	Estudou por 17 anos e atualmente utiliza a língua estudando de forma auto-didata.

O **grupo de percepção**, por sua vez, foi composto por seis participantes também falantes de inglês, sendo dois representantes de cada círculo proposto por Kachru (1985)⁶, assim distribuídos: Nova Zelândia e Estados Unidos (círculo interno), Malawi e Índia (círculo externo) e Uruguai e Japão (círculo em expansão). Este grupo constou de dois homens e quatro mulheres, com idades entre 21 e 40 anos e com o seguinte perfil profissional:

Quadro 2 – Caracterização dos participantes-ouvintes

Ouvinte	Sexo	Idade	Círculo	País	Experiência com brasileiros falantes de inglês
O1	F	21	Interno	Nova Zelândia	Conheceu apenas dois brasileiros, com quem tem pouco contato.
O2	F	28	Interno	Estados Unidos	Teve contato com brasileiros quando participou de aulas na UFBA.

⁶ De forma bastante simplificada, Kachru (1985) divide os falantes de inglês no mundo em um modelo de três círculos concêntricos, de acordo com a função que a língua desempenha, seja como língua materna, segunda língua ou língua estrangeira, respectivamente, *inner circle* (círculo interno), *outer circle* (círculo externo) e *expanding circle* (círculo em expansão). Esta discussão será melhor aprofundada no Capítulo 3.

O3	M	40	Externo	Malawi	Possui contato frequente com brasileiros já que trabalha como professor de inglês no Brasil.
O4	M	24	Externo	Índia	Trabalhou com uma equipe de brasileiros pela empresa em que é funcionário.
O5	F	22	Em expansão	Uruguai	Possui amigos brasileiros.
O6	F	26	Em expansão	Japão	Conhece somente uma brasileira.

2.4 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados constou da obtenção de amostras de fala espontânea dos participantes-falantes, do julgamento da inteligibilidade de fala pelos participantes-ouvintes e da avaliação fonético-acústica pela pesquisadora. A seguir, são detalhados os instrumentos e procedimentos utilizados em cada uma destas etapas.

2.4.1 Amostras de fala espontânea

Os participantes do grupo de produção, após preencherem o formulário de caracterização, foram solicitados a gravar uma amostra de fala espontânea, com duração de três a cinco minutos, relatando alguma viagem marcante que tivessem feito.

Cada amostra de fala, segundo os parâmetros de pesquisa, constitui um caso. Os arquivos de áudio foram recebidos por via eletrônica, analisados quanto à sua qualidade e adequação e numerados de forma a serem submetidos ao julgamento dos ouvintes do grupo de percepção.

2.4.2 Julgamento da inteligibilidade de fala

Para análise da inteligibilidade de fala, utilizamos a escala de cinco pontos desenvolvida e validada por Souza, Marques e Scott (2010) a partir da fala de sujeitos com distúrbios fonológicos, no campo da Fonoaudiologia. Embora tenha sido desenvolvida inicialmente para avaliar a inteligibilidade de crianças com

transtornos de fala, consideramos que ela poderia ser útil também para nosso estudo, contemplando-se, assim, a interdisciplinaridade típica das pesquisas em Linguística Aplicada.

A escala em questão contém cinco itens, variando de “nada compreensível” a “totalmente compreensível”, e apresenta a definição de cada um desses descritores para a leitura de um avaliador, aquele que irá julgar a inteligibilidade das amostras de fala em estudo. Acreditamos que esta definição é de extrema relevância pois o que pode ser “totalmente compreensível” para um, por exemplo, pode não ser para outro. Ao explicitar o que cada item na escala representa, é possível tornar as análises de diferentes juízes mais homogêneas.

O Quadro 3 traz a escala conforme originalmente proposta:

Quadro 3 – Escala de inteligibilidade

Item da Escala	Definição para a Leitura do Juiz
nada compreensível	não entendo nenhuma palavra ou a mensagem que está dizendo
pouco compreensível	entendo poucas palavras com dificuldade, mas não o sentido da mensagem
Compreensível	entendo algumas palavras, o suficiente para entender boa parte da mensagem
muito compreensível	é possível entender a maior parte das palavras e a maior parte da mensagem
totalmente compreensível	é possível entender todas as palavras e toda a mensagem

Fonte: Souza, Marques e Scott (2010)

Naturalmente, para atingir os objetivos da pesquisa, a escala foi traduzida para o inglês e adaptada, destacando-se a inteligibilidade em ordem decrescente, ou seja, de “totalmente compreensível” a “nada compreensível”. Uma outra adaptação que realizamos foi a inclusão de números de 1 a 5 para sinalizar cada item da escala (ver Quadro 4 na sequência). Tais adaptações mostraram-se bastante relevantes, conforme é possível verificar nos resultados que serão apresentados mais adiante, no capítulo de análise. É importante observar também que, por tratar-se de uma

pesquisa qualitativa, não buscamos contemplar questões como confiabilidade e fidedignidade, o que é esperado em pesquisas de caráter quantitativo.

Os participantes-ouvintes, após preencherem o formulário de caracterização, foram solicitados a ouvir cada uma das amostras de fala individualmente e selecionar um item da escala abaixo, conforme julgassem aquela emissão mais ou menos inteligível.

Quadro 4 – Escala de inteligibilidade adaptada para a pesquisa

Item	Definition
1 completely intelligible	I can understand all the words and the entire message
2 very intelligible	I can understand most of the words and most part of the message
3 Intelligible	I can understand some words, enough to grasp a good part of the message
4 little intelligible	I can understand few words with difficulty, but not the message
5 Unintelligible	I can't understand any word or the message as a whole

Além da marcação do item na escala, o ouvinte deveria justificar sua escolha, indicando as principais características que guiaram seu julgamento. Este foi um campo livre, de resposta aberta.

Uma vez coletados os dados referentes à análise de inteligibilidade, procedemos à análise fonético-acústica das amostras de fala, visando identificar elementos que pudessem afetar a inteligibilidade de fala, tendo por base o *Lingua Franca Core* (LFC), núcleo de inteligibilidade proposto por Jenkins (2000), a partir de seus estudos empíricos sobre ILF. O LFC ou Núcleo Fonológico de ILF⁷, como exploraremos em detalhes no Capítulo 3, reúne os aspectos de pronúncia que são essenciais em termos de inteligibilidade nas interações em ILF (JENKINS, 2000). No momento, passaremos à apresentação da nossa análise fonético-acústica.

⁷ Núcleo fonológico de Inglês como Língua Franca é o termo utilizado por Becker (2009; 2013) para se referir ao LFC. Por considerarmos a tradução adequada, utilizaremos este termo também em nosso trabalho.

2.4.3 Avaliação fonético-acústica

Tomando outro elemento bastante utilizado pela Fonoaudiologia, realizamos a análise das amostras de fala com base na Fonética Acústica. De forma simplificada, pode-se dizer que a Fonética é uma disciplina que dedica-se ao estudo dos sons de fala do ponto de vista articulatório, acústico e auditivo, ao contrário da Fonologia, que analisa a organização do sistema de sons de uma língua, com foco no traço distintivo (SILVA, 2006). A divisão entre estes dois campos de estudo tem sido questionada, mas como tal discussão vai além dos objetivos da presente pesquisa, nos limitaremos a trabalhar dentro desta divisão clássica.

A Fonética, como sabemos, pode ser dividida em três ramos, dependendo do aspecto focalizado: Fonética Articulatória (articulação e produção dos sons pelo aparelho fonador), Fonética Acústica (propriedades físicas dos sons) e Fonética Auditiva (reação em termos de percepção dos sons da fala). Neste estudo, o foco recai sobre o sinal acústico da fala, uma vez que o material utilizado foram gravações de amostras de fala espontânea (KENT; READ, 2002). Portanto, após análise cuidadosa durante a preparação do trabalho, a Fonética Acústica mostrou-se como o melhor instrumento para a avaliação da emissão dos falantes a partir da onda sonora (sinal acústico).

A Fonética Acústica tem como base a Teoria Acústica da Produção da Fala, proposta por Fant (1970) e também conhecida como Teoria Fonte-Filtro. A premissa básica desta teoria é de que “a onda sonora é a resposta dos sistemas de filtro do trato vocal a uma ou mais fontes sonoras”⁸ (FANT, 1970, p.15), representada, principalmente, pela vibração das pregas vogais que modificam a corrente de ar vinda dos pulmões. De maneira simplificada, essa corrente, ao passar pelo trato vocal (laringe, faringe, cavidade nasal, boca), sofre novas modificações pelo efeito de ressonância, de acordo com as configurações de cada estrutura, produzindo correlatos acústicos que podem ser visualizados em um gráfico denominado *espectrograma*.

O espectrograma corresponde a uma representação gráfica do som, indicando a frequência em Hertz (Hz) no eixo vertical, a duração em segundos no eixo horizontal e a amplitude dos elementos sonoros pelo contraste entre claro e

⁸ *The speech wave is the response of the vocal tract filter systems to one or more sound sources.*

escuro. As informações observadas em um espectrograma correspondem às características acústicas de vogais e consoantes. Um exemplo pode ser observado na Figura 3 a seguir, com a representação gráfica da palavra “English”.

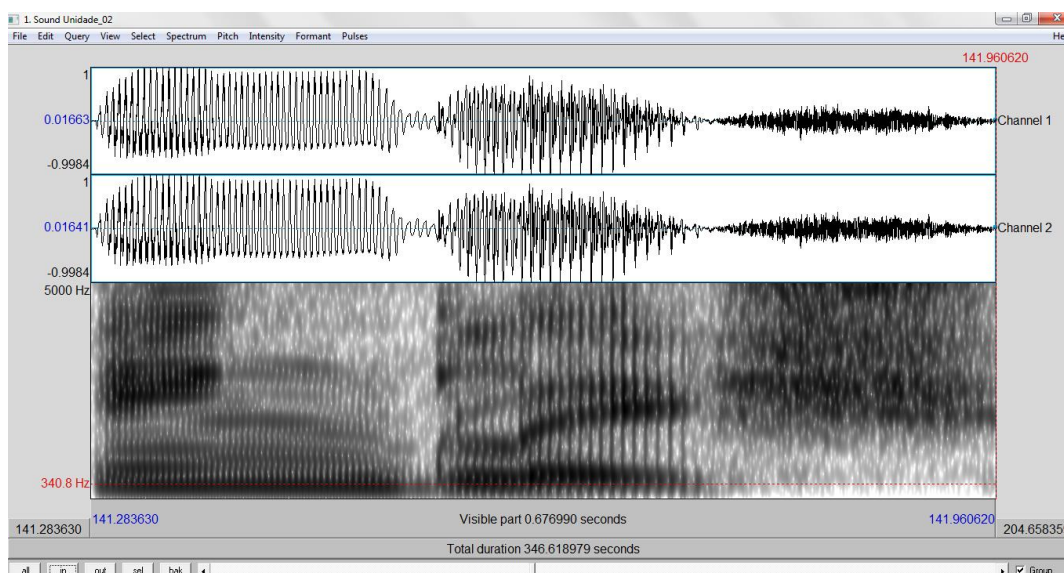


Figura 3 – Espectrograma de banda larga indicando a palavra “English”, gerado a partir do software de análise e síntese de fala PRAAT. Fonte: elaboração própria.

Cada som possui sua identidade acústica, conforme o efeito de ressonância, que amplifica determinadas frequências, sendo melhor observadas através de um espectrograma de banda larga. Tal tema é bastante complexo e não se pretende esgotá-lo aqui⁹. Neste estudo, a utilização da análise fonético-acústica através dos espectrogramas buscou promover uma visualização das emissões dos participantes-falantes, fornecendo dados mais claros e reforçando, desta maneira, a análise dos resultados.

A avaliação fonética, ou seja, a avaliação da produção dos sons pelos participantes-falantes, baseou-se em nossa análise auditiva das emissões. Utilizamos como referência para representação fonética o *International Phonetic Alphabet (IPA)* ou Alfabeto Fonético Internacional (AFI), que fornece um símbolo para indicar cada som ou segmento de fala, como pode ser observado no Anexo A. Este alfabeto foi criado pela Associação Internacional de Fonética (AIF) e pode ser visualizado através do seu sítio eletrônico (<<http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/>>). Em

⁹ Para uma compreensão mais aprofundada do tema, ver Kent e Read (2002) e Russo e Behlau (1993).

nossa pesquisa, por não haver preocupação quantitativa, apresentamos apenas a transcrição das palavras consideradas pertinentes para nossa análise.

Após a análise auditiva e fonética, procedemos à análise acústica de palavras que representassem a pronúncia típica do falante brasileiro de inglês. Para tanto, utilizamos o programa de análise acústica PRAAT (versão 5.3.51), desenvolvido por Paul Boersma e David Weenick, do Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdam¹⁰, em 1995. Como o programa é desenvolvido e atualizado continuamente, a versão utilizada neste estudo data de 2013. Trata-se de um programa computacional gratuito disponível na internet, que visa à análise e síntese de fala e que tem sido explorado extensivamente tanto na pesquisa de fenômenos linguísticos como nas clínicas fonoaudiológicas.

Neste ponto, é importante ressaltar que a nossa análise acústica baseou-se tão somente na observação da produção do som, de maneira exclusivamente qualitativa, permitindo a visualização da emissão dos falantes e identificação das características de produção de suas falas, sendo enfocadas aquelas que a literatura sinaliza como próprias dos falantes brasileiros de língua inglesa (SILVA, 2012; CRUZ, 2003; 2004). Portanto, não foi nosso objetivo promover a análise quantitativa dos dados, tais como formantes, frequência, duração, dentre outros.

2.5 Procedimento de análise dos dados

Os dados obtidos com os instrumentos relatados anteriormente foram analisados utilizando-se o processo de triangulação, através do qual verifica-se a validade do estudo de caso (STAKE, 2005). A triangulação, segundo Yin (2005), consiste na comparação e cruzamento de dados coletados a partir de diferentes fontes de evidência que, ao convergirem, tornam a análise mais acurada. Maffezzoli e Boehs (2008) sinalizam a existência de quatro diferentes formas de triangulação: triangulação de dados (uso de diferentes fontes de dados), triangulação de investigadores (considera o ponto de vista de diferentes investigadores), triangulação teórica (contrasta diferentes perspectivas teóricas) e triangulação metodológica (uso de vários métodos de pesquisa).

¹⁰ Acesso gratuito disponível em <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>.

Das quatro formas de triangulação citadas, duas foram claramente utilizadas neste estudo: triangulação de dados, referente às duas fontes de coleta de dados (inteligibilidade de fala e fonético-acústica), e triangulação de investigadores, já que foram consideradas as avaliações de seis diferentes ouvintes na análise da inteligibilidade de fala. Em outras palavras, os dados obtidos a partir do uso de diferentes fontes de dados, bem como a presença de diferentes olhares sob o mesmo objeto promovido pelo uso de diferentes avaliadores, foram comparados e discutidos, com o objetivo de investigar a relação entre a produção e a percepção de fala de brasileiros falantes de inglês.

A análise de dados conduzida desta forma revelou-se extremamente rica e promoveu discussões importantes sobre o tema, conforme veremos em mais detalhes no Capítulo 5, que apresenta e discute os resultados encontrados.

2.6 Resumo das fases da Pesquisa

Com o objetivo de oferecer uma visão geral do percurso metodológico deste estudo, apresentamos abaixo as fases da pesquisa:

1. Seleção e caracterização dos participantes-falantes;
2. Obtenção de amostras de fala espontânea;
3. Seleção e caracterização dos participantes-ouvintes;
4. Julgamento da inteligibilidade de fala;
5. Avaliação fonético-acústica;
6. Comparação dos dados de produção e percepção.

Em suma, o presente capítulo abordou os aspectos relacionados à metodologia de pesquisa adotada no nosso estudo investigativo. Alguns temas aqui sinalizados serão melhor explorados nos capítulos teóricos que se seguem. Na sequência, apresentamos o primeiro capítulo teórico, “Esse tal de inglês global”, no qual abordaremos a questão da expansão do inglês no mundo e seu papel como língua franca.

CAPÍTULO 3 – ESSE TAL DE INGLÊS GLOBAL

Neste capítulo, o primeiro que engloba a fundamentação teórica do trabalho, enfocaremos a posição atual do inglês no mundo contemporâneo e os processos que o levaram a esta condição, apontando os diferentes nomes pelos quais o fenômeno vem sendo definido e aprofundando naquele considerado mais pertinente para o presente estudo: Inglês como Língua Franca (ILF).

3.1 Inglês e Globalização

Não se faz necessário levantarmos e repetirmos assertivas no tocante ao corrente processo de globalização que se espalha e se consolida pelo planeta afora. Segundo Crystal (2003, p.14),

Nunca houve um tempo em que tantas nações precisassem se comunicar tanto umas com as outras. Nunca houve um tempo em que tantas pessoas quisessem viajar a tantos lugares. Nunca houve tanta demanda de recursos convencionais de tradução e interpretação. Nunca houve tanta necessidade de propagação do bilinguismo, visando aliviar a carga de alguns profissionais. E nunca houve necessidade tão urgente de uma língua global.¹¹

Já deve estar claro para o leitor que o tempo ao qual Crystal (2003) se refere no trecho destacado acima é a contemporaneidade, os tempos atuais, para muitos, os chamados tempos pós-modernos. Ou como afirmam Assis-Peterson e Cox (2007, p.6), “o mundo contemporâneo é o mundo da globalização”.

Esta globalização pode ser entendida, conforme Leffa (2002, p.1), como um “processo no qual capitais, bens, serviços e mão de obra são livremente movimentados ao redor do mundo”¹². Aspectos ideológicos e econômicos estão envolvidos nesse processo, mas o grande fator determinante para a globalização é, sem dúvidas, o desenvolvimento tecnológico, representado principalmente pela internet, que permite a interação entre milhões de pessoas, em diferentes partes do

¹¹ *There has never been a time when so many nations were needing to talk to each other so much. There has never been a time when so many people wished to travel to so many places. There has never been such a strain placed on the conventional resources of translation and interpreting. Never has the need for more widespread bilingualism been greater, to ease the burden placed on the professional few. And never has there been a more urgent need for a global language.*

¹² *Globalization can be defined as a process by which capital, goods, services and labor are freely moved around the globe.*

mundo (ASSIS-PETERSON; COX, 2007; LEFFA, 2002). Como salienta Kumaravadivelu (2006, p.131), a internet se tornou o motor principal da globalização atual e ela “está dirigindo os imperativos da economia, assim como as identidades culturais/linguísticas”. De acordo com o autor, citando o *United Nations Human Development Report*¹³, de 1999, “sem a comunicação global, o crescimento econômico e a mudança cultural não teriam ocorrido em uma velocidade vertiginosa e com um alcance surpreendente” (KUMARAVADIVELU, 2006, p.131). Como é fácil prever, a imensa maioria das interações globais do momento atual desta sociedade globalizada ocorre em uma língua comum, desnacionalizada: a língua inglesa.

Ideologicamente, a globalização produz diferentes interpretações e a língua inglesa encontra-se no âmago desse paradoxo. Para alguns, a globalização representa uma combinação saudável entre democracia e mercado livre e o inglês se revela como língua essencial para a comunicação global, permitindo que nações, instituições e indivíduos de qualquer parte do mundo expressem suas opiniões e identidades. Por outro lado, há quem veja a globalização como a dominância de países centrais, principalmente os Estados Unidos, podendo ser traduzida como um processo de americanização, ou de macdonaldização (RITZER, 1998) do planeta, e o inglês, nesse contexto, representa uma forma de imperialismo (GRADDOL, 2006; LEFFA, 2002).

Sem querer aprofundar esta discussão, o presente trabalho foca sua atenção no inglês para “além de bem e mal”, como sinaliza parte do título do artigo de Assis-Peterson e Cox (2007, p.10), no qual as autoras enfatizam que

[n]ão importa a versão que damos para o fenômeno contemporaneamente notável da expansão do inglês em escala planetária, não importa se nos posicionamos como americanófilos ou como americanófobos, ou se compreendemos que a globalização é algo muito maior do que uma mera americanização do mundo, todos estamos conscientes da imprescindibilidade do inglês no tempo presente.

Mesmo diante de coerente conclusão, vale a pena lembrar que Assis-Peterson e Cox (2007) argumentam que a ubiquidade da língua inglesa tem sido alvo de diferentes interpretações. Por um lado, afirmam as autoras (ver também SIQUEIRA, 2011), temos as “leituras ingênuas”, que explicam a crescente difusão do inglês, assinalando a simplicidade de sua gramática, sua justeza e intimidade

¹³ Relatório das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Humano (1999).

com a mídia, o marketing, a ciência, a técnica, o desenvolvimento, a sua aura de modernidade e, principalmente, “seu caráter neutro como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas” (ASSIS-PETERSON; COX, 2007, p.6; SIQUEIRA, 2011). Por outro lado, destacam-se as chamadas “leituras críticas”, que, na visão de Siqueira (2011, p.334),

desconfiam da aludida neutralidade do inglês, refutam o caráter natural, imparcial e benéfico de sua mundialidade (PENNYCOOK, 1994; 2001), e enxergam a sua expansão como uma estratégia deliberada de dominação, calcada em um projeto de cunho imperialista que, dentre outras coisas, visa à “contínua manutenção de desigualdades estruturais e culturais entre o inglês e outras línguas” (ASSIS-PETERSON; COX, 2007, p.6; PHILLIPSON, 1992, p.47).

Embora sem o objetivo de problematizar a questão, assumimos neste estudo esta posição mais crítica, onde rejeitamos qualquer desigualdade que possa existir entre o inglês e outras línguas.

Sendo assim, explicitamos nosso reconhecimento da importância do papel da língua inglesa no mundo global, sem considerá-la, no entanto, uma língua superior. Isto posto, passamos para nosso próximo tópico, onde analisaremos o processo de expansão do inglês no mundo.

3.2 A expansão do inglês no mundo

Sabe-se que atualmente a língua inglesa possui status de língua global, exercendo domínio sob diversas áreas na comunicação internacional. Graddol (1997) indica que as pré-condições para tal posição de prestígio foram estabelecidas principalmente pela expansão colonial britânica, que levou a língua de seu local de origem para as diversas colônias ao redor do mundo que, de leste a oeste, permaneceram durante muitos anos sob o jugo do “império onde o sol nunca se punha”. De fato, o autor afirma que a principal razão para a expansão de uma língua é o movimento, a migração das pessoas (GRADDOL, 2006).

Nessa linha de pensamento, Walker (2010) explica que, quando as primeiras expedições partiram das Ilhas Britânicas para aquela porção de terra que veio a ser chamada de América, no início do século XVII, aproximadamente, seis milhões de pessoas falavam inglês no seu território, número que passou a cerca de 40 milhões

após novas expedições chegarem à Austrália, nos longínquos rincões da Oceania. Atualmente, na segunda década do século XXI, estima-se que existam um bilhão e meio de falantes de inglês, números já previamente projetados por Crystal (2000; 2003) bem na virada do milênio. Este autor, no entanto, mais tarde apontava para a possibilidade de este valor ser revisado em direção a dois bilhões (CRYSTAL, 2008), o que nos parece um número bastante plausível, uma vez que já é possível afirmar que, caso consideremos os diferentes níveis de proficiência em língua inglesa, o número de usuários atinge facilmente um terço da humanidade.

Mas o que leva uma língua natural a ser tornar uma língua global? Ao contrário do que se pode imaginar, não são suas características intrínsecas ou o número de falantes que faz com que uma língua seja considerada global, mas sim o poder que estes falantes possuem, como sinaliza Crystal (2003; 2006), ao afirmar que a língua inglesa expandiu-se exatamente devido ao poder político, tecnológico, econômico e cultural dos seus falantes.

De maneira simplificada, podemos afirmar que o poder político é evidenciado pelo colonialismo britânico, que levou o inglês para o mundo no século XVII, tendo atingido seu auge no século XIX¹⁴. O poder tecnológico está relacionado à Revolução Industrial e às descobertas científicas dos séculos XVII e XVIII, que promoveram um crescimento sem precedentes da língua inglesa. O poder econômico, por sua vez, refere-se ao crescimento dos Estados Unidos a partir do final do século XIX e, em especial, após a Segunda Guerra Mundial, superando a Inglaterra e contribuindo fortemente para o aumento do número de falantes no mundo (RAJAGOPALAN, 2012). Por fim, o poder cultural expressivo dos séculos XX e XXI é manifestado pela influência norte-americana em diversas esferas, como música, internet, filmes, dentre outras. Graddol (1997), de maneira sintética, argumenta que a posição do inglês no mundo hoje se deve à expansão do Império Britânico como potência colonial e a emergência dos Estados Unidos como potência econômica do século XX.

¹⁴ Para uma compreensão mais detalhada, recomendamos a leitura de Siqueira (2008), que dedica um capítulo de sua tese à análise da história da língua inglesa.

Sobre o poder alcançado pelos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial e a expansão do inglês no mundo, Siqueira (2008, p.55) comenta que,

[d]o período do pós-guerra em diante, os Estados Unidos angariaram e concentraram grande poder econômico, político e militar, além de inimaginável influência cultural. Com a queda do muro de Berlim, em 1989, o país se transformou numa superpotência hegemônica, encontrando o inglês campo fértil para sua expansão global.

A afirmação acima está em consonância com as ideias de Crystal (2003; 2006), que, na sua elaboração, explica ainda que uma língua adquire o status de língua global quando possui um papel especial reconhecido em diversos países. Entretanto, a noção de “papel especial” assume diferentes facetas. Ela é bastante clara quando se consideram os países que possuem a língua como língua materna (círculo interno), bem como aqueles que a têm como língua oficial (círculo externo). Diferentemente, nos países onde o inglês não tem status oficial (círculo em expansão), a língua adquire um papel especial quando se torna prioridade na política de ensino de língua estrangeira, representando a principal língua a ser ensinada nas escolas ou a mais buscada por adultos na educação continuada. Isso acontece em mais de 100 países, incluindo o Brasil, transformando o inglês na língua mais estudada e aprendida no planeta, hoje já com mais de um bilhão de falantes com diferentes níveis de proficiência.

Os conceitos de círculo interno (*inner circle*), externo (*outer circle*) e em expansão (*expanding circle*), referidos acima e na introdução do Capítulo 1, foram propostos por Kachru (1985), considerando o contexto de expansão da língua inglesa no mundo. Este autor propõe um modelo de três círculos concêntricos para representar os falantes de inglês em uma escala global, conforme observa-se na Figura 4 a seguir, que ilustra também as estimativas do número de falantes em cada círculo (CRYSTAL, 2003, p.61):



Figura 4 – Modelo de três círculos concêntricos de Kachru (1985), com estimativas de número de falantes em milhões. Fonte: Crystal (2003, p.61)

No círculo interno, estão incluídos os países nos quais os falantes têm o inglês como língua materna, a exemplo da Inglaterra, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Canadá e Irlanda. Estes usuários são considerados falantes nativos e, conseqüentemente, o inglês funciona como língua nativa (*English as a Native Language – ENL*), devido à migração de falantes originários das Ilhas Britânicas para estes países. Em verdade, boa parte destes países foram colônias britânicas em um período anterior à formação do outrora poderoso Império Britânico.

Já os países do chamado círculo externo representam também as ex-colônias do Império Britânico na África, Ásia e Caribe, sendo que, neste caso, o inglês foi transplantado e usado como língua de negócios e administração, onde, atualmente, é língua oficial e funciona como segunda língua dos falantes (*English as a Second Language – ESL*). Estão aqui incluídos países como Índia, Nigéria, Paquistão, Malawi, dentre outros, onde o inglês possui um status especial e exerce um uso significativo, mesmo não sendo a primeira língua dos falantes. Nesses espaços, o paradigma do *World Englishes*, concebido por Kachru (1985) e Kachru e Nelson (2001), considera que os ingleses ali florescidos são ingleses “nativizados”, isto é, ainda que ligados a uma certa “ancestralidade” linguístico-cultural, estes novos ingleses já carregam no seu bojo as influências, as marcas e as cores das culturas locais.

Finalmente, o círculo em expansão compreende os países em que o inglês não possui função oficial, não sendo nem língua materna nem segunda língua. Nestes países, o inglês é estudado e usado como língua estrangeira (*English as a Foreign Language – EFL*), a exemplo do Brasil, Japão, Uruguai, Portugal, dentre tantos outros (GRADDOL, 1997; GRADDOL, 2006; WALKER, 2010).

Não podemos deixar de observar que, apesar de amplamente divulgada e conhecida, essa classificação em círculos concêntricos já não dá conta do panorama atual, pois os movimentos migratórios da atualidade promoveram uma redefinição destas fronteiras. Como diz Jenkins (2014, p.28),

[p]esquisadores na área de ILF enxergam o inglês tão ligado à globalização que não é mais realista falar em ingleses, sejam eles nativos, nativizados ou estrangeiros, apenas em sentido nacional¹⁵.

Assim, quando fala em *World Englishes*, Jenkins (2009, p.200) refere-se a todas as variedades locais de inglês, independentemente dos círculos propostos por Kachru (1985).

Graddol (1997) também questiona o modelo de círculos, especialmente quanto à forma com que o falante nativo é colocado no centro do uso da língua. Esta concepção traz implicações perigosas, como a ideia de que o inglês “correto” e os melhores professores estão nos países onde o idioma é língua materna. O próprio Kachru (1985) aponta, quanto às normas linguísticas, que os países do círculo interno seriam os “provedores” da norma (*norm-providing*), os do círculo externo seriam os “implementadores” (*norm-developing*), enquanto os países do círculo em expansão seriam os “dependentes” da norma (*norm-dependent*). Essa categorização é bastante questionável atualmente, pois, com uma população cada vez mais crescente de falantes não-nativos, é irrealista considerar o falante nativo como modelo, referência ou “centro de gravidade”.

Conforme Crystal (2006; 2008), com a expansão do inglês no mundo, o “centro de gravidade” da língua, mesmo a contragosto dos supostos proprietários da língua inglesa, passou dos falantes nativos para os falantes não-nativos:

[...] existe evidentemente uma grande mudança ocorrendo no centro de gravidade da língua. De um tempo (na década de 1960) quando se acreditava que a maioria dos falantes eram falantes nativos, temos agora uma situação onde existe um maior número de falantes

¹⁵ELF researchers see English so bound up with globalization that it is no longer realistic to talk of Englishes, be they native, nativized, or foreign, only in a national sense.

de inglês como segunda língua e um número ainda maior que o falam como língua estrangeira. Quando combinamos estes dois últimos grupos, a proporção de nativos e não-nativos é de cerca de 1:3 (CRYSTAL, 2006, p.425)¹⁶

Tem-se, portanto, que para cada falante nativo, existem três ou, o que se considera atualmente, quatro falantes não-nativos (CRYSTAL, 2008), número que tende a aumentar com o passar dos anos. Levando em conta este cenário, Graddol (1997, p.10) sinaliza, portanto, que o desenvolvimento da língua inglesa não está mais atrelado aos usuários nativos, mas aos usuários não-nativos que, por serem em maior número, promovem maior quantidade de interações comunicativas e, desta forma, representam os maiores irradiadores de mudanças significativas na língua inglesa. Nas palavras do autor,

[f]alantes nativos podem sentir que a língua “pertence” a eles, mas serão aqueles que falam inglês como segunda língua ou como língua estrangeira que irão determinar o seu futuro no mundo¹⁷.

Nesse pormenor, Graddol (1999) dedica ainda especial atenção ao tema em artigo intitulado *O declínio do falante nativo*, no qual ele expõe três perspectivas que levam a esta condição. Primeiramente, o autor destaca a questão demográfica, ou seja, o número de falantes nativos da língua está diminuindo, ao passo que o número de não-nativos é cada vez maior, como ilustrado na Figura 5 abaixo:

¹⁶ [...] there is evidently a major shift taking place in the center of gravity of the language. From a time (in the 1960s) when the majority of speakers were thought to be first-language speakers, we now have a situation where there are as many people speaking it as a second language, and many more speaking it as a foreign language. When we combine these two later groups, the ratio of native to non-native is around 1:3.

¹⁷ Native speakers may feel the language “belongs” to them, but it will be those who speak English as a second or foreign language who will determine its world future.

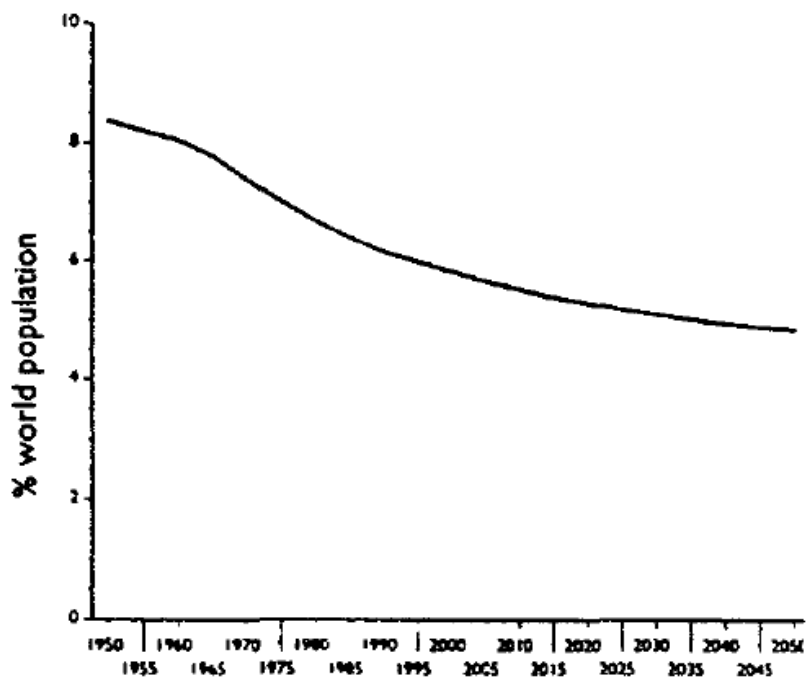


Figura 5 – Declínio dos falantes nativos de inglês como uma proporção da população mundial. Fonte: Graddol (1999, p.61).

Como se pode observar, em 1950, mais de 8% da população mundial falava inglês como língua materna. Em 2050, esse número girará em torno de 5%. Em segundo lugar, complementa Graddol (1999), o status do inglês como língua global sinaliza que ela é utilizada principalmente em contextos multilíngues na comunicação entre não-nativos, embora, como apontam vários estudiosos do fenômeno de expansão global do inglês, na condição de ILF, os nativos não são excluídos (cf. COGO 2008, 2012; COGO; DEWEY; JENKINS, 2011; JENKINS, 2007; 2014; SEIDLHOFER, 2011, entre outros).

Seguindo esta linha de raciocínio, um outro ponto importante a ser observado quando se fala em inglês como língua franca global e que muitas vezes é desconsiderado, especialmente por falantes monolíngues (falantes nativos), é que ninguém é “dono” da língua inglesa, nem os britânicos, com quem a língua começou há 1500 anos, nem os americanos, que compõem a maior população de falantes nativos na atualidade (CRYSTAL, 2000; SEIDLHOFER, 2011). Na verdade, ideológica e politicamente falando, todos aqueles que dominam a língua são usuários legítimos e têm o direito de utilizá-la como desejarem, dela se apropriando, acrescentando novas possibilidades, modificando, criando e até mesmo ignorando partes e características relacionadas a uma determinada variante (CRYSTAL, 2000; 2003; 2006).

Desta forma, a evolução da língua inglesa será influenciada não somente por falantes nativos, mas também e, principalmente, por aqueles que a falam como

segunda língua ou língua estrangeira, como pode-se constatar pela observação de Crystal (2006, p.432):

E como o número cresce e falantes de segunda língua e língua estrangeira ganham prestígio nacional e internacional, usos que anteriormente eram criticados como “estrangeiros” – como novas regras de concordância (terceira pessoa), variações em número (*furnitures, kitchenwares*) ou uso verbal (*he be running*) – podem tornar-se parte do discurso formal de uma localidade, e pode até mesmo aparecer na escrita¹⁸.

O trecho acima evidencia que muitos elementos presentes na fala de não-nativos e que são muitas vezes rejeitados e penalizados pelo chamado “inglês padrão” ou por aqueles que aderem de forma incondicional aos ditames da suposta “norma pura” de uma língua, poderão tornar-se valorizados e legitimados. De fato, em publicação mais recente, Crystal (2010) destaca que cada vez mais atenção tem sido dada às características regionais de pronúncia, ortografia, gramática, vocabulário etc., as quais se diferenciam positivamente e deshierarquizam o status de falantes de inglês de diferentes partes do mundo. Assim, além do inglês americano e do britânico, têm-se outros “ingleses” florescendo pelos quatro cantos do planeta, mudando e remodelando a real face desta língua, expressando e explicitando de forma contundente a identidade local dos falantes.

3.3 Que inglês falamos?

Diante da expansão do inglês e do seu status de grande prestígio no mundo atual, diversas denominações foram criadas para se fazer referência a este fenômeno, cada qual carregada de concepções teóricas particulares e específicas. Conforme Erling (2005, p.40), estas nomenclaturas surgiram de “um desejo de definir uma nova ideologia para o Ensino da Língua Inglesa (*English Language Teaching – ELT*) que mais precisamente reflita a natureza global da língua e seus diversos usos e usuários”¹⁹.

¹⁸ *And as numbers grow and second/foreign-language speakers gain in national and international prestige, usages which were previously criticised as ‘foreign’ – such as new concord rules (third person), variations in countability (furnitures, kitchenwares) or verb use (he be running) – can become part of the standard educated speech of a locality, and may eventually appear in writing.*

¹⁹ *[...] a desire to shape a new ideology for English language teaching (ELT) which more accurately reflects the global nature of the language and its diverse uses and users.*

Dentre as denominações utilizadas, destacam-se: Inglês como Língua Global (CRYSTAL, 1997; 2003), Inglês como Língua Internacional (WIDDOWSON, 1997; MCKAY, 2002), *World Englishes* (KACHRU, 1985; KIRKPATRICK, 2007), *World English* (RAJAGOPALAN, 2004; 2012; BRUTT-GRIFFLER, 2002); e, mais recentemente, Inglês como Língua Franca (COGO, 2008; 2012; JENKINS, 2007; 2014; WALKER, 2010; SEIDLHOFER, 2001; 2011).

Sem a pretensão de esgotar o assunto, comentamos aqui brevemente o uso destas denominações, enfocando em especial *World Englishes* (WEs), *World English* (WE, no singular) e Inglês como Língua Franca (ILF), por serem os termos de nosso maior interesse e também os mais comumente confundidos nos últimos anos.

O termo “inglês como língua global”, como utilizado por Crystal (1997; 2003) refere-se ao papel que a língua inglesa exerce no mundo globalizado, conforme já explanado anteriormente. Por sua vez, “inglês como língua internacional” ressalta o uso do inglês entre falantes de todo o planeta, em diferentes contextos sociolinguísticos e socioculturais. Jenkins (2000), inicialmente, adotou o termo “inglês como língua internacional” para referir-se àquilo que agora denomina “inglês como língua franca”, como exploraremos de forma mais aprofundada a seguir.

Antes, no entanto, é importante citar Rajagopalan (2012) que, em artigo de tom provocador, questiona: *World Englishes ou World English: faz alguma diferença?*. Segundo o autor, sim, pois diferentes denominações implicam diferentes representações e atitudes com relação ao fenômeno. Fazendo referência ao Latim, que se fragmentou em várias línguas, hoje classificadas como românicas, Rajagopalan (2012, p. 384) argumenta que,

[c]om *World English* (no singular), nós estamos enfatizando a unidade da língua. Nós estamos enfatizando que, não importam as forças de divisão que possam ocorrer, a necessidade dos diferentes países de falar uns com os outros é muito maior do que antes, graças principalmente ao processo da globalização em curso [...]. Com *World Englishes*, pelo contrário, estamos reconhecendo e chamando atenção para as diferenças e, com isso, inconscientemente, a ideia de que a língua terá o mesmo destino que o Latim²⁰.

²⁰*With World English (in the singular) we are emphasizing the unity of the language. We are emphasizing that, no matter what divisive forces may be at work, the need for the different countries to talk to one another is far greater than ever before, thanks principally to the process of globalization in progress [...]. With World Englishes, by contrast, we are recognizing and drawing attention to the differences and, with it, unwittingly, the idea that the language will meet the same fate as Latin.*

Em outras palavras, sem deixar de considerar as particularidades do inglês falado em todo mundo, Rajagopalan (2012) reforça o sentido de unidade da língua, pelo qual pessoas espalhadas em diferentes regiões do planeta convergem para um ponto em comum, que permite sua aproximação, justamente o uso da língua inglesa, o *World English*.

Com relação ao termo grafado no plural, *World Englishes*, Jenkins (2006, p.159) pontua as considerações de Bolton (2004), discutindo três diferentes interpretações. Primeiramente, a expressão serve como um termo geral para se referir a todas as variedades de inglês espalhadas pelo mundo e às abordagens pelas quais elas têm sido descritas e analisadas. Nessa mesma linha de raciocínio, outros termos como inglês internacional e inglês global também são utilizadas. Em segundo lugar, num sentido mais restrito, o termo *World Englishes* refere-se aos chamados novos ingleses (*new Englishes*, também intitulados ingleses nativizados ou indigenizados) nas regiões da África, Ásia e Caribe, ou seja, países do círculo externo de Kachru (1985), concepção reconhecida em todos os círculos acadêmicos da área de aquisição de segunda língua como o “paradigma do *World Englishes*”. Por último, *World Englishes* é o termo também usado para representar a abordagem pluricêntrica do estudo do inglês. Em nosso trabalho, quando falamos em WEs, estamos nos referindo à segunda interpretação.

É importante observar que a noção de *World Englishes* (WEs) tem sido bastante confundida com o conceito de Inglês como Língua Franca. Embora tenham muitos elementos em comum, existem diferenças que devem ser esclarecidas. Como bem pontua Cogo (2008; 2012), em artigos dedicados a sanar algumas interpretações errôneas sobre o tema, o conceito de ILF aproxima-se do conceito de WEs na medida em que rejeita a ideologia do falante nativo e o modelo monocêntrico de uso da língua, enfatizando a pluralidade do inglês e a diversidade da língua em diferentes contextos, além da irrefutável premissa de que a língua muda e se adapta a novos ambientes o tempo inteiro. No entanto, o conceito de WEs está atrelado à identificação de variedades nativizadas do inglês provenientes das antigas colônias britânicas (inglês indiano, inglês nigeriano, etc.), o que não acontece com ILF, cujos contextos de uso não estão geograficamente localizados em alguma região específica. Ao contrário, segundo Cogo (2012, p.97-98),

[o]s encontros em ILF, por exemplo, podem ocorrer na internet, no Facebook, assim como em um escritório em Beijing, em uma palestra

universitária em Amsterdã, em uma barraca de mercado em Marrakesh, em um bar em Milão ou em um albergue em São Paulo. ILF, então, é falado como uma língua de contato por falantes de diferentes origens linguístico-culturais, onde tanto a comunidade de falantes como a localização podem ser mutáveis e não estão, geralmente, associadas a uma nação específica²¹.

Em outras palavras, o inglês está tão intrinsecamente ligado à globalização, em um mundo tão interconectado, que não é mais possível falar em variedades tradicionais da língua, mas sim em um inglês “fluido, flexível, contingente, híbrido e profundamente intercultural” (JENKINS; COGO; DEWEY, 2011, p.284)²².

Ao utilizar o termo Inglês como Língua Franca, Jenkins (2009, p.200) refere-se a um contexto específico de comunicação, no qual o inglês funciona “como uma língua franca, a língua comum de escolha, entre falantes provenientes de diferentes experiências linguístico-culturais”²³. A autora continua esclarecendo que,

[n]a prática, isso geralmente significa que o inglês é usado entre falantes não-nativos de inglês do círculo em expansão, simplesmente porque estes falantes existem em maior número que falantes de inglês dos outros dois contextos. No entanto, isso não significa que falantes dos círculos interno e externo estejam excluídos de uma definição de ILF²⁴ (JENKINS, 2009, p.201).

Nesta perspectiva, os falantes nativos de inglês não são desconsiderados nas interações em ILF, mas seu papel é redimensionado no sentido de que suas normas não são tidas como referência para os demais falantes. Ao contrário, todo e qualquer falante de inglês como língua franca deverá estar envolvido em uma negociação mútua, onde existem esforços e ajustes de todas as partes para se alcançar a comunicação mais eficiente possível (JENKINS, 2000; 2007; 2009).

Como mencionado nos primeiros capítulos da dissertação, apesar da profusão de termos, conceitos e paradigmas relativos ao fenômeno de expansão

²¹ *ELF encounters, for example, can take place over the internet, on Facebook, as well as in an office in Beijing, a university lecture in Amsterdam, a market stall in Marrakesh, a bar in Milan, and a hostel in São Paulo. ELF, then, is spoken as a contact language by speakers from varying linguacultural backgrounds, where both the community of speakers and the location can be changing and are often not associated with a specific nation.*

²² *[...] English as fluid, flexible, contingent, hybrid and deeply intercultural.*

²³ *[...] English being used as a lingua franca, the common language of choice, among speakers who come from different linguacultural backgrounds.*

²⁴ *In practice this often means English being used among non-native English speakers from the Expanding Circle, simply because these speakers exist in larger numbers than English speakers in either of the other two contexts. However, this is not intended to imply that Outer or Inner Circle speakers are excluded from a definition of ELF.*

global do inglês, adotamos como base teórica o conceito de Inglês como Língua Franca.

A escolha pelo termo e paradigma ILF neste trabalho de investigação se deve ao fato de que ele enfatiza alguns aspectos importantes que não são destacados com o uso de outros termos como Inglês como Língua Global ou Inglês como Língua Internacional ou até mesmo *World Englishes*, embora tenha, em relação a este último, muitos elementos em comum. Como afirma Jenkins (2000, p.11):

ILF enfatiza o papel do inglês na comunicação entre falantes de diferentes L1, ou seja, a principal razão para aprender inglês hoje; o termo sugere a ideia de uma comunidade em oposição a estranheza; enfatiza que as pessoas têm algo em comum, em vez de diferenças; implica que “misturar” línguas é aceitável... e, portanto, que não há nada intrinsecamente errado em manter certas características da L1, como sotaque; finalmente, o nome latino remove simbolicamente a posse do inglês por parte dos anglófonos [...]²⁵

Ao destacar a questão da importância das características da L1, principalmente o sotaque, a autora dedica especial atenção a uma característica de variação linguística focalizada na pronúncia, elemento que tem sido alvo da maior parte das pesquisas em ILF e que é de interesse primordial no presente estudo.

Desta forma, damos sequência ao capítulo explorando em mais detalhes as questões teóricas relacionadas ao Inglês como Língua Franca, dando especial destaque aos trabalhos de Jenkins (2000; 2007; 2014) que, mesmo diante de críticas sobre suas investigações teórico-práticas, é referência obrigatória quando se estuda pronúncia e ILF.

3.3.1 Inglês como Língua Franca – *English as a Lingua Franca*

Antes de discutir o conceito de Inglês como Língua Franca (ILF), é preciso definir o que se entende pelo termo “língua franca”. Jenkins, professora e pesquisadora da Universidade de Southampton, Inglaterra, presidente do *Centre for Global Englishes*, e uma das principais proponentes da área, explica que

²⁵ *ELF emphasizes the role of English in communication between speakers from different L1s, i.e., the primary reason for learning English today; it suggests the idea of a community as opposed to alienness; it emphasizes that people have something in common rather than their differences; it implies that ‘mixing’ language is acceptable... and thus that there is nothing inherently wrong in retaining certain characteristics of the L1, such as accent; finally, the Latin name symbolically removes the ownership of English from the Anglos (...).*

[e]m essência, uma língua franca é uma língua de contato utilizada entre pessoas que não compartilham da mesma língua materna e é comumente entendida como uma segunda (ou subsequente) língua de seus falantes²⁶ (JENKINS, 2007, p.1).

Considerando o atual papel da língua inglesa, conforme apresentado e discutido anteriormente, tem-se que a maior parte das interações em inglês na sociedade global atual ocorre entre falantes não-nativos (círculos externo e em expansão), para os quais esta língua se torna então o principal, ou único, meio de comunicação. Desta forma, é inegável o papel do inglês como língua franca no mundo contemporâneo (JENKINS, 2007; SEIDLHOFER, 2011).

Entretanto, as pesquisas em ILF são relativamente recentes, como bem observam Jenkins, Cogo e Dewey (2011). Os autores esclarecem que os estudos na área ganharam força e visibilidade com os trabalhos de Jenkins (2000), com seu estudo empírico de pronúncia em ILF, e Seidlhofer (2001; 2011), onde a autora discute o papel do ILF como “o uso contemporâneo mais vasto do inglês mundialmente”²⁷ (SEIDLHOFER, 2001, p.133). A partir dessas publicações, profissionais da área da Linguística Aplicada, bem como de ensino da língua inglesa passaram a prestar mais atenção nesse novo fenômeno, concebido sob o termo Inglês como Língua Franca.

Esse novo e poderosíssimo papel exercido pela língua inglesa é bem ilustrado quando se considera, por exemplo, a crescente demanda pelo turismo internacional, especialmente entre países onde o inglês não é língua materna. Graddol (2006) destaca que essa demanda representaria $\frac{3}{4}$ (três quartos) de todas as viagens internacionais (ver Figura 6 a seguir), o que demonstra um aumento cada vez mais premente da necessidade do uso do inglês como língua franca mundial.

²⁶ *In essence, a lingua franca is a contact language used among people who do not share a first language, and is commonly understood to mean a second (or subsequent) language of its speakers.*

²⁷ *[...] the most extensive contemporary use of English worldwide.*

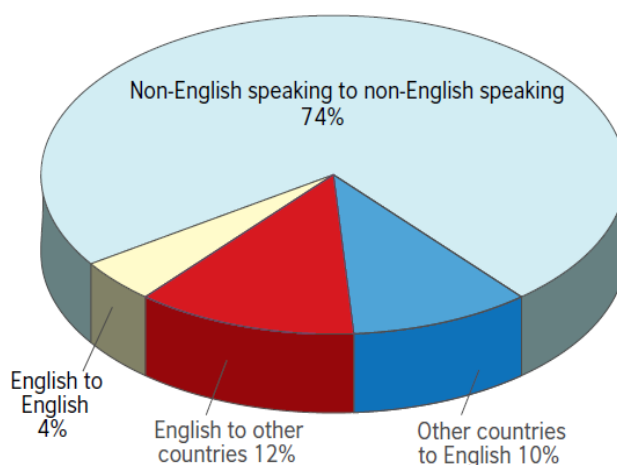


Figura 6 – O turismo internacional está crescendo, mas a maioria das interações não envolve um falante nativo de inglês.²⁸ Fonte: Graddol (2006, p.29).

Como sabemos, a demanda global em relação ao ILF não restringe-se à área do turismo, ao contrário, ela emerge nos mais diversos e variados encontros que envolvem, entre outras coisas, a comunicação intercultural, tais como encontros de negócios, conferências, feiras, interações entre pilotos e pessoal de terra em voos internacionais, só para citar alguns. Nestas situações, o principal objetivo é usar a língua comum a todos os participantes para se alcançar a melhor e mais completa comunicação possível, onde as normas são determinadas pelas exigências e possibilidades interativas dos falantes envolvidos, e não dos falantes nativos, que são, em geral, minoria (SEIDLHOFER, 2011).

Nesta mesma perspectiva, Jenkins (2007, p.2) destaca que atualmente o ILF pode ser entendido como “um inglês emergente que existe em seu *próprio direito* e que está sendo descrito em seus *próprios termos*” (ênfases no original)²⁹, ou seja, ILF é uma língua de contato que não depende das normas do falante nativo (inglês britânico ou americano), mas é determinada e modificada por seus diversos falantes pelo mundo, que são predominantemente falantes não-nativos (JENKINS, 2007; SEIDLHOFER, 2011; WALKER, 2010). Ou como salienta Jenkins (2014, p.23), na sua mais recente obra, ao afirmar que o inglês se diferencia de qualquer tipo anterior de língua franca uma vez que seus falantes,

[e]m uma dada interação, são provenientes de um vasto conjunto potencial de primeiras línguas que abrange todo o círculo em expansão, embora não excluindo membros dos círculos interno e

²⁸ *Tourism is growing, but the majority of human interactions do not involve an English native speaker. (Data retrieved from World Tourism Organisation).*

²⁹ *[...] an emerging English that exists in its **own right** and which is being described in its **own terms**.*

externo (KACHRU, 1996), e que, portanto, têm que estar prontos a qualquer momento para adaptar seu discurso³⁰.

É importante comentar, como observa Schmitz (2012), que o termo “emergente” utilizado por Jenkins (2000), indica que o ILF não é um produto acabado, mas algo que tem sido estudado e desenvolvido cada vez mais, especialmente nos últimos anos. Exemplo desse desenvolvimento é a existência de *corpora* que reúnem resultados de pesquisas de base empírica de interações em ILF, como o *Vienna-Oxford International Corpus of English – VOICE* (disponível em <<http://www.univie.ac.at/voice/>>), que contém um grande número de transcrições de interações naturais e espontâneas entre falantes de diferentes línguas maternas e representa a “compilação de um *corpus* possível e viável dedicado a capturar o uso do ILF a partir de uma variedade de primeiras línguas e uma diversidade de domínios”³¹ (SEIDLHOFER, 2004, p.219).

Para citar uma amostra de pesquisa empírica realizada dentro da perspectiva de ILF, Cogo (2012, p.101) apresenta e discute três casos de interações em ILF a partir de um *corpus* de dados de conversações naturais no ambiente de trabalho (para mais informações, ver COGO; DEWEY, 2012), dos quais destacamos o exemplo abaixo, onde a autora traz elementos essenciais para a compreensão do uso de ILF. Nesta interação, três colegas conversam sobre as relações de trabalho no escritório:

(Isabel: portuguesa; Nana: japonesa; Anna: italiana)

Isabel: *I mean we don't have problems... we all get on yeah*

Nana: *yeah I think we are all on the same... on in... ah: what is it...on the same boat?*

Isabel: *yeah?*

Nana: *yeah?... how do you say? On the same boat?*

Isabel: *I don't know yeah... on the same boat I think... on the bus on the train*

Anna: *anyway we understand you*

³⁰ [i]n any given interaction are drawn from a vast potential first language pool that encompasses the whole of the Expanding Circle, while not excluding members of the Inner and Outer Circles (Kachru 1996), and who therefore have to be ready at any time to adapt their speech accordingly.

³¹ [...] compilation of a sizeable and feasible corpus dedicated to capturing the use of ELF from a variety of first language backgrounds and a range of domains.

Isabel: *yeah... we are all foreigners*

Nana: *All foreigners (laughing)*

Como sinaliza Cogo (2008, p.101), este é um exemplo extremamente rico do que as pesquisas em ILF têm demonstrado. A autora analisa, nesta interação, que a participante Nana gostaria de comentar que todas as colegas estão “no mesmo barco” (*in the same boat*), mas demonstra incerteza quanto ao uso correto da preposição (*in the same boat* ou *on the same boat*), pedindo ajuda a Isabel. Isabel, por sua vez, demonstra não querer assumir autoridade quanto à expressão e afirma não saber (*I don't know*), ao mesmo tempo em que brinca com o sentido da frase, oferecendo outras alternativas à palavra “barco” (*boat*), como ônibus (*bus*) ou trem (*train*). A participante Anna, então, comenta que, independentemente disso, elas compreendem a mensagem (*we understand you*), refletindo o aspecto primordial da comunicação que é a compreensão mútua. Em seguida, Isabel concorda com Anna e justifica essa compreensão mútua, afirmando que “todas são estrangeiras” (*we are all foreigners*), revelando, então, a importância da questão identitária, ou seja, a forma como todas se reconhecem e identificam a si mesmas.

Cogo (2008) observa ainda que é justamente por serem estrangeiras ou usuárias não-nativas que a comunicação entre as participantes é facilitada, aumentando sua compreensão. É interessante notar também que a participante Isabel afasta a necessidade de se utilizar a preposição “correta” e usa sua criatividade para oferecer outras opções. Nas palavras de Cogo (2008, p.102), a “ludicidade e criatividade na interação falada mostram a riqueza da língua assim como as atitudes positivas de ser não-nativo”³². Mais adiante, a autora resume as observações desta interação, afirmando que “este uso criativo da língua e a co-construção do significado são elementos-chave na comunicação em ILF”³³.

Como podemos observar, a perspectiva de ILF traz grandes vantagens, notadamente no que se refere ao empoderamento de seus falantes. No entanto, não podemos deixar de discutir também a desconfiança com que muitos linguistas tradicionais têm lidado com o crescente debate sobre ILF.

³² *Playfulness and creativity in spoken interaction show the richness of the language as well as the positive attitudes to being non-native.*

³³ *This creative use of the language and co-construction of meaning are key elements of ELF communication [...].*

Para citar um exemplo, é importante esclarecer que, embora pesquisadores na área busquem identificar e sistematizar elementos característicos da comunicação em ILF, o objetivo não é descrever ou codificar uma única variedade de ILF, até mesmo porque a ideia da existência de uma variedade monolítica de inglês é totalmente rejeitada por esta perspectiva (JENKINS, 2006). Pelo contrário, como salienta Jenkins (2006, p.161), os estudiosos de ILF acreditam que

qualquer pessoa participando de uma comunicação internacional precisa conhecer, e ter em seu repertório linguístico para usar como e quando apropriado, certas formas (fonológica, lexicogramatical, etc.) que são amplamente utilizadas e amplamente inteligíveis entre grupos de falantes de inglês de diferentes experiências linguísticas³⁴.

Portanto, as pesquisas em ILF buscam identificar e reconhecer estas formas com o objetivo não de limitar, mas justamente potencializar as interações em língua inglesa em tais contextos. Neste ponto, ao falarmos em “forma”, faz-se necessário comentar sobre a tradicional dicotomia entre “forma” e “função”, algo que parece não acontecer na perspectiva de ILF. Como Cogo (2008, p.60) esclarece, o ILF opera nestas duas instâncias, uma vez que

a pesquisa em ILF até o momento demonstrou a relação entre forma e função e destacou a maneira pela qual elas são mutuamente constitutivas, ou seja, motivos funcionais podem levar a mudanças na forma (léxico, gramática e fonologia) e, por sua vez, inovações lexicogramaticais geram impactos sobre estratégias pragmáticas (COGO; DEWEY, 2006). Nesse sentido, forma e função estão intimamente ligadas³⁵.

Como é possível inferir pelo trecho destacado acima, léxico, gramática, fonologia e pragmática são os níveis linguísticos aos quais as pesquisas em ILF têm dedicado maior atenção (cf. JENKINS; COGO; DEWEY, 2011). Em nosso estudo, o foco recai sobre os aspectos fonológicos, cuja principal representante é indiscutivelmente Jennifer Jenkins, que dedica uma obra inteira a estudar a fonologia do inglês como língua franca (ver JENKINS, 2000).

³⁴ [...] anyone participating in international communication needs to be familiar with, and have in their linguistic repertoire for use, as and when appropriate, certain forms (phonological, lexicogramatical, etc.) that are widely used and widely intelligible across groups of English speakers from different first language backgrounds.

³⁵ ELF research so far has shown the interrelationship between form and function and has highlighted ways in which they are mutually constitutive, i.e. functional motives can lead to changes in the form (lexis, grammar and phonology), and in turn lexicogramatical innovations impact on pragmatic strategies (COGO; DEWEY, 2006). Form and function in this respect are closely tied together.

Em seus estudos, a pesquisadora observou interações em ILF entre falantes de diferentes línguas maternas e percebeu que algumas características de pronúncia interferiam na comunicação, ao passo que outras características não causavam “quebras” significativas. Aprofundando-se nas pesquisas, Jenkins (2000) dedicou-se a analisar e descrever um conjunto de características que seriam essenciais para a inteligibilidade mútua em interações em ILF e denominou este conjunto de núcleo ou *core*, o chamado *Lingua Franca Core* – LFC, isto é, Núcleo Fonológico do Inglês como Língua Franca. Este núcleo será descrito em detalhes a seguir exatamente porque foi o LFC que embasou boa parte da análise dos dados de nossa pesquisa.

3.4 O Núcleo Fonológico de ILF (*Lingua Franca Core*)

O *Lingua Franca Core* (LFC) identifica 4 (quatro) áreas consideradas essenciais para a inteligibilidade de fala na comunicação em Inglês como Língua Franca. São elas: (1) sons consonantais, exceto as fricativas dentais /θ/ e /ð/, como em “think” e “there”; (2) encontros consonantais (*clusters*), como, por exemplo “strain”; (3) duração das vogais (longas vs. curtas), como na diferença entre “leave” e “live”; e (4) colocação do acento tônico (*nuclear stress placement*), ou seja, o destaque que é dado à parte mais importante da mensagem, indicando onde o ouvinte deve prestar mais atenção (JENKINS, 2000). Cada uma destas áreas será explorada em detalhes mais adiante.

É importante esclarecer que, ao contrário do que muitos críticos podem afirmar, o LFC não se pretende como um modelo de pronúncia a ser seguido por todos os falantes de ILF, até mesmo porque isso nem seria possível, dado o grande número de falantes no mundo e suas particularidades fonológicas. Ao contrário, a proposta do LFC é oferecer um conjunto de parâmetros que seriam importantes para a inteligibilidade nos contextos onde o inglês funciona justamente como uma língua franca (JENKINS, 2000; JENKINS; COGO; DEWEY, 2011).

Walker (2010), ex-aluno e seguidor dos passos de Jennifer Jenkins, no seu livro *Teaching the pronunciation of English as a Lingua Franca (ELF)*, explora os benefícios de uma abordagem com base em ILF para o ensino da pronúncia do inglês, discutindo conceitos e descrevendo materiais e técnicas para esta prática. O autor traz, ainda, uma descrição das principais características encontradas na

pronúncia de inglês por falantes de diferentes línguas maternas ou L1, tendo como base o conceito de Inglês como Língua Franca e o *Lingua Franca Core* (LFC) proposto por Jenkins (2000), acima mencionado.

Desta forma, considerando os falantes brasileiros de inglês, que têm o português brasileiro como língua materna, Walker (2010) sinaliza, em cada item do LFC, as características da pronúncia mais comumente encontradas para esse grupo específico de usuários da língua franca global. Estas características serão abordadas a seguir, juntamente com a análise de cada item do LFC.

Consoantes

Em geral, quando os falantes lidam com uma língua de sistema sonoro diferente de sua língua materna (L1/LM), eles adotam uma estratégia de substituição. Isto significa que, se uma consoante da nova língua não existe no sistema fonético de sua L1, os falantes, inconscientemente, substituem essa consoante por alguma outra semelhante que eles já possuam no seu repertório sonoro. Por exemplo, o som /tʃ/, que não ocorre em alguns dialetos do português do Brasil, pode ser substituído por /ʃ/, fazendo com que a palavra “chair” soe como “share” (WALKER, 2010), o que pode acontecer também por influência da escrita, já que o som “ch” no português é justamente o fonema /ʃ/.

Jenkins (2000) identificou que este processo de substituição de consoantes compromete a inteligibilidade de fala em ILF, com exceção de dois sons consonantais: as fricativas dentais /θ/ (como em “think”) e /ð/ (como em “that”). Ou seja, substituições comuns de /θ/ por /f/, por exemplo, e /ð/ por /d/, não causam problemas nas interações em ILF. Isto não quer dizer, no entanto, que Jenkins (2000) esteja sugerindo que as fricativas dentais não devam ser ensinadas em sala de aula, mas que elas, simplesmente, não são necessárias para se garantir a inteligibilidade.

Outra questão importante que Jenkins (2000) destaca no LFC com relação às consoantes é a aspiração das plosivas desvozeadas /p/, /t/ e /k/, ou seja, de maneira simplificada, a soltura de um pequeno sopro de ar imediatamente após a produção do som³⁶. Estas consoantes são aspiradas quando aparecem em início de sílabas tônicas, como em “pen”, “attend” e “because”. As plosivas vozeadas /b/, /d/ e /g/, ao

³⁶ Para um maior detalhamento sobre o conceito e diferentes tipos de aspiração, verificar Catford (1950).

contrário, nunca são aspiradas. Desta forma, como explica Walker (2010, p.30), “se os falantes falharem ao aspirar /p/, /t/ e /k/ adequadamente, eles farão com que a palavra ‘pear’ soe como ‘bear’, ‘tin’ como ‘din’, ‘coat’ como ‘goat’ e assim por diante”³⁷. Portanto, a correta aspiração destas consoantes, representadas foneticamente com o símbolo [h], é essencial para a inteligibilidade (JENKINS, 2000).

Jenkins (2000) comenta também sobre a pronúncia da consoante “l”, que varia a depender da posição na palavra. Por exemplo, em palavras como “lip” e “bellow”, nas quais aparece antes de uma vogal tônica, esta consoante é pronunciada de uma forma conhecida como /l/ claro (*clear l*), descrita como consoante dento-alveolar lateral. Por outro lado, quando aparece após vogais tônicas, como em “milk”, por exemplo, a variante conhecida como /l/ escuro (*dark l*), consoante dento-alveolar lateral velarizada, é utilizada. Esta consoante é velarizada e pode ser representada pelo símbolo [ɫ]. Para alguns falantes de ILF, no entanto, como ocorre com o falante brasileiro, por exemplo, o /l/ escuro é facilmente substituído pela semivogal labial velar [w], fazendo com que “milk” soe como /miɔk/, sem prejuízos para a inteligibilidade de fala. Desta forma, o LFC considera o uso de /ʊ/ como uma alternativa válida para a pronúncia de [ɫ] (JENKINS, 2000; WALKER, 2010).

Conforme Walker (2010), as consoantes não são geralmente um problema para a inteligibilidade de brasileiros falantes de ILF, uma vez que a maioria das consoantes em inglês tem suas equivalentes ou quase equivalentes em português. Outras, embora não sejam fonemas do português, são aprendidas facilmente, como /ŋ/ “bring”, /tʃ/ “chance” e /dʒ/ “judge” (ressalta-se que esses dois últimos sons aparecem em alguns dialetos brasileiros, associados à vogal /i/, como em “tia” e “dia”).

Entre os maiores problemas de inteligibilidade que os brasileiros enfrentam, nesse pormenor, estão a falta de aspiração das plosivas surdas /p/, /t/ e /k/, além da substituição de /n/ e /m/ em posição final por um som muito similar ao [ŋ], acompanhado da nasalização da vogal precedente, como, por exemplo, em palavras como “man” ou “robin”, etc. A confusão em relação à pronúncia dos fonemas /h/ e /r/ em posição inicial também afeta a inteligibilidade, fazendo com que palavras como

³⁷If speakers fail to aspirate /p/, /t/ and /k/ adequately, they will make “pear” sound like “bear”, “tin” sounds like “din”, “coat” like “goat”, and so on.

“head” e “red” ou “hat” e “rat” soem da mesma forma. Outros fonemas são facilmente produzidos por brasileiros, merecendo atenção apenas em alguns casos particulares³⁸ (WALKER, 2010).

Encontros consonantais (consonant clusters)

Encontros consonantais são grupos de duas ou mais consoantes, que podem aparecer no início (“group”), no meio (“clusters”) ou no fim de palavras (“consonants”). Tais encontros não são comuns a todas as línguas ou pelo menos não apresentam as mesmas combinações que o inglês. Desta forma, a pronúncia de encontros consonantais pode se tornar difícil para alguns usuários que, diante desta dificuldade, podem realizar duas estratégias: (1) eliminação de uma das consoantes do grupo, ou (2) inserção de uma vogal curta como /ɪ/ ao grupo de consoantes. A primeira estratégia é reconhecida por Jenkins (2000) como prejudicial à inteligibilidade, pois se houver eliminação da consoante /s/ por exemplo em “strain”, a palavra torna-se “train”, o que pode levar a um sério comprometimento na transmissão da mensagem. A segunda estratégia, por outro lado, não prejudica a inteligibilidade, uma vez que é possível recuperar facilmente a forma da palavra, como a pronúncia “istrain” para a palavra “strain” (JENKINS, 2000).

Esta estratégia de adição de vogal antes ou após o grupo consonantal (epêntese) é bastante utilizada por falantes brasileiros de inglês, uma vez que, no português do Brasil, tais encontros não ocorrem da mesma forma. Assim, a palavra “speak”, por exemplo, torna-se “ispeak”. Este fato, no entanto, não emerge como um problema para a inteligibilidade em ILF ao se interagirem com usuários brasileiros de língua inglesa (WALKER, 2010).

Vogais

As vogais são caracterizadas por dois elementos: qualidade e quantidade. Qualidade vocálica diz respeito às características sonoras da vogal devido à posição da língua e dos lábios. A quantidade, por sua vez, relaciona-se à duração da vogal (JENKINS, 2000). Conforme o LFC, o grande desafio no tocante à inteligibilidade das vogais em ILF refere-se não à sua qualidade, que varia bastante entre as diferentes variedades do inglês, mas sim à sua duração, elemento que é um pouco

³⁸Para uma compreensão mais aprofundada, ver obra completa (WALKER, 2010, p.123-127).

mais estável. Portanto, mais atenção deve ser dada às diferenças entre vogais longas e curtas do que à qualidade exata da vogal.

Walker (2010) afirma que poucas vogais em inglês apresentam dificuldades para brasileiros, sendo que o maior problema relaciona-se com as sílabas finais não tônicas, que são bem mais reduzidas, fazendo com que se tornem praticamente inaudíveis para ouvidos não-brasileiros. Isso ocorre especialmente com palavras terminadas em /i/, como “fancy”, “coffee” e “taxi”, que podem ser ouvidas como “fans”, “cough” e “tax”. A distinção entre a vogal longa /i:/ “heat” e a vogal curta /i/ “hit” também merece atenção (WALKER, 2010). Porém, há de se notar que, salvo alguns pares mínimos como “beach” e “bitch” ou “sheet” e “shit”, os quais podem causar certo desconforto ao falante por conta do significado, caso estejamos lidando com interlocutores sensíveis ao contexto e ao falar do brasileiro de ILF, raramente a inteligibilidade será afetada. Mas, logicamente, é um elemento a ser estudado e discutido, servindo de recurso importante para o ensino da língua nas salas de aulas de inglês do nosso país.

Colocação do acento tônico nuclear (nuclear stress placement)

A colocação do acento tônico nuclear (*nuclear stress placement*) refere-se à ênfase que o falante insere ao segmento de fala que o ouvinte deve dedicar maior atenção, de acordo com a intenção do seu discurso. Portanto, é importante esclarecer que este conceito difere do conceito de *word stress*, que está associado à acentuação de palavras, ou seja, identificação da sílaba tônica. Este último não faz parte do LFC, embora Jenkins (2000) reconheça que a acentuação incorreta das palavras pode levar a problemas de inteligibilidade quando associada a outras dificuldades.

Para a colocação do acento tônico nuclear, os falantes destacam o segmento mais importante tornando-o mais forte e mais longo que os demais, causando modificações de sentido, conforme observa-se no exemplo abaixo, onde o segmento destacado aparece em letras maiúsculas:

- 1) Eu aluguei um APARTAMENTO.
- 2) Eu ALUGUEI um apartamento.
- 3) EU aluguei um apartamento.

No primeiro caso, o acento tônico é considerado não marcado, pois aparece no final da frase, representando um modo “neutro” de falar. Nos outros casos, o acento tônico é contrastivo, pois está localizado em outro lugar da frase, promovendo diferentes sentidos. Em (2) o falante sinaliza que ele alugou e não comprou um apartamento. Já em (3), ele destaca que foi ele quem alugou e não outra pessoa. Seja qual for o tipo utilizado, este é o recurso mais importante para indicar a intenção do falante, pois salienta a parte da mensagem em que o ouvinte deve se concentrar. Utilizar este recurso de forma inapropriada pode confundir o ouvinte e prejudicar a inteligibilidade, o que faz com que se torne parte então do LFC (JENKINS, 2000; WALKER, 2010).

Walker (2010) destaca que, como o agrupamento de palavras em português é similar ao inglês, este ponto, geralmente, não causa dificuldades na comunicação para brasileiros e, portanto, não será focado neste trabalho.

Encerrado o trabalho de abordagem sobre o LFC, este conjunto de características que a pesquisa empírica de Jenkins (2000) mostrou ser fundamental para a inteligibilidade de fala, fechamos este capítulo que discorreu sobre a expansão do inglês no mundo globalizado. Como demonstrado, esta expansão provocou uma mudança de paradigma extremamente significativo em vários níveis e aspectos, onde o papel do falante nativo foi redimensionado e os falantes considerados não-nativos se tornaram os principais usuários da língua, com suas próprias normas e regras.

A língua inglesa hoje não pode mais ser vista como uma ilustre língua estrangeira, mas como uma língua franca, uma língua comum que permite a comunicação entre pessoas de diversas partes do mundo, de diferentes línguas maternas. Desta forma, cada falante carrega para dentro da sua fala de ILF as particularidades de sua língua materna, não havendo mais a necessidade irreal e inalcançável de se falar como um falante nativo, pois o elemento crucial na comunicação passa a ser a inteligibilidade de fala. Este aspecto, de extrema relevância para o presente estudo, será explorado em detalhes no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4 – UMA QUESTÃO DE INTELIGIBILIDADE

Este capítulo dedica-se à compreensão da inteligibilidade de fala no contexto de Inglês como Língua Franca. Inicialmente, partimos da conceituação do termo inteligibilidade, focando em especial a inteligibilidade a nível fonético-fonológico. Em seguida, discutimos aspectos importantes relacionados ao tema, como sotaque e identidade, sinalizando as características do sotaque brasileiro nas interações em ILF. Por fim, apresentamos algumas ferramentas para a avaliação de inteligibilidade, em especial as que foram utilizadas nesta pesquisa.

4.1 O conceito

Conforme destacado por Walker (2010, p.15), “inteligibilidade é fundamental para a comunicação em ILF”³⁹. Mas o que é ser inteligível? De maneira simplificada, ser inteligível, nas palavras de Kenworthy (1987, p.13), é “[...] ser entendido por seu ouvinte interlocutor num dado tempo e numa dada situação”⁴⁰. Algo inteligível seria, então, algo que se entende.

Porém, há de se destacar que o conceito de inteligibilidade de fala é complexo e não existe um consenso entre os estudiosos. Prova disso pode ser observada no trabalho de Cruz (2004), onde a autora apresenta a proposta de onze diferentes autores, tais como Catford (1950), Smith e Rafiqzad (1979), Smith e Nelson (1985), Field (2003), dentre outros, onde observa algumas semelhanças e diferenças, como vamos comentar adiante.

Uma das classificações mais difundidas no contexto de *World Englishes* quanto à definição de inteligibilidade é a proposta por Smith e Nelson (1985), que identificam três níveis de uso linguístico, a saber: inteligibilidade, compreensibilidade e interpretabilidade. Para os autores, o termo inteligibilidade refere-se ao reconhecimento da palavra ou mensagem, o que ocorre quando, por exemplo, um ouvinte consegue detectar de maneira adequada todas as palavras ditas por um falante, sendo capaz de transcrevê-las. A compreensibilidade, por sua vez, relaciona-se com a identificação do significado da palavra ou mensagem, onde o

³⁹ *Intelligibility is paramount to ELF communication.*

⁴⁰ *Intelligibility is being understood by a listener at a given time in a given situation.*

ouvinte é capaz de entender o sentido da mensagem e parafrasear o falante. Já o termo interpretabilidade diz respeito à identificação das intenções do falante em determinada palavra ou mensagem, o que é bastante difícil de se avaliar, como bem pontua Pickering (2006).

Outro exemplo de definição para o termo inteligibilidade, discutido por Cruz (2004), vem de Catford (1950), que diferencia os termos inteligibilidade e efetividade. Para o autor, inteligibilidade é a capacidade do ouvinte entender as palavras, o que aproxima-se do conceito de inteligibilidade de Smith e Nelson (1985). A efetividade, por sua vez, refere-se às intenções do falante às quais o ouvinte deve responder, o que assemelha-se à interpretabilidade proposta por Smith e Nelson (1985).

Smith e Rafiqzad (1979), por outro lado, definem inteligibilidade como a capacidade de compreender as palavras no contexto de uma sentença falada ou escrita em velocidade natural. Embora possamos questionar o que seria essa “velocidade natural”, interessa-nos aqui observar que essa definição também é similar à definição de inteligibilidade de Smith e Nelson (1985).

Em perspectiva semelhante às dos autores citados acima (CATFORD, 1950; SMITH; RAFIQZAD, 1979; SMITH; NELSON, 1985), Jenkins (2000) entende a inteligibilidade como a produção e o reconhecimento das propriedades da palavra ou mensagem. Em suas pesquisas, a autora identificou que dificuldades com os aspectos fonológicos representavam o maior número de problemas no que se refere à inteligibilidade quando comparados a dificuldades lexicais ou gramaticais. Por esse motivo, Jenkins (2000) considera a forma fonológica, que inclui aspectos segmentais e suprasegmentais⁴¹, como pré-condição para o sucesso na comunicação de falantes de inglês no contexto de inglês como língua franca (ILF).

Por sua vez, Field (2005) encara a inteligibilidade como parte de um construto maior de compreensibilidade, estando atrelada às características do sinal acústico. Como definido pelo autor, a inteligibilidade “refere-se à extensão em que o conteúdo fonético-acústico de uma mensagem é reconhecível por um ouvinte”

⁴¹Aspectos segmentais de fala dizem respeito à pronúncia de vogais e consoantes, ou seja, a cada segmento da mensagem. Os aspectos suprasegmentais, por sua vez, referem-se à entonação, ao ritmo e à acentuação das palavras. Para citar um exemplo, de forma simplificada, ao falarmos “bom dia”, a depender do nosso humor, podemos fazê-lo de forma alegre (tom mais agudo, mais fino) ou de forma triste (tom mais grave). Neste caso, os elementos segmentais são os mesmos, pois não modificamos vogais ou consoantes, mas os elementos suprasegmentais, particularmente o tom de voz, modificou-se.

(FIELD, 2005, p.401)⁴². Nesta mesma linha de raciocínio, Walker (2010, p.19) afirma que a inteligibilidade, “em contextos de ILF, é o resultado do correto processamento do sinal acústico – o *continuum* de sons que o ouvinte escuta”⁴³.

No presente estudo, o conceito de inteligibilidade está em maior consonância com as propostas de Field (2005) e Jenkins (2000). Nosso enfoque recai sobre os aspectos fonético-fonológicos, ou seja, questões relacionadas à pronúncia dos sons emitidos por um falante e seu reconhecimento por um determinado ouvinte, através do processamento do sinal acústico. Não estamos, portanto, preocupados em analisar os aspectos pragmáticos envolvidos na comunicação (compreensibilidade, interpretabilidade), embora não deixemos de reconhecer a sua fundamental importância. Este apenas não é o foco da nossa pesquisa.

Além da complexidade relacionada à sua conceituação, a inteligibilidade de fala também envolve diversas variáveis, que podem estar relacionadas ao falante e ao ouvinte. Sobre os fatores ligados ao falante, especificamente quanto à oralidade, foco também do nosso estudo, Becker (2013, p.58) comenta que “uma fala cheia de pausas, hesitações, autocorreções e consequentes reestruturações gramaticais podem vir a dificultar a percepção de qualquer ouvinte”, o que é possível de acontecer em interações realizadas em quaisquer línguas, sejam elas diferentes ou não. Porém, o fator de maior impacto na inteligibilidade nas interações em ILF, conforme Jenkins (2000), é a pronúncia, em especial no nível segmental. Segundo a autora, os falantes de ILF tendem a colocar mais atenção no sinal acústico, ou seja, no que eles ouvem, como é facilmente compreendido a partir de um exemplo que ela traz de suas pesquisas.

Neste exemplo, um falante suíço (A) e um falante japonês (B) comunicam-se em ILF para desempenhar a seguinte tarefa: com o mesmo conjunto de imagens nas mãos, um deveria descrever uma das imagens para que o outro pudesse identificá-la. Houve quebra na comunicação quando o falante japonês (B) descrevia uma das imagens ao falante suíço (A), devido à dificuldade com a pronúncia do fonema /ɹ/:

⁴² [...] it refers to the extent to which the acoustic-phonetic content of the message is recognizable by a listener.

⁴³ [...] in ELF settings, it is the result of successful processing of the acoustic signal – the continuum of sound that the listener hears.

A I didn't understand the let cars. What do you mean with this?

B Let [let] cars? Three red [red] cars (bem lentamente)

A Ah, red.

B Red.

A Now I understand. I understood car to hire, to let. Ah, red, yeah, I see.

Os falantes estavam se referindo a uma das cartas que continha a imagem de três carros vermelhos (*three red cars*). Como bem observa Jenkins (2000, p.81), mesmo com todo o contexto aparentemente óbvio (somente uma das imagens mostrava carros, estes carros eram vermelhos e não havia evidência de que eles seriam para alugar – “*to hire*”), houve falha na comunicação, pois o falante japonês produziu [led] para /red/ e o ouvinte suíço percebeu [led] como [let], associando o significado de “deixar” (*let*) com “alugar” (*hire*). Portanto, os aspectos fonético-fonológicos – relacionados ao falante –, particularmente os aspectos segmentais, são essenciais para a inteligibilidade nas interações em ILF.

Quanto aos fatores envolvidos na inteligibilidade relacionados aos ouvintes, Pickering (2006) destaca a familiaridade do ouvinte com o sotaque do falante, bem como com o tópico da conversa ou com um interlocutor específico. Outros fatores envolvem ainda a atitude do ouvinte perante o sotaque diferente, o nível de cansaço e o ruído de fundo.

Ainda segundo Pickering (2006), há poucos estudos disponíveis atualmente que abordam os fatores envolvidos na inteligibilidade de fala. Podemos destacar o trabalho de Cruz (2004) que, com o objetivo de buscar resultados mais confiáveis em seu estudo, controlou variáveis relacionadas tanto aos ouvintes como aos falantes. Em nosso estudo, por tratar-se de uma pesquisa exploratória, não consideramos necessário exercer algum controle específico sobre estas variáveis, apesar de considerar algumas delas em nossa discussão, como se verá no capítulo de análise.

No momento, seguimos nossa discussão sobre inteligibilidade de fala, explorando dois temas que nos parecem bastante imbricados: sotaque e identidade.

4.2 Sotaque, identidade e inteligibilidade de fala

Sabe-se que a língua materna (L1), com suas características próprias e peculiaridades, influencia a aquisição de uma segunda língua (L2) (ELLIS, 1985; MAJOR, 2008). Como afirma Ellis (1985, p.40), “a L1 é uma base de conhecimento que os alunos irão usar tanto consciente como inconscientemente para ajudá-los a filtrar os dados oriundos da L2 e obter o melhor desempenho possível em L2”⁴⁴, sendo que “a influência da L1 é provavelmente mais evidente na fonologia de L2 – o ‘sotaque estrangeiro’ é ubíquo – mas ocorre em todos os aspectos da L2”⁴⁵, como vocabulário e gramática.

Falando especificamente em fonologia, é possível identificar, em muitos casos, a língua materna do falante pelas particularidades que ele carrega na pronúncia em L2, ou seja, seu sotaque. Por exemplo, um hispanofalante pode ter dificuldades com a pronúncia do som /v/ do inglês, já que este som não faz parte da sua L1. No espanhol, a letra “v” é associada ao som [β] o que faz com que palavras como “*voice*” soem como “*boice*”. Conhecendo-se as características das duas línguas, é possível imaginar a L1 do falante.

Por muitos anos, a noção do chamado sotaque “estrangeiro”⁴⁶ foi explorada por estudiosos que consideravam essa característica como algo negativo e indesejável, a ser corrigida o máximo possível para que a fala se aproximasse ao máximo do sotaque de um falante nativo (MUNRO; DERWING, 1995; MUNRO, 2008). No entanto, como exposto anteriormente, a perspectiva do inglês como língua franca sinaliza que a presença de sotaque “estrangeiro” é um aspecto natural na aquisição de segunda língua e que a busca por um sotaque “nativo” é irreal e desnecessária, pois a maioria das interações do inglês em nível global não envolve o falante nativo. Na verdade, o principal alvo da comunicação é a inteligibilidade e, como é facilmente compreensível, não há relação direta entre sotaque e inteligibilidade. Esta última afirmação é comprovada no estudo de Munro e Derwing (1995), em que os autores examinaram as interrelações entre sotaque,

⁴⁴ *The L1 is a resource of knowledge which learners will use both consciously and subconsciously to help them sift the L2 data in the input and to perform as best as they can in the L2.*

⁴⁵ *The influence of the L1 is likely to be most evident in L2 phonology – the ‘foreign accent’ is ubiquitous – but it will occur in all aspects of the L2.*

⁴⁶ O termo é utilizado entre aspas, pois se considera que no, cenário atual, a distinção entre o que é “nativo” e o que é “estrangeiro” perde importância.

compreensibilidade e inteligibilidade, recorrendo a diferentes materiais de fala, tarefas e grupos de ouvintes.

No referido estudo, os autores obtiveram amostras de fala espontânea de dez falantes nativos de mandarim que haviam aprendido inglês após a adolescência, tendo obtido notas elevadas em exames de proficiência em língua inglesa. A partir destas amostras de fala, os autores extraíram alguns trechos, que foram submetidos à avaliação de 18 ouvintes nativos de inglês. Os ouvintes deveriam julgar a sua compreensão das emissões em escala de 1 (muito fácil de entender) a 9 (impossível de entender), além de transcrever os trechos ouvidos, para verificação da inteligibilidade. Após quatro dias, os mesmos ouvintes foram reconvocados e solicitados a analisar as mesmas emissões, porém do ponto de vista da presença de sotaque “estrangeiro”, em uma escala de 1 (nenhum sotaque “estrangeiro”) a 9 (sotaque “estrangeiro” muito forte). Os autores realizaram análises qualitativas e quantitativas e identificaram que as emissões foram consideradas altamente compreensíveis e inteligíveis pelos ouvintes, ao mesmo tempo em que foram identificadas como apresentando um forte sotaque estrangeiro (MUNRO; DERWING, 1995).

Os resultados deste estudo demonstram que uma fala com sotaque é um fenômeno natural, ocorre no ambiente da língua nativa (embora se associe apenas à SL/L2), enquanto que uma fala ininteligível ocorre com muito menos frequência. Assim, pode-se dizer que os ouvintes têm, em geral, consciência da distinção entre uma fala difícil de ser entendida daquela que é simplesmente diferente de um falante nativo.

Um aspecto bastante relevante quando se fala em sotaque é o fato de ele representar a identidade do falante, não somente como indivíduo, mas também como membro de um grupo (LEVIS, 2005; WALKER, 2010; RAJAGOPALAN, 2012). Portanto, buscar “falar como um americano ou como um britânico” torna-se um objetivo não só perigoso, mas geralmente inatingível, correndo-se o risco de, entre outras coisas, angariar frustrações diversas ou abandonar parte de sua identidade (JENKINS, 2000; 2007). Como salienta Walker (2010, p.13),

[s]eja qual for nosso sotaque, falante nativo ou não-nativo, padrão ou regional, ele é parte da nossa identidade e, para algumas pessoas, perder o sotaque é o mesmo que perder parte de sua identidade. Forçar um novo sotaque para alguém através do ensino em sala de

aula pode ser percebido como uma imposição para que se torne uma nova *persona*⁴⁷.

De forma bastante pertinente, Walker (2010) explicita sua crítica às abordagens tradicionais de ensino de pronúncia em inglês, que são pesadamente orientadas para o modelo do falante nativo de um inglês padrão, ignorando sistematicamente a importante questão identitária. O conceito de ILF, por outro lado, não apenas enfatizando as características locais, mas também atribuindo ao aspecto do sotaque o papel crucial que ele deve ostentar nesse jogo de poder, valoriza a identidade do falante expressa em seu sotaque e coloca como prioridade não a busca pelo modelo do falante nativo, o mimetismo ingênuo e despropositado, mas a busca por elementos que garantam a inteligibilidade de fala, uma vez que, como já mencionado várias vezes, a maioria absoluta de interações em língua inglesa no mundo hoje será entre usuários de línguas maternas (L1) distintas. Desta forma, vale atentar para a afirmação de Crystal (2003, p.22):

É perfeitamente possível desenvolver uma situação em que inteligibilidade e identidade coexistam. Esta situação é o caso do bilinguismo – mas um bilinguismo onde um dos idiomas do falante é a língua global, fornecendo acesso para a comunidade mundial, e a outra é uma língua regional, proporcionando acesso a uma comunidade local. As duas funções podem ser vistas como complementares, respondendo a necessidades diferentes. E é porque as funções são tão diferentes que um mundo de diversidade linguística pode, em princípio, continuar a existir em um mundo unido por uma língua comum.⁴⁸

Em consonância com as palavras de Crystal (2003), passamos agora a analisar o sotaque do brasileiro em ILF.

⁴⁷ *Whatever accent we have, native-speaker or non-native speaker, standard or regional, it is part of our identity, and for some people losing their accent is the same as losing part of their identity. Forcing a new accent onto someone through classroom teaching can be perceived as obliging them to take up a new persona.*

⁴⁸ *It is perfectly possible to develop a situation in which intelligibility and identity happily co-exist. This situation is the familiar one of bilingualism – but a bilingualism where one of the languages within a speaker is the global language, providing access to the world community, and the other is a well-resourced regional language, providing access to a local community. The two functions can be seen as complementary, responding to different needs. And it is because the functions are so different that a world of linguistic diversity can in principle continue to exist in a world united by a common language.*

4.2.1 O sotaque brasileiro em ILF

Como acontece com qualquer falante de Inglês como Língua Franca, o usuário brasileiro traz em sua pronúncia características particulares, derivadas da sua língua materna, o português brasileiro. Embora haja uma grande variedade de sotaques regionais no Brasil, pode-se identificar alguns elementos típicos mais gerais presentes na pronúncia do inglês falado por brasileiros, como sinalizamos anteriormente quando falamos sobre o LFC. Mas apenas para retomar alguns elementos, podemos citar a indiferenciação entre vogais longas e curtas, inserção de vogais em começo e final de palavras terminadas com consoantes oclusivas (a chamada “vogal de apoio”), diferenças na qualidade das vogais, falta de aspiração das consoantes plosivas, dentre outros. (SHEPHERD, 2001; SANT’ANNA, 2003; SILVA, 2012; GOMES, 2012).

Silva (2012), pesquisadora na área de fonética e fonologia, sinaliza estes elementos em alguns trabalhos acadêmicos, reunindo em sua obra os aspectos de pronúncia de inglês relevantes para os falantes do português brasileiro. Assim também o fazem Cruz (2004) e Sant’Anna (2003), cujas publicações foram utilizadas na presente pesquisa a fim de sistematizar as *particularidades na pronúncia de falantes brasileiros de inglês como língua franca*, que serão apresentadas mais adiante, no capítulo de análise.

Diversos estudos têm sido conduzidos e publicados na tentativa de evidenciar as diferenças entre o inglês considerado “padrão” (como ensinado nos livros didáticos) e o inglês falado por brasileiros (MASCHERPE, 1970; STEINBERG, 1985; KEYS, 2002; SANT’ANNA, 2003; COHEN, 2004; RAUBER, 2006; BRAWERMAN, 2006; DELATORRE, 2006; FERREIRA, 2007; ARANTES, 2007), que se fôssemos no pautar por regularidades cada vez mais comuns, dentro do paradigma do *World Englishes* (KACHRU, 1985), poderia ser singularizada uma variante a ser chamada de *Brazilian English* (Inglês Brasileiro). Muitos destes estudos, no entanto, pautam-se na perspectiva tradicional, que considera tais diferenças como erros a serem corrigidos e, por conseguinte, evitados ao máximo. Na presente pesquisa, ao contrário, assume-se a perspectiva de ILF, onde “erros” não são vistos como deficiências, mas sim como diferenças (JENKINS, 2007; 2014; SEIDLHOFER, 2011; COGO, 2012). Assim como as autoras, acreditamos que estas características devem

ser interpretadas como aspectos especiais na pronúncia dos usuários brasileiros de inglês, elementos que expressam sua identidade.

4.3 Avaliando a Inteligibilidade de fala em ILF

Diferentes métodos e técnicas têm sido utilizados para se avaliar a inteligibilidade de fala de forma geral, como por exemplo para a análise da fala de crianças com desvios fonológicos (SOUZA; MARQUES; SCOTT, 2010). No entanto, no que se refere à inteligibilidade de fala no contexto de L2 as pesquisas estão apenas começando. Um breve panorama sobre as pesquisas realizadas nesta área e as diferentes técnicas utilizadas pode ser encontrado em Munro (2008).

Smith e Rafiqzad (1979), por exemplo, a partir de gravações de amostras de fala de nove falantes de diferentes L1, desenvolveram um teste *cloze*, ou seja, com lacunas para preencher. Cada emissão foi transcrita e uma palavra em cada seis foi omitida, de forma que os ouvintes pudessem preencher os espaços vazios com o que ouvissem. Cada palavra escrita corretamente pelos ouvintes era considerada uma demonstração de inteligibilidade.

Utilizando uma técnica diferenciada, Smith e Bisazza (1982) solicitaram que falantes de inglês de diferentes L1 realizassem a leitura de um texto, a partir da qual os ouvintes deveriam selecionar imagens correspondentes ao que foi lido, além de responder questões de múltipla-escolha relacionados ao texto. O maior número de acertos indicaria uma inteligibilidade elevada.

Como podemos observar, fala espontânea e leitura são duas técnicas utilizadas na investigação da inteligibilidade de fala no que se refere à coleta das amostras a serem avaliadas. Becker (2013, p.61) comenta sobre as vantagens e desvantagens de cada uma delas. Conforme a autora, se for feita a opção pela leitura, “há a necessidade da verificação se o leitor tem domínio dessa habilidade, pois, senão, ao invés de testar a inteligibilidade de fala, se estará avaliando a capacidade de leitura”. É preciso estar atento, ainda, à influência da ortografia na pronúncia. Mas a leitura, por outro lado, apresenta a vantagem do controle de variáveis, especialmente através da manipulação dos dados que se pretende investigar. Por exemplo, se o objetivo é investigar a realização da aspiração nas consoantes /p/, /t/ e /k/, pode-se selecionar um texto foneticamente balanceado contendo palavras com esses sons-alvo.

A fala espontânea, ao contrário, oferece a vantagem de ser uma emissão mais natural, mas não permite o controle dos dados a serem coletados. Como afirma Becker (2013, p.61), “pode ocorrer que, ao ser solicitado para falar sobre determinado assunto, o informante não desenvolva o tópico suficientemente, e que o aspecto visado pelo pesquisador não se manifeste”.

Em nossa pesquisa, como já sinalizado anteriormente, optamos pela fala espontânea, uma vez que nosso objetivo não recaiu sobre nenhuma característica específica da fala, mas sim nas características gerais de pronúncia do usuário brasileiro de ILF.

Com relação às avaliações dos ouvintes, Munro (2008, p.199-200) salienta que a avaliação da inteligibilidade de fala de uma L2 deve envolver três abordagens gerais: (1) respostas de ouvintes não treinados, (2), análises impressionísticas de avaliadores especialistas, e (3) análise fonético-acústica. Na primeira abordagem, os ouvintes são solicitados a julgar determinadas emissões de acordo o sotaque, a inteligibilidade, a fluência ou qualquer que seja o foco do pesquisador. Eles podem também ser solicitados a identificar quais palavras ou frases foram produzidas. A segunda abordagem, por sua vez, geralmente envolve análises de especialistas quanto a fenômenos específicos, como elementos segmentais, prosódia ou qualidade da voz. Por fim, a terceira abordagem envolve a análise computadorizada da fala, que oferece dados mais objetivos e quantitativos da emissão, como formantes⁴⁹, frequência e duração, em especial no caso das vogais.

É importante ressaltar que a escolha de uma ou outra abordagem dependerá do tipo do material de fala, da demanda colocada sobre os falantes ou ouvintes e das perguntas de pesquisa a serem respondidas. Na presente pesquisa, abordamos, de alguma forma, os três elementos citados por Munro (2008), uma vez que (1) as amostras de fala foram analisadas por ouvintes leigos, (2) realizamos nossa análise impressionística, a partir da experiência com a Fonoaudiologia, e (3) realizamos análise acústica das emissões, embora sem o objetivo de obter dados quantitativos.

Munro (2008, p.200) oferece especial destaque à utilização de ouvintes leigos na pesquisa, “porque eles podem promover uma melhor compreensão sobre o quão compreensíveis falantes L2 são quando interagem com membros de sua

⁴⁹ Os formantes correspondem a regiões de frequência no espectro sonoro que foram enfatizadas, ou seja, reforçadas pelo fenômeno da ressonância no trato vocal. Através da observação dos formantes, é possível caracterizar a vogal que está sendo falada.

comunidade”⁵⁰. A análise de inteligibilidade por parte dos ouvintes pode ser realizada por meio de transcrições, realização de testes tipo *cloze* e respostas a questões de múltipla escolha, como foi comentado anteriormente. Uma outra forma de análise diz respeito à utilização de escalas que podem variar de 3 até 9 pontos. Por exemplo, Fernandes (2009) utilizou uma escala de 3 pontos, onde 1= inteligível, 2= relativamente inteligível e 3= ininteligível. Já Cruz (2004) propôs a utilização de uma escala de 6 pontos, variando de 1= muito fácil de entender a 6= muito difícil de entender. Ambos os estudos também tiveram uma sessão na qual os ouvintes deveriam transcrever os trechos ouvidos.

Munro e Derwing (1995), por sua vez, utilizaram uma escala de 1= extremamente fácil de entender a 9= impossível de entender. No entanto, os autores dedicam este recurso para a análise do que eles consideram compreensibilidade. Para avaliação da inteligibilidade, Munro e Derwing (1995) optaram pela transcrição ortográfica.

Como indicado anteriormente, o presente estudo adota uma escala de 1 a 5 (adaptada de Souza, Marques e Scott, 2010), onde 1= completamente inteligível e 5= ininteligível. Tal escala possui o diferencial de oferecer uma definição de cada um destes itens⁵¹, o que não se observa em outros estudos sobre inteligibilidade na perspectiva de ILF. Acreditamos que a inclusão de uma definição para a avaliação dos ouvintes permite uma análise mais homogênea sobre o que significa ser “completamente inteligível” ou, no outro extremo “ininteligível”, promovendo resultados que permitem uma análise mais confiável.

As pesquisas em inteligibilidade de fala, tradicionalmente, priorizavam o falante nativo como ouvinte, a julgar a fala dos não-nativos, como ocorre inclusive com Cruz (2004). Com a crescente discussão sobre o conceito de ILF, novas pesquisas (FERNANDES, 2009; GOMES, 2012; BECKER, 2013) têm sido realizadas valorizando-se a interação entre falantes não-nativos, observando-se a inteligibilidade a partir de prismas bastante diferentes do tradicional. Ressaltamos, em especial, o trabalho de Gomes (2012), em que a autora apresenta os estudos desenvolvidos em seu grupo de pesquisa na Universidade Tecnológica Federal do

⁵⁰ [...] *unsophisticated listeners' judgments are especially important because they may provide insight into how understandable L2 speakers are when they interact with other members of their community.*

⁵¹ A definição de cada item aparece no Capítulo 2, Aspectos Metodológicos, quando da apresentação da escala utilizada.

Paraná, destacando a universidade como lugar ideal para promoção de discussões e mudança no que se refere à perspectiva de ILF.

As bases teóricas dos trabalhos desenvolvidos por Gomes (2012) e seu grupo situam-se em três linhas: linguística probabilística (concepção de aquisição de linguagem), perspectiva do ILF (escolha dos objetos de pesquisa), e fonética acústica (instrumental para análise). Para a análise acústica, o grupo utiliza, assim como em nossa pesquisa, o programa PRAAT, com o objetivo de oferecer uma ferramenta de conscientização, para visualização das características principais dos falantes brasileiros na produção de sons da língua inglesa. Como a própria autora sinaliza, as pesquisas do grupo são recentes e há muito ainda a ser conquistado. O presente trabalho vem, então, somar-se a esta área de pesquisa que alia a perspectiva do ILF à Fonética Acústica.

Assim como em Fernandes (2009), Gomes (2012) e Becker (2013), o estudo aqui delineado ancora-se exatamente nesta premissa contemporânea de inteligibilidade nas interações de ILF, buscando oferecer uma visão geral sobre a inteligibilidade de fala de brasileiros para ouvintes de diferentes partes do mundo, com diferentes línguas maternas, incluindo-se aqui tanto os falantes nativos, oriundos do círculo interno (*inner circle*) como os falantes não-nativos de inglês, ou seja, dos círculos externo e em expansão (*outer e expanding circles*).

Em suma, a inteligibilidade de fala tem se tornado cada vez mais um tema central na discussão do ensino e aprendizado de línguas, em especial, de língua inglesa, com grande ênfase dedicada aos trabalhos com pronúncia. Isso se deve ao status de destaque alcançado pelo inglês como a língua franca mundial dos tempos atuais, cujo uso por falantes de praticamente todos os cantos do planeta permite a comunicação nas mais diversas áreas, cada qual trazendo características da língua materna na sua fala, evidenciando sua identidade no seu sotaque.

A velha e, infelizmente, ainda não suplantada, ideologia de “falar como um nativo” começa a dar lugar à busca pela inteligibilidade, onde ser compreendido se torna o principal objetivo nas interações cada vez mais diversas. Este capítulo focou neste tema, destacando as pesquisas na área e a contribuição de algumas técnicas utilizadas na Fonoaudiologia, ciência dedicada ao estudo da comunicação humana. A partir da discussão colocada e do esclarecimento dos instrumentos utilizados para a implementação do trabalho de pesquisa, apresentamos na sequência o capítulo dedicado à análise dos dados do nosso estudo.

CAPÍTULO 5 – “SOU BRASILEIRO, FALO INGLÊS”: A PESQUISA

Ao chegarmos à fase da análise e discussão dos dados, dedicamos este capítulo à apresentação e discussão dos resultados da pesquisa. Por uma questão de melhor organização, os casos serão analisados individualmente e discutidos à luz das teorias mencionadas ao longo do trabalho. Em cada caso, é apresentada, inicialmente, uma tabela contendo a avaliação dos ouvintes quanto à inteligibilidade; em seguida, são destacados os principais comentários destes ouvintes; e, por fim, é feita a análise auditiva das emissões, tendo como foco as particularidades de pronúncia dos falantes brasileiros de inglês. Posteriormente, exemplos das particularidades encontradas na nossa pesquisa são demonstrados através de espectrogramas gerados a partir do programa de análise acústica PRAAT, conforme sinalizado no capítulo referente aos aspectos metodológicos. Após a apresentação dos casos, passamos à discussão dos achados. Finalmente, refletimos sobre algumas implicações importantes para o ensino da pronúncia de inglês no contexto de Inglês como Língua Franca.

Cada participante-ouvinte está identificado pela letra “O”, seguida de números (O1, O2, O3, O4, O5, O6). O mesmo acontece com os participantes-falantes (F1, F2, F3, F4 e F5). Os comentários completos de cada participante-ouvinte foram traduzidos por nós e constam do Apêndice D.

Para a análise auditiva e acústica das emissões, foram elencadas as características consideradas típicas na pronúncia de falantes brasileiros de inglês, de forma a construir uma tabela de parâmetros a serem investigados. Para tanto, levantamos trabalhos anteriores dedicados ao tema, como os de Neide Cruz, pesquisadora que dedica-se intensamente do estudo da inteligibilidade de fala do falante brasileiro de inglês. Em estudo exploratório (Cruz, 2003), a autora investiga de que forma “erros” de pronúncia no nível segmental podem afetar a inteligibilidade da fala de brasileiros para falantes nativos. Embora consideremos este estudo extremamente válido, destacamos dois pontos a serem reconsiderados: o uso do termo “erros” para se referir às características típicas na pronúncia dos falantes brasileiros de inglês e o foco no falante nativo. A própria autora, em trabalho

posterior, adota um novo termo, referindo-se a tais “erros” como “versões de pronúncia dos aprendizes brasileiros”⁵² (CRUZ, 2004, p.64).

Em sua tese, Cruz (2004) dedica um capítulo ao levantamento dos fonemas que representam dificuldades na pronúncia do falante brasileiro, explorando cinco estudos direcionados a esta questão: Mascherpe (1970), Lessa (1985), Lieff e Nunes (1993), Rebello (1997) e Baptista (2001)⁵³, a partir dos quais a autora sintetiza os traços típicos dos falantes brasileiros de inglês em cinco categorias: 1) acentuação de palavras, 2) consoantes, 3) vogais, 4) inserção de vogais, e 5) interferência da grafia. Em linhas gerais, a primeira categoria, acentuação de palavras ou *word stress*, refere-se às dificuldades do falante em produzir sílabas tônicas adequadamente, ou seja, em colocar a ênfase na sílaba correta da palavra. Vale lembrar que este conceito está relacionado à sílaba de uma palavra e difere do conceito de *nuclear stress*, que refere-se à ênfase de uma palavra na frase. A autora cita como exemplo a palavra “*comfortable*”, cuja tendência dos falantes brasileiros é acentuar a terceira sílaba (“*comforTAbLe*”), quando o esperado seria a primeira sílaba (“*COMfortable*”).

As segunda e terceira categorias incluem as dificuldades dos falantes em relação aos aspectos segmentais de fala, ou seja, à pronúncia de vogais e consoantes. A quarta categoria, por sua vez, compreende a adição de vogais de apoio tanto no final de palavras como no início de encontros consonantais (*consonant clusters*), resultando em palavras como “*bookɪ*” ou “*ɪstar*”. Por fim, a quinta categoria inclui dificuldades de pronúncia associadas à interferência da grafia, como por exemplo na pronúncia de palavras iniciadas com a letra “r”, quando brasileiros tendem a pronunciar o som aspirado [h] ao invés da aproximante alveolar [ɹ].

Por considerarmos esta categorização pertinente e, de alguma forma, reveladora de aspectos da fala de usuários brasileiros de inglês, optamos por utilizá-la no presente estudo, dedicando destaque especial às categorias 2, 3 e 4, uma vez que, na presente pesquisa, o nosso olhar recai majoritariamente sobre os aspectos segmentais (vogais e consoantes). Certamente, reconhecemos a importância dos aspectos suprasegmentais na comunicação (acentuação de palavras, ritmo e entonação), mas este não é o foco do nosso estudo, uma vez que, a partir das

⁵² *Brazilian learners' pronunciation versions.*

⁵³ Para uma visão geral destes estudos, ver Cruz (2004).

leituras de Jenkins (2000), tais aspectos não causam grandes problemas para a inteligibilidade de fala. Para a autora, somente a colocação do acento tônico na frase (*nuclear stress placement*) parece comprometer a inteligibilidade, mas como Walker (2010) sugere, esta área não é problemática para brasileiros. No entanto, é importante ressaltar que a discussão sobre acentuação de palavras e interferência de grafia não será de todo descartada, sendo abordada nos casos em que se fizer relevante.

Desta forma, partindo da categorização proposta por Cruz (2004), criamos uma tabela onde trazemos diferentes exemplos (em inglês americano), acrescentando também os trabalhos de Sant’Anna (2003) e Silva (2012), de maneira a complementar o que chamamos de “particularidades na pronúncia de brasileiros falantes de inglês”, conforme ilustra o Quadro 5 a seguir:

Quadro 5 – Particularidades na pronúncia de brasileiros falantes de inglês (continua)

Particularidades na pronúncia das consoantes		Exemplos	
Fricativa dental desvozeada /θ/ é realizada como /t/, /s/ ou /f/	thanks	/θæŋks/ →	[tæŋks]
Fricativa dental vozeada /ð/ é realizada como /d/, /v/ ou /z/	leather	/lɛðər/ →	[lɛdər]
Aproximante alveolar /ɹ/ é realizada como /h/	rat	/ɹæt/ →	[hæt]
Plosivas alveolares /t/ e /d/ antes de /i/, /ɪ/ ou /j/ são realizadas como /tʃ/ e /dʒ/	party	/pa:ti/ →	[pa:tʃi]
Plosivas desvozeadas /p/, /t/ e /k/ em posição inicial são realizadas sem aspiração	patrick	/p ^h ætrɪk / →	[pætrɪk]
Lateral líquida // escuro [ɫ] em final de sílaba é realizado como /w/	goal	/gouɫ/ →	[gouw]
Nasais /m/, /n/ e /ŋ/ em posição final não são pronunciadas. Ao contrário, a vogal precedente é nasalizada	morning	/mɔ:rnɪŋ/ →	[mɔ:rnĩ]

Quadro 5 – Particularidades na pronúncia de brasileiros falantes de inglês (continuação)

Particularidades na pronúncia das vogais

	Exemplos			
Vogal /æ/ é produzida como /ɛ/	<i>bad</i>	/bæd/	→	[bɛd]
Vogal /ɪ/ é produzida como /i/	<i>miss</i>	/mɪs/	→	[mis]
Vogal /ʊ/ é produzidas como /u/	<i>took</i>	/tʊk/	→	[tuk]
Vogal longa /i:/ é pronunciada como a vogal curta /i/	<i>sheep</i>	/ʃi:p/	→	[ʃip]

Epêntese (inserção de vogal)

	Exemplos			
Encontros consonantais iniciados com /s/ são simplificados pela inserção da vogal epentética [i]	<i>street</i>	/stri:t/	→	[istri:t]
Os fonemas /p t k b d g f v z/ em final de sílabas são pronunciados com acréscimo de uma vogal epentética	<i>hope</i>	/houp/	→	[houpi]

Fonte: Cruz (2004), Sant'Anna (2003) e Silva (2012)

Antes de prosseguirmos, dois pontos merecem ser mencionados. Primeiramente destacamos que, nesta pesquisa, não pretendemos investigar ou explicar as razões pelas quais ocorrem cada uma das características de pronúncia dos brasileiros falantes de inglês, uma vez que muitos estudos já se dedicaram a esta questão, como os citados acima. Nosso objetivo é, acima de tudo, identificar tais características e discutí-las à luz do conceito de Inglês como Língua Franca. Outro ponto que merece atenção é o caráter qualitativo do presente estudo, o que significa que nosso olhar não recai sobre a quantidade de ocorrências observadas na pronúncia dos participantes, mas, acima de tudo, na caracterização do modo brasileiro de falar inglês.

A seguir, passaremos à análise de cada caso individualmente. Lembramos que foi pedido aos falantes que gravassem uma emissão em que relatassem alguma viagem marcante que tivessem feito. Os ouvintes, por sua vez, avaliaram estas emissões quanto à sua inteligibilidade em uma escala de cinco pontos, variando de

completamente inteligível a ininteligível, ao mesmo tempo em que deveriam relatar os motivos que guiaram o seu julgamento.

5.1 Análise dos casos da pesquisa

CASO 1:

Retomando as informações destacadas no Capítulo 2 quanto à caracterização dos participantes, o primeiro caso do nosso estudo é o de uma brasileira de 40 anos, que trabalha na área de Tecnologia da Informação. Após estudar inglês no Brasil por três anos, mudou-se para os Estados Unidos, onde vive e trabalha até hoje. Portanto, utiliza a língua inglesa no seu dia-a-dia, interagindo com pessoas de diferentes línguas maternas, inclusive falantes nativos de inglês da variante norte-americana.

A partir de sua amostra de fala espontânea, os participantes-ouvintes analisaram a inteligibilidade de fala, que foi considerada alta, variando de “muito” a “**completamente inteligível**”, conforme observa-se no Quadro 6 abaixo:

Quadro 6 – Análise de inteligibilidade de fala do CASO 1

OUVINTE		INTELIGIBILIDADE	
O1	Círculo Interior (Nova Zelândia)	1	Completamente inteligível
O2	Círculo Interior (Estados Unidos)	1	Completamente inteligível
O3	Círculo Exterior (Malawi)	1	Completamente inteligível
O4	Círculo Exterior (Índia)	1	Completamente inteligível
O5	Círculo em Expansão (Uruguai)	2	Muito inteligível
O6	Círculo em Expansão (Japão)	2	Muito inteligível

Os comentários de cada participante-ouvinte seguem abaixo:

A gravação foi muito inteligível, uma vez que ela falou com clareza e de forma lenta o suficiente para eu entender o que ela estava falando. Também foi fácil de entender porque não houve confusão sobre o contexto da situação e as palavras usadas. (O1)

Houve alguns erros de gramática, mas isso não afetou minha capacidade de entender. Depois de ouvir a outro relato, o sotaque aqui foi um pouco mais pesado. (O2)

As palavras são bem articuladas e enfatizadas. O uso de estratégias de compensação e coesão tornaram o discurso rico. Sinto que há alguma influência do português na pronúncia de algumas palavras (passado de verbos regulares –*ed*). No entanto, é completamente inteligível. (O3)

As palavras são claras e audíveis, eu consigo entender. (O4)

Em termos gerais, é muito fácil de acompanhar. No entanto, uma mistura de sotaque brasileiro com linguagem repetitiva dificulta, às vezes, a compreensão. (O5)

As palavras neste relato não estavam difíceis e maior parte da mensagem foi compreensível. (O6)

Observa-se, a partir dos comentários, que foi dado destaque à clareza da emissão, com palavras bem articuladas, e à boa organização do discurso, elementos essenciais para a inteligibilidade de fala.

A Ouvinte 2, falante nativa, observa a presença de erros gramaticais, mas destaca que eles não afetam a sua compreensão. De fato, na análise auditiva foram identificados elementos como o uso incorreto do artigo indefinido (“*a interesting stop*” ao invés de “*an interesting stop*”) e a confusão, embora não consistente, entre o substantivo “*trip*” e o verbo “*travel*” (“*My first wonderful travel*” ao invés de “*My first wonderful trip*”). Este achado mostra que o ouvinte nativo está muito mais antenado às questões gramaticais e lexicais do que os demais, mas, ao mesmo tempo, revela que “erros” gramaticais não causam maiores problemas à inteligibilidade, como indica Jenkins (2000). Esta citada autora, a partir de suas pesquisas com dados empíricos, identificou que o papel da gramática é muito pouco relevante quando se trata de inteligibilidade. Maior ênfase a esta questão será dada no tópico dedicado à discussão.

O Ouvinte 3, por morar no Brasil e aqui ser professor de inglês, conhece a pronúncia tida como “típica” do falante brasileiro de inglês e identifica, nesta emissão, a influência da língua materna na pronúncia de palavras terminadas em –*ed* (passados regulares)⁵⁴, ressaltando, no entanto, que ao ouvir o falante em questão, tal traço não afetou a inteligibilidade. É interessante ressaltar, contudo, que, sobre esta mesma característica, Fernandes (2009), em seu trabalho de tese, indica

⁵⁴ A depender do contexto, a pronúncia da flexão verbal –*ed* pode ser [d], [t] ou [ɪd].

que a adição da vogal epentética nas palavras terminadas em *-ed* na produção de falantes brasileiros de inglês, de alguma forma afetou a inteligibilidade de fala nas incursões com as quais trabalhou. Mas, contrariamente à inserção de vogal, o que parece ter acontecido na emissão da Falante 1 em análise aproxima-se do proposto por Lieff e Nunes (1993), que sugerem que brasileiros tendem a produzir as formas de passado dos verbos regulares sempre como /ɪd/ ao invés de /d/, devido à dificuldade em assimilar as regras de pronúncia do inglês padrão para este caso.

Três Ouvintes (O2, O3 e O5) identificam a presença de sotaque brasileiro, talvez por terem maior contato com estes falantes do que os demais ouvintes. Isso nos levanta a questão sobre que características nesta emissão sinalizam que se trata de uma falante brasileira de inglês. Considerando as “particularidades na pronúncia de falantes brasileiros de inglês”, como destacado no início do capítulo, foram identificadas as seguintes características:

Fricativa dental desvozeada /θ/ realizada como [t]: como na palavra “thousand”, cuja pronúncia passou de /θawzənd/ para [tawzənd];

Fricativa dental vozeada /ð/ realizada como [d]: como na palavra “then”, cuja pronúncia passou de /ðen/ para [dɛn];

Plosivas desvozeadas /p/, /t/ e /k/ em posição inicial realizadas sem aspiração: ocorrência assistemática, sendo mais frequente em palavras iniciadas com o fonema /p/, como na palavra “people”, cuja pronúncia passou de /p^hi:pəl/ para [pi:pəl];

Lateral líquida /l/ escuro em final de sílaba realizada como [w]: como na palavra “still”, cuja pronúncia passou de /stɪl/ para [stiw], sinalizando também uma modificação na qualidade da vogal /ɪ/ para /i/;

Encontros consonantais iniciados com /s/ simplificados pela inserção da vogal epentética /i/: como na palavra “strive”, cuja pronúncia passou de /straɪv/ para [jistraɪv].

Foi observada também a influência ortográfica em palavras como “gorgeous” e “magical”, onde a pronúncia da letra “g” é modificada, passando de /dʒ/ para [ʒ].

Essa situação é reconhecida por Lessa (1985), que dedica seus estudos à investigação da interferência da grafia na pronúncia de vogais e consoantes de aprendizes brasileiros de inglês.

CASO 2:

O segundo caso analisado é o de um brasileiro de 23 anos, acadêmico de Medicina Veterinária, que tem interesse especial pelo inglês, estudando a língua de forma auto-didata através de livros, programas de TV e canções. Embora tenha adquirido fluência, tem poucas oportunidades de uso do inglês no seu dia-a-dia.

A maioria dos participantes-ouvintes consideraram esta emissão “**muito inteligível**”, conforme detalhado no Quadro 7 abaixo:

Quadro 7 – Análise de inteligibilidade de fala do CASO 2

OUVINTE		INTELIGIBILIDADE	
O1	Círculo Interior (Nova Zelândia)	2	Muito inteligível
O2	Círculo Interior (Estados Unidos)	2	Muito inteligível
O3	Círculo Exterior (Malawi)	1	Completamente inteligível
O4	Círculo Exterior (Índia)	2	Muito inteligível
O5	Círculo em Expansão (Uruguai)	3	Inteligível
O6	Círculo em Expansão (Japão)	2	Muito inteligível

Embora somente um ouvinte tenha considerado a emissão completamente inteligível, percebe-se que, de forma geral, grande parte da mensagem foi compreendida por todos os ouvintes. Os comentários de cada um seguem abaixo:

O relato foi bom e eu fui capaz de entender todas as palavras que foram ditas, mas a organização frasal de alguns trechos não foi o mesmo que o inglês comum, então exigiu um pouco mais de atenção sobre a mensagem. (O1)

Eu não tenho certeza se foi o sotaque ou mais o estilo de linguagem. (O2)

As palavras são bem articuladas. Ele usa estratégias de compensação em seu relato. Ele fala com algumas pausas naturais, mas pode dar a impressão de estar lendo um texto. Entre todos os falantes, é muito fácil identificá-lo como um falante brasileiro pelo jeito como ele fala. (O3)

Poucas palavras eu achei difícil de entender à primeira vez (sic), e a pronúncia estava muito lenta, arrastando as palavras. (O4)

Em termos gerais, dá para entender. No entanto, a pronúncia não é tão boa. Para entender, você tem que completar sons e ideias por conta própria, já que o relato não deixa isso fácil. (O5)

Eu não consigo entender alguns nomes próprios que são nome de cidade ou país. Eu entendo a maior parte do conteúdo da mensagem, mas, às vezes, é difícil entender o significado de uma palavra. (O6)

É possível perceber, a partir dos comentários acima, que a grande questão nesta emissão parece ter sido a organização frasal, o que não é o foco deste estudo. Mas é importante comentar que, ao procedermos à análise auditiva da emissão, identificamos a presença de hesitações e construções frasais diferentes das consideradas “padrão”, como “*me and my friends decided*”, ao invés de “*my friends and I decided*” (embora essa construção possa aparecer no uso real, não padrão, do inglês por falantes nativos), ou o uso do verbo “*use*” ao invés de “*wear*”. Observamos também a ocorrência de algumas questões formais de gramática, como o uso do adjetivo “*another*” seguido de um substantivo no plural em “*another friends*”. Embora estes elementos possam ter contribuído para tornar esta emissão um pouco menos inteligível que a anterior (CASO 1), percebemos que, ainda assim, é considerada “muito inteligível” pelos ouvintes, o que, mais uma vez, parece estar atrelado à discussão de Jenkins (2000) sobre a pouca influência dos erros gramaticais para a inteligibilidade, como já discutido anteriormente.

Abaixo, destacamos as particularidades de pronúncia observadas nesta emissão:

Fricativa dental desvozeada /θ/ realizada como [t]: como na palavra “three”, cuja pronúncia passou de /θri:/ para [tri:];

Fricativa dental vozeada /ð/ realizada como [d]: como na palavra “that”, cuja pronúncia passou de /ðæt/ para [dæt], sinalizando também uma modificação na qualidade da vogal /æ/, que é pronunciada como [ɛ];

Aproximante alveolar /ɹ/ realizada como [h]: ocorrência somente na palavra “Porto”, onde o falante claramente manteve a pronúncia do português por

tratar-se do nome de uma cidade no Brasil, sendo pronunciado [pohtu], o que mostra uma marca de identidade, como comentaremos abaixo;

Plosiva alveolar desvozeada /t/ antes de /i/ realizada como [tʃ]: como na palavra “city”, cuja pronúncia passou de /siti/ para [sitʃi], sinalizando também uma modificação na qualidade da vogal /ɪ/, que é pronunciada como [i];

Plosivas desvozeadas /p/, /t/ e /k/ em posição inicial realizadas sem aspiração: ocorrência assistemática, como na palavra “pajama”, cuja pronúncia passou de /p^hədʒɑ:mə/ para [pədʒɑ:mə] e também na palavra “take”, que passou de /t^heɪk/ para [teɪk];

Lateral líquida // escuro em final de sílaba realizada como [w]: como na palavra “national”, cuja pronúncia passou de /næʃənəl/ para [nɛʃənəw], sinalizando também uma modificação na qualidade da vogal /æ/ para [ɛ];

Nasais /m/, /n/ e /ŋ/ em posição final não pronunciadas, ocorrendo nasalização da vogal anterior: como na palavra “morning”, cuja pronúncia passou de /mɔ:rnɪŋ/ para [mɔ:rnĩ];

Encontros consonantais iniciados com /s/ simplificados pela inserção da vogal epentética /i/: como na palavra “smart”, cuja pronúncia passou de /smɑ:rt/ para [isma:rt].

Um fato bastante interessante nesta emissão, e que merece especial destaque, foi a escolha deliberada do falante por manter os nomes de cidades ou locais no Brasil em sua pronúncia original, neste caso, com a pronúncia do seu dialeto da região de Salvador, Bahia. Portanto, a pronúncia da palavra “Porto” como [pohtu], por exemplo, não se deve à substituição da consoante aproximante alveolar /ɹ/ por [h] pela interferência da grafia (SILVA, 2012), mas por uma questão marcante de identidade, tema que será melhor discutido adiante. Por enquanto, no tocante a esta questão, destacamos uma citação de Seidlhofer (2011, p.50) que nos parece muito pertinente:

Para falantes de ILF não nativos, ser capaz de usar a língua como falantes nativos e sem traços de sua L1 é cada vez mais percebido como desnecessário, irrealista e, pelo menos para alguns, como

positivamente indesejável. De fato, inúmeros falantes de ILF começaram a expressar suas identidades e a operar de acordo com seus próprios critérios.⁵⁵

CASO 3:

O terceiro caso é representado por um brasileiro de 25 anos, estudante de Letras/Inglês, que estuda a língua através de sites na internet e filmes, além de utilizá-la com frequência na faculdade. Sua emissão foi considerada pelos ouvintes como “**completamente inteligível**”, sendo que somente um a julgou apenas como “inteligível”, como se observa no Quadro 8:

Quadro 8 – Análise de inteligibilidade de fala do CASO 3

OUVINTE		INTELIGIBILIDADE	
O1	Círculo Interior (Nova Zelândia)	3	Inteligível
O2	Círculo Interior (Estados Unidos)	1	Completamente inteligível
O3	Círculo Exterior (Malawi)	1	Completamente inteligível
O4	Círculo Exterior (Índia)	1	Completamente inteligível
O5	Círculo em Expansão (Uruguai)	1	Completamente inteligível
O6	Círculo em Expansão (Japão)	1	Completamente inteligível

Seguem abaixo os comentários dos ouvintes:

Eu acho que algumas palavras nas frases se misturam com outras e, por isso, às vezes fica difícil distinguir as palavras separadas umas das outras. (O1)

Houve alguns erros de gramática, mas isso não afetou minha capacidade de entender. (O2)

Eu achei completamente inteligível. A comunicação é clara. No entanto, eu diria que seria difícil para alguém que não está acostumado a ouvir pessoas se comunicando em inglês na maioria das vezes como eu. Sinto que algumas palavras não estão bem enfatizadas e pode de alguma forma tornar difícil a compreensão. (O3)

Perfeito. Achei fácil de entender. (O4)

⁵⁵ For non-native ELF speakers, being able to use the language like native speakers and without traces of their L1 is increasingly perceived as unnecessary, unrealistic, and, at least by some, as positively undesirable. Indeed, countless ELF speakers have begun to assert their identities and to operate according to their own ‘commonsense’ criteria.

Excelente qualidade de inglês. Muito fácil de entender. (O5)

Sem problemas para entender. O inglês desta pessoa parece com inglês americano, com o qual eu estou familiarizada. (O6)

Os comentários dos ouvintes, de forma geral, sinalizam para uma emissão bem articulada e clara em termos de pronúncia. Uma questão relacionada ao comentário do Ouvinte 3 merece destaque especial. O ouvinte comenta sobre a má colocação da ênfase em algumas palavras (*REsort* ao invés de *reSORT*), o que nos remete à questão do *word stress* (acentuação de sílabas na palavra), elemento que, juntamente com ritmo e entonação, compõe os aspectos suprasegmentais de fala (JENKINS, 2000). Sobre esta discussão, Jenkins (2000) afirma que, dificilmente, “erros” isolados de acentuação de palavras causam problemas de inteligibilidade. Isto significa que, na ausência de outros “desvios” de pronúncia, a má colocação da sílaba tônica na palavra (*He broke the reCORD*, ao invés de *He broke the REcord*, por exemplo), por si só, não prejudica a inteligibilidade.

Fricativa dental vozeada /ð/ realizada como [d]: como na palavra “rather”, cuja pronúncia passou de /ræðər/ para [rɛdər], sinalizando também uma modificação na qualidade da vogal /æ/ para /ɛ/;

Plosivas desvozeadas /p/, /t/ e /k/ em posição inicial realizadas sem aspiração: ocorrência assistemática, como na palavra “Poland”, cuja pronúncia passou de /p^houlənd/ para [poulənd];

Nasais /m/, /n/ e /ŋ/ em posição final não pronunciadas, ocorrendo nasalização da vogal anterior: como na palavra “travelling”, cuja pronúncia passou de /trævəlɪŋ/ para [trævəlĩ];

Encontros consonantais iniciados com /s/ simplificados pela inserção da vogal epentética [i]: como na palavra “spend”, cuja pronúncia passou de /spend/ para [ispend].

CASO 4:

O quarto caso representa um brasileiro de 26 anos, professor de inglês, que utiliza a língua de forma constante no seu dia-a-dia. Além de ter estudado a língua durante 12 anos, atualmente, dedica-se ao ensino da língua para aprendizes brasileiros. Sua emissão foi considerada de “muito” a “**completamente inteligível**” pelos ouvintes, conforme explicitado no Quadro 9 a seguir:

Quadro 9 – Análise de inteligibilidade de fala do CASO 4

OUVINTE		INTELIGIBILIDADE	
O1	Círculo Interior (Nova Zelândia)	1	Completamente inteligível
O2	Círculo Interior (Estados Unidos)	1	Completamente inteligível
O3	Círculo Exterior (Malawi)	1	Completamente inteligível
O4	Círculo Exterior (Índia)	2	Muito inteligível
O5	Círculo em Expansão (Uruguai)	2	Muito inteligível
O6	Círculo em Expansão (Japão)	1	Completamente inteligível

Os comentários dos ouvintes sobre esta emissão seguem abaixo:

Este relato foi muito fácil de entender. Acredito que o falante foi muito bom em pronunciar todas as sílabas em inglês corretamente. (O1)

Houve alguns erros de gramática, mas isso não afetou minha capacidade de entender. (O2)

Assim como no primeiro caso, as palavras são bem articuladas e enfatizadas. O falante usa estratégias de compensação e a comunicação é clara. (O3)

Eu consigo entender, mas as palavras são repetidas como marcadores discursivos. (O4)

Muito sotaque brasileiro, mas ainda é fácil de entender. (O5)

Completamente inteligível assim como o terceiro relato. (O6)

Os comentários dos ouvintes nos levam a perceber que, apesar de apresentar alguns erros gramaticais, como indicado por O2, e características particulares de pronúncia, como indicado por O5 ao referir-se ao sotaque brasileiro, a inteligibilidade de fala foi mantida. De certa forma, isso nos leva a refletir que os ouvintes, embora

sensíveis aos diferentes modos de se falar qualquer língua, já que todo mundo fala com sotaque, inclusive os nativos, não consideram tal característica como algo negativo ou que deve ser anulado a todo custo, como ainda hoje, infelizmente, se vê no dia-a-dia de salas de aula de língua inglesa em diversos contextos instrucionais mundo afora. Para o Ensino de Língua Inglesa tradicional, o sotaque local parece continuar a ser uma chaga a ser extirpada, o que, em tempos de Inglês Língua Franca não passa de um contrassenso sem par.

Mas continuando com a discussão do caso em questão, a análise auditiva desta emissão nos levou a identificar as seguintes características de pronúncia:

Fricativa dental vozeada /ð/ realizada como [d]: como na palavra “they”, cuja pronúncia passou de /ðeɪ/ para [deɪ];

Plosiva alveolar vozeada /d/ antes de /ɪ/ realizada como [dʒ]: como na palavra “dinner”, cuja pronúncia passou de /dɪnər/ para [dʒɪnər];

Plosivas desvozeadas /p/, /t/ e /k/ em posição inicial realizadas sem aspiração: ocorrência assistemática, como na palavra “keep”, cuja pronúncia passou de /k^hi:p/ para [ki:p];

Nasais /m/, /n/ e /ŋ/ em posição final não pronunciadas, ocorrendo nasalização da vogal anterior: como na palavra “dating”, cuja pronúncia passou de /deɪtɪŋ/ para [deɪtĩ];

Vogal /ɪ/ produzida como [i]: como na palavra “trip”, cuja pronúncia passou de /trɪp/ para [trip].

CASO 5:

O último caso analisado neste estudo é o de um brasileiro de 25 anos, professor de História que, embora não utilize o inglês com frequência no seu cotidiano, tem um grande interesse pela língua e estuda a língua como auto-didata. Conforme avaliação dos ouvintes (Quadro 10), sua emissão variou de “inteligível” a “**completamente inteligível**”.

Quadro 10 – Análise de inteligibilidade de fala do CASO 5

OUVINTE		INTELIGIBILIDADE	
O1	Círculo Interior (Nova Zelândia)	2	Muito inteligível
O2	Círculo Interior (Estados Unidos)	1	Completamente inteligível
O3	Círculo Exterior (Malawi)	1	Completamente inteligível
O4	Círculo Exterior (Índia)	1	Completamente inteligível
O5	Círculo em Expansão (Uruguai)	2	Muito inteligível
O6	Círculo em Expansão (Japão)	3	Inteligível

Os comentários seguem abaixo:

Acho que a hesitação do falante dificultou a compreensão. (O1)

Houve alguns erros de gramática, mas isso não afetou minha capacidade de entender. (O2)

Eu diria que a comunicação é muito clara e é fácil de entender tudo. (O3)

Bom. É muito claro. (O4)

Muito sotaque brasileiro, mas ainda é fácil de entender. (O5)

Eu entendi algumas palavras e a maior parte da mensagem. Algumas palavras deste relato soam mais rápidas que dos outros quatro. (O6)

Os comentários apontam para a presença de alguns erros gramaticais e de elementos que caracterizam a emissão como sotaque brasileiro, assim como ocorreu em outras emissões, já discutidas anteriormente. A Ouvinte 1 destacou a presença de hesitações, que foram constatadas também na nossa análise auditiva. Além de hesitações, foram observadas repetições e reestruturações frequentes, o que pode tornar a fala difícil de ser acompanhada pelo ouvinte, conforme indica Kenworthy (1987, p.14): “se, por exemplo, a fala de um aprendiz é repleta de auto-correções, hesitações e reestruturações gramaticais, então os ouvintes tenderão a achar o que ele diz difícil de acompanhar”⁵⁶. Não podemos afirmar se tais características na emissão deste falante são devido ao desconforto pela situação de gravação ou se são peculiaridades próprias na sua maneira de falar. De qualquer

⁵⁶ *If, for example, a learner's speech is full of self-corrections, hesitations, and grammatical restructurings, then listeners will tend to find what he or she says difficult to follow.*

forma, embora pareça ter diminuído a inteligibilidade, este fator não causou maiores problemas na compreensão de sua fala por parte de cada ouvinte.

Os achados da nossa análise auditiva neste caso seguem abaixo:

Fricativa dental desvozeada /θ/ realizada como [f]: como na palavra “with”, cuja pronúncia passou de /wɪθ/ para [wɪf], sinalizando também para uma modificação na qualidade da vogal /ɪ/ para [i];

Fricativa dental vozeada /ð/ realizada como [d]: como na palavra “than”, cuja pronúncia passou de /ðæn/ para [dæn];

Plosiva alveolar desvozeada /t/ antes de /i/ realizada como [tʃ]: como na palavra “teacher”, cuja pronúncia passou de /ti:tʃər/ para [tʃitʃər], sinalizando também uma modificação na duração da vogal longa /i:/, que passa a ser pronunciada como a vogal curta [i];

Plosivas desvozeadas /p/, /t/ e /k/ em posição inicial realizadas sem aspiração: ocorrência assistemática, como na palavra “people”, cuja pronúncia passou de /p^hi:p/ para [pip], tal como observado também no CASO 1. Mas neste caso, houve também a substituição da vogal longa /i:/ pela vogal curta [i];

Lateral líquida /l/ escuro em final de sílaba realizada como [w]: como na palavra “hostel”, cuja pronúncia passou de /hɔ:stl/ para [hɔstɛw], sinalizando também uma modificação na qualidade da vogal /ɑ:/ para [ɔ];

Nasais /m/, /n/ e /ŋ/ em posição final não pronunciadas, ocorrendo nasalização da vogal anterior: como na palavra “longer”, cuja pronúncia passou de /lɔ:ŋgər/ para [lɔŋgər];

Vogal /ʊ/ é pronunciada como [u]: como na palavra “could”, cuja pronúncia passou de /kʊd/ para [kud];

Encontros consonantais iniciados com /s/ simplificados pela inserção da vogal epentética [i]: como na palavra “started”, cuja pronúncia passou de /stɑ:rtəd/ para [ɪstɑ:rtəd].

Finda esta seção de apresentação e reflexão sobre os casos da pesquisa, serão apresentados, a seguir, exemplos das particularidades na pronúncia dos brasileiros participantes deste estudo por meio do software PRAAT, de forma a demonstrar, através da análise acústica, as diferenças do inglês chamado “padrão” e do inglês falado pelo usuário brasileiro. Os arquivos para representação do inglês “padrão” foram obtidos da obra de Thaís Cristófaró Silva (2012)⁵⁷. Vale ressaltar que, ao contrário da citada autora, não privilegamos em nenhum momento o inglês “padrão” em detrimento das outras variedades. Esta variedade foi utilizada neste trabalho com o objetivo apenas de oferecer um apoio visual de comparação com a forma brasileira de falar inglês.

Antes de proceder à análise, é importante informar que uma amostra de fala, para ser analisada acusticamente, deve ser preferencialmente coletada em ambiente acusticamente tratado. Como isto não foi possível em nossa pesquisa, devemos reconhecer esta limitação, embora ela não tenha impossibilitado a realização da investigação. No entanto, faz-se relevante também ressaltar que investigações mais cuidadosas nesta área devem atentar-se para que a coleta de dados seja mais controlada. De qualquer forma, não desconsideramos a validade da nossa proposta, que tem como objetivo primordial não a análise acústica em si, mas demonstrar de que forma este recurso pode contribuir para pesquisas em ILF.

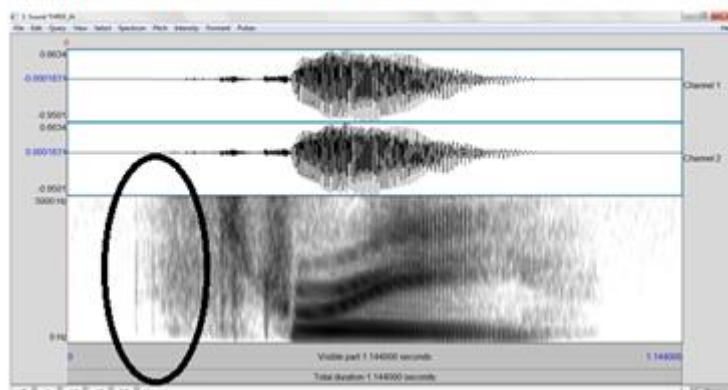
5.2 Exemplos das particularidades na pronúncia de brasileiros falantes de inglês por meio da análise acústica

5.2.1 Fricativa dental desvozeada /θ/ é realizada como [t].

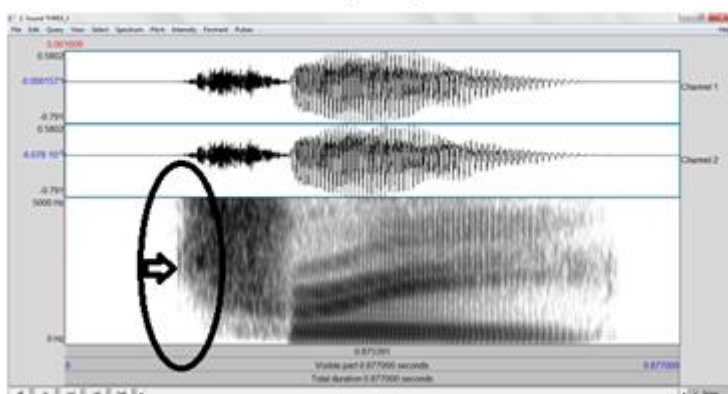
Palavra “three”: /θri:/ →[tri:].

⁵⁷Material em áudio que pode ser acessado gratuitamente através de cadastro no site <www.editoracontexto.com.br>. Acesso em 12 ago. 2013.

Emissão padrão [θri:]



Falante brasileiro [tri:]

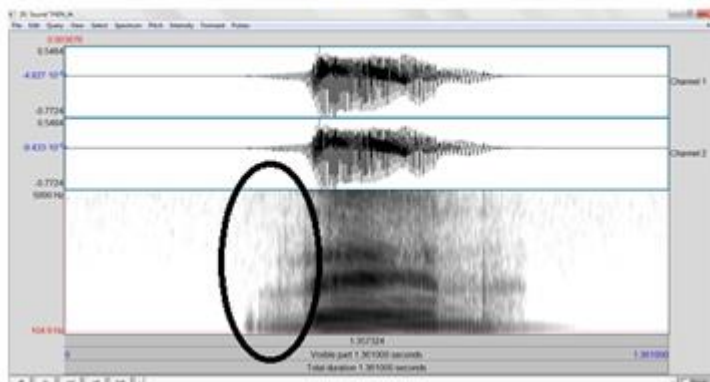


A imagem revela a diferença de pronúncia entre os sons [θ] e [t], destacados com um círculo em cada uma das emissões. No primeiro caso, é possível observar a fricção, por tratar-se de uma consoante fricativa. O segundo caso, encontrado facilmente na fala de alguns de nossos participantes brasileiros usuários de inglês, mostra uma forte concentração de energia e uma explosão (indicada pela seta), por tratar-se de uma consoante plosiva.

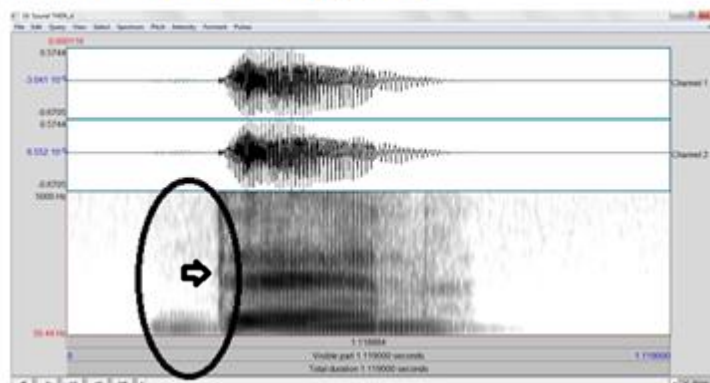
5.2.2 Fricativa dental vozeada /ð/ é realizada como [d]

Palavra “then”: /ðɛn/ → [dɛn].

Emissão padrão [ðɛŋ]



Falante brasileiro [dɛŋ]

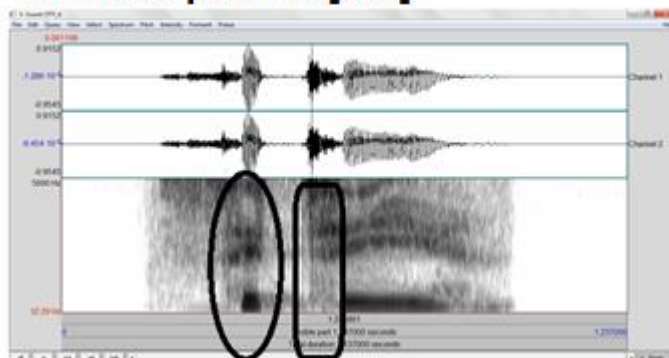


Nesta imagem, podemos observar a diferença de pronúncia entre os sons [ð] e [d], destacados com um círculo em cada uma das emissões. Assim como no item anterior, observa-se a fricção da consoante [ð] em contraste com a explosão característica da plosiva [d] (como acontece em todas as plosivas).

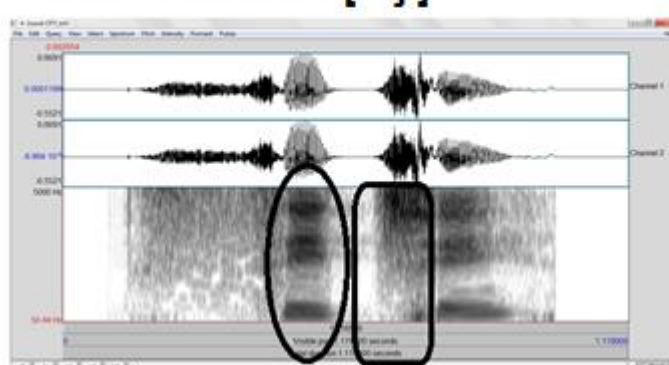
5.2.3 Plosiva alveolar desvozeada /t/ antes de /i/ é realizada como [tʃ] Qualidade vocal /ɪ/ é pronunciada como [i]

Palavra “city”: /sɪti/ → [sitʃi]

Emissão padrão [siti]



Falante brasileiro [sitʃi]

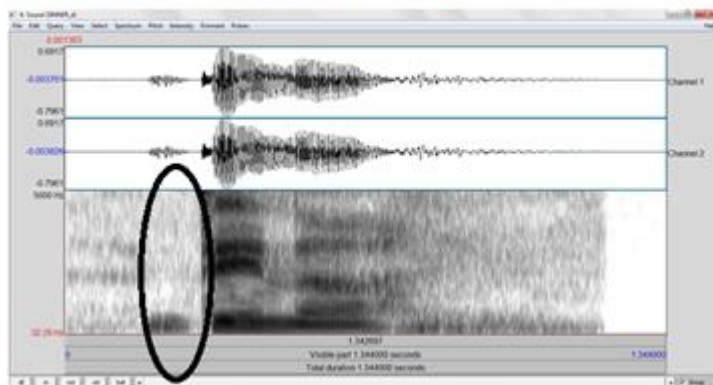


Nesta imagem, verificamos diferenças em dois níveis. Nos círculos, observamos a diferença na qualidade das vogais [ɪ] e [i], onde a concentração de energia e os formantes encontram-se em regiões diferentes. Nos retângulos, temos a diferença entre o som plosivo [t] e o som africado [tʃ], onde o primeiro é explosivo e curto, logo seguido pela vogal, enquanto o segundo apresenta uma fricção, com maior duração antes do início da vogal.

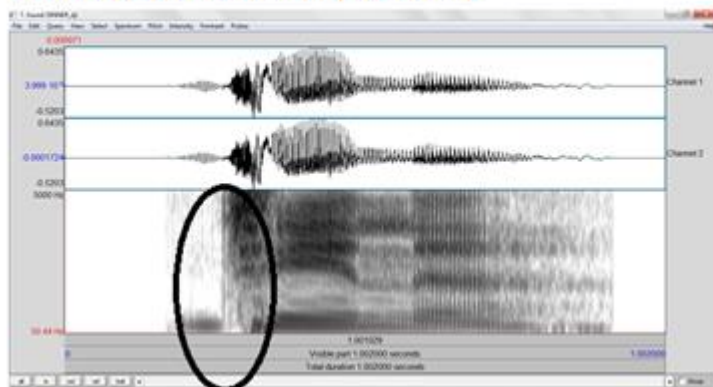
5.2.4 Plosiva alveolar vozeada /d/ antes de /ɪ/ é realizada como [dʒ]

Palavra “dinner”: /dɪnər/ → [dʒɪnər]

Emissão padrão [dɪnə]



Falante brasileiro [dʒɪnə]



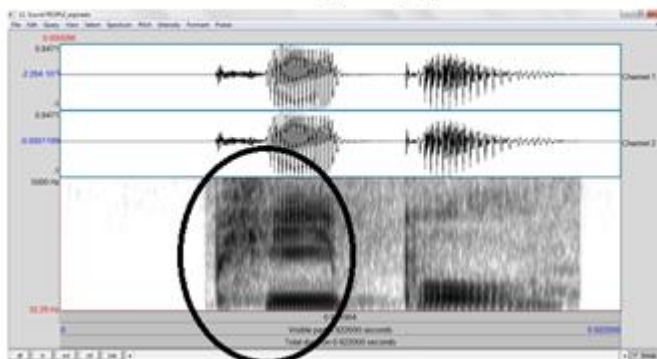
Semelhante ao caso anterior, porém com sonoridade, vemos aqui a diferença entre o som plosivo /d/ e o som africado [dʒ], onde o primeiro é explosivo e curto, enquanto o segundo apresenta uma fricção que tem maior duração antes do início da vogal.

5.2.5 Plosiva bilabial desvozeada /p/ em posição inicial é realizada sem aspiração

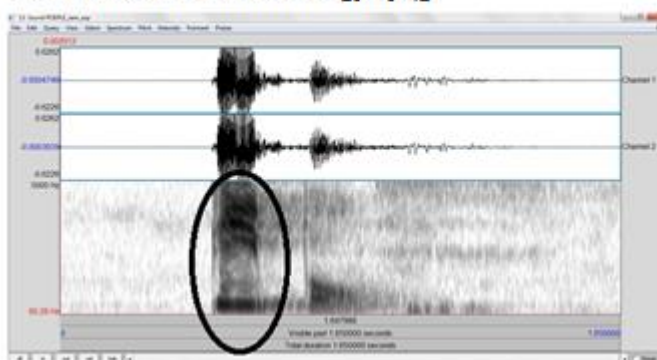
Vogal longa /i:/ é pronunciada como vogal curta [i]

Palavra “people”: /p^hi:p/ → [pip!]

Emissão Padrão [p^hi:pi]



Falante brasileiro [pip]



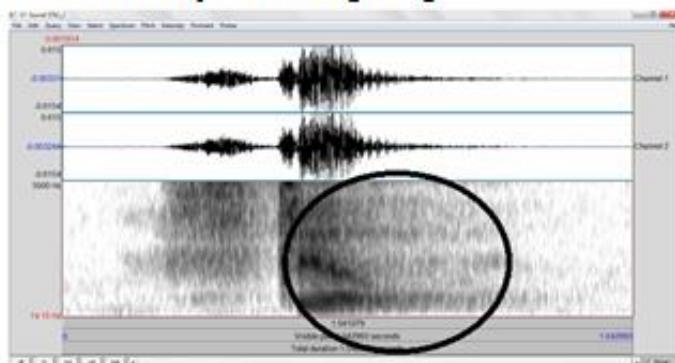
Neste caso, observa-se grande diferença entre o trecho [p^hi:], circulado no primeiro espectrograma, e o trecho [pi], circulado no segundo espectrograma. É possível observar a aspiração no primeiro trecho, com um período de turbulência muito maior em relação ao segundo trecho, no qual observa-se apenas a explosão da plosiva desvozeada não aspirada /p/. A diferença entre a extensão da vogal nos casos também pode ser atestada.

5.2.6 Lateral líquida /l/ escuro em final de sílaba é realizada como [w]

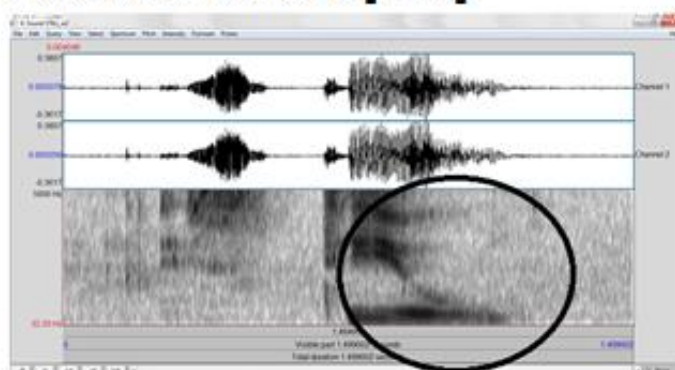
Vogal /ɪ/ é produzida como [i]

Palavra “still”: /stɪl/ → [stiw]

Emissão padrão [sti]



Falante brasileiro [stiw]

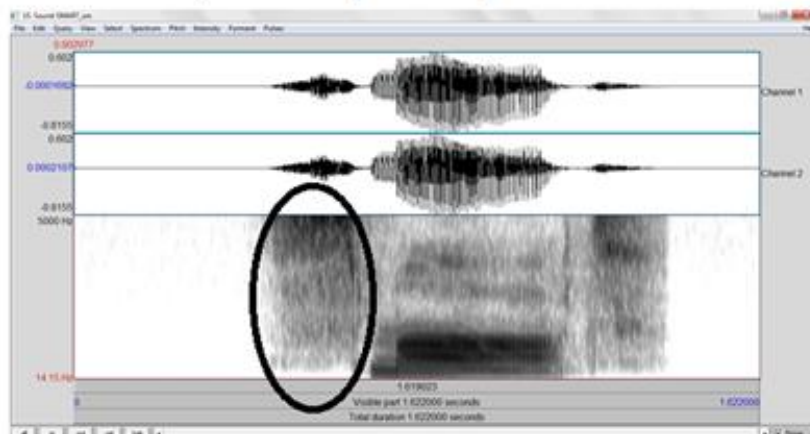


Voltando nossa atenção para o trecho final, observamos uma diferença na qualidade da vogal, com concentração de energia em diferentes regiões, e também a discrepância da pronúncia da lateral líquida /l/ escuro no primeiro caso e a presença da glide [w] no segundo. No primeiro espectrograma, podemos atestar a presença da lateral líquida /l/ escuro, com pouca energia, seguindo-se à vogal. Já no segundo, observamos que ao final da vogal /i/, há continuidade de uma forte energia concentrada em baixas frequências (padrão mais escuro na região mais baixa do espectrograma), o que caracteriza a glide [w], como em “woman”.

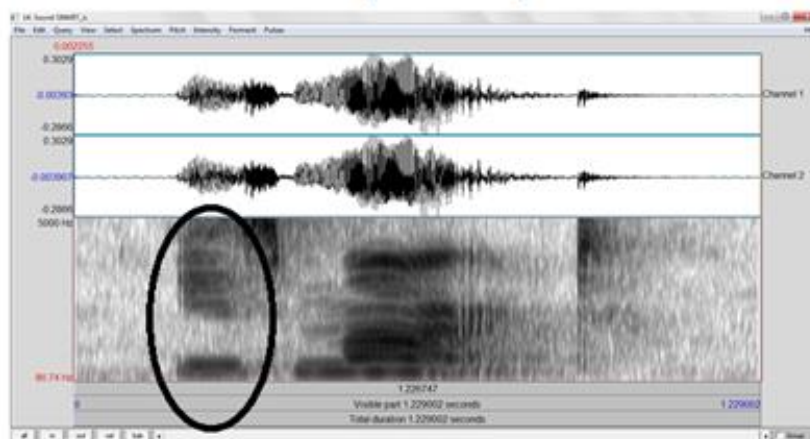
5.2.7 Encontros consonantais iniciados com /s/ são simplificados pela inserção da vogal epentética [i]

Palavra “smart”: /smɑ:rt/ → [isma:rt]

Emissão padrão [sma:rt]



Falante brasileiro [isma:rt]



Nestes espectrogramas, é possível observar claramente a adição da vogal /i/ no início da palavra. Contrastando as duas imagens, observamos na primeira a presença somente da fricção da consoante /s/ pela turbulência causada pela passagem do ar, por tratar-se de uma consoante fricativa. Na segunda, ao contrário, observa-se, inicialmente, a ocorrência de uma vogal pela presença dos formantes, que, por sua localização de frequência, identifica-se como sendo a vogal [i]. Em seguida, há uma fricção de pequena duração, que representa a consoante [s].

Certamente poderíamos estender a nossa análise, tratando outras ocorrências de fala dos brasileiros falantes de inglês informantes de nossa pesquisa. Contudo, teríamos uma quantidade muito grande de dados, com os quais não conseguiríamos operacionalizar para os fins do presente estudo. Para o escopo do

trabalho, entretanto, os exemplos aqui colocados já nos trazem uma boa ideia da nossa proposta, que pode ser desenvolvida em estudos futuros.

A análise espectrográfica realizada neste estudo buscou apresentar uma forma de investigação da fala que nos permite não somente visualizar o sinal acústico de ocorrências de fala, mas também perceber detalhes que muitas vezes podem (e geralmente ocorrem de) passar despercebidos auditivamente. Em nossa investigação, nos deparamos com algumas situações em que ficamos na dúvida sobre um ou outro aspecto: “Será isso mesmo que estamos ouvindo?”. Quando passamos à análise espectrográfica, pudemos confirmar ou descartar nossas hipóteses.

Esta pesquisa, por ter como objetivo a investigação da inteligibilidade de fala, não buscou analisar cuidadosamente cada um dos achados quanto às particularidades de pronúncia, mas somente, como destacado anteriormente, oferecer uma nova proposta de análise da comunicação de brasileiros falantes de inglês como língua franca, qual seja, a utilização da escala adaptada de Souza, Marques e Scott (2010) e, principalmente, aplicação da análise fonético-acústica. Este recurso tem sido pouco explorado dentro da temática de ILF (identificamos somente o trabalho de GOMES, 2012) e, como vimos em nossa pesquisa, trata-se de um instrumento de bastante utilidade prática. Deixamos, então, como sugestão para pesquisas futuras que novos estudos sejam conduzidos tendo a análise acústica espectrográfica como foco de análise.

O próximo tópico é dedicado à discussão mais ampla dos dados encontrados na pesquisa.

5.3 Discussão dos casos

A partir dos dados obtidos com a análise de cada caso, podemos tecer algumas considerações e reflexões importantes. Em primeiro lugar, o que chama atenção é que os falantes brasileiros de inglês aqui analisados foram todos considerados “inteligíveis” pelos ouvintes selecionados a partir da tipologia dos círculos concêntricos presente no paradigma do *World Englishes* (KACHRU, 1985). Em uma escala de cinco pontos, nenhum participante foi considerado “pouco inteligível” ou “ininteligível”, havendo variação somente no grau de inteligibilidade: “inteligível”, “muito” ou “completamente inteligível”. Este dado, associado à

identificação de diversas características típicas do falante brasileiro de inglês, sugere que o usuário brasileiro da língua inglesa, em especial no contexto de ILF, cada vez mais comum, consegue comunicar-se mantendo a inteligibilidade de fala ao mesmo tempo em que retém suas particularidades de fala, não sendo necessário, portanto, falar como um nativo ou, na pior das hipóteses, tentar imitá-lo de forma caricata e pouco natural.

Obviamente, esta afirmação é uma generalização da pesquisa. Sabemos que não é possível rotular “o” falante brasileiro, devido à grande variedade de dialetos e variedades no país e às diferentes experiências de cada falante. Mas destacamos que este é um estudo de caso de caráter exploratório que, ainda de maneira parcial e totalmente aberta a complementações, busca dar uma visão geral do tema, conforme já foi discutido no capítulo dedicado à apresentação dos aspectos metodológicos.

Os comentários dos participantes-ouvintes apontam para a presença de “erros” gramaticais nas emissões e muitos ouvintes mencionam a presença de um sotaque brasileiro. Estes dois elementos, por aparecerem de forma constante nos casos em análise, merecem destaque.

A partir dos nossos dados, verificamos que o brasileiro falante de inglês, como todo e qualquer usuário, por sinal, carrega particularidades de pronúncia derivadas da sua língua materna, o português do Brasil, o que caracteriza sua forma de falar, ou seja, seu sotaque brasileiro. Munro (2008) afirma que, no nível segmental, um sotaque é determinado pela omissão ou inserção de fonemas, substituições de um fonema por outro ou produção de fonemas diferentes da língua alvo. Tais características, sem sombra de dúvidas, foram observadas na presente pesquisa. O autor destaca ainda que, ao julgar uma fala quanto ao seu sotaque, ouvintes parecem considerar a frequência com que determinado fenômeno ocorre, o que parece ter sido relevante em nosso estudo.

Embora tenham percebido o sotaque brasileiro, notamos que os ouvintes não julgaram as falas como “ininteligíveis”, uma vez que inteligibilidade e sotaque são variáveis distintas, o que é observado também em diversos estudos (MUNRO; DERWING, 1995; DERWING; MUNRO, 1997; MUNRO, 2008). Tal postura de notar e não julgar como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito” na vida real, diríamos, pode contribuir imensamente para se modificar determinado comportamento ainda bastante presente nas nossas salas de aula de língua inglesa, onde professores e

materiais, seguramente na contramão de todas essas questões, continuam a assumir e, de alguma forma, garantir, que um “bom inglês” é um inglês “sem sotaque local”, ou seja, um inglês nativo.

A presença de “erros” gramaticais foi observada principalmente por ouvintes do círculo interno (*inner circle*), ou seja, falantes nativos de inglês. Como destacado anteriormente, tais desvios da considerada “norma padrão” parecem não ter um grande impacto na inteligibilidade de fala, conforme atesta Jenkins (2000). Munro (2008) também comenta esta questão, ressaltando que uma estrutura linguística formal e correta não é condição necessária para a competência comunicativa. O autor explica que, numa interação natural, os interlocutores são capazes de entender falas contendo erros gramaticais e de pronúncia invocando processos do tipo *top-down*⁵⁸, além de outros inerentes ao contexto da interlocução entre indivíduos.

Discutindo especificamente as particularidades de pronúncia encontradas nas emissões de nossos participantes, verificamos que a substituição das fricativas dentais /θ/ e /ð/ por outros sons ocorreu com certa frequência. Esta situação é bastante comum para falantes brasileiros de inglês, como sinaliza Silva (2012), e deve-se ao fato de estes sons não existirem no português do Brasil, sendo, portanto, (e este é um processo natural para falantes de quaisquer línguas maternas) substituídos por outros sons que possuem alguma proximidade fonética (SANT’ANNA, 2003). Contudo, como identificado por Jenkins (2000) em suas pesquisas com ILF, tais substituições ou compensações, na maioria das vezes, não interferem nem prejudicam a inteligibilidade.

Outra questão que ocorreu de forma bastante frequente foi a modificação na qualidade das vogais, devido às diferenças fonéticas das duas línguas. No entanto, como já previa Jenkins (2000), esta característica parece não afetar de forma significativa a inteligibilidade de fala. A alteração na duração das vogais (como a pronúncia de “leave” soando como “l*ī*ve”), que poderia gerar um impacto maior sobre a inteligibilidade, foi pouco observada.

A falta de aspiração das plosivas /p/, /t/ e /k/ em posição inicial, identificada por Jenkins (2000) no *Lingua Franca Core*, apresentado anteriormente, ocorreu de

⁵⁸*Top-down* refere-se ao processamento da mensagem a partir do contexto maior para o específico, o que contrasta com o processo *bottom-up*, no qual parte-se dos pequenos detalhes da mensagem para compreendê-la como um todo.

forma assistemática com todos os falantes participantes do estudo. Isto significa que não foi observada falta de aspiração em *todas* as ocorrências de palavras iniciadas por estas consoantes, mas somente em algumas ou com consoantes específicas, como, por exemplo, com o fonema /p/ (“people”, “Poland”, etc). Talvez, por isso, tais ocorrências não tenham afetado de forma tão significativa a inteligibilidade de fala.

Como ressaltado anteriormente, nossa pesquisa seguiu por um caminho qualitativo, sem o objetivo de quantificar as características de pronúncia observadas nas amostras geradas por nossos participantes. Na verdade, nosso objetivo é analisar uma questão extremamente relevante para os estudos linguísticos atuais e propor algumas reflexões no que tange especialmente à pronúncia de brasileiros falantes de inglês no contexto de inglês como língua franca. Pelos dados aqui apresentados, observamos que o falante brasileiro de inglês, certamente, retém algumas particularidades de pronúncia que são típicas, próprias do seu jeito de falar e que, por isso mesmo, os identificam como membros de uma comunidade específica.

A noção de comunidade e identidade é bastante discutida por Widdowson (1994, 1997, 2004). Conforme o autor, a proposta do inglês como língua franca traz a ideia de que nenhuma norma deve ser imposta aos bilhões de usuários de inglês no mundo e que as diferentes formas surgidas a partir do momento em que pessoas de diferentes nacionalidades (diferentes comunidades) comunicam-se através desta língua devem ser reconhecidas e legitimizadas. Em suas palavras (WIDDOWSON, 1997, p.142), “se estas comunidades tiverem espaço para afirmar sua própria identidade, elas irão gerar gradualmente suas próprias normas, dissociadas de códigos convencionais anteriores”⁵⁹. Nessa discussão, vale ainda refletir sobre as palavras do mesmo Widdowson alguns anos antes, ao afirmar que

[é] questão de grande orgulho e satisfação para os falantes nativos de inglês o fato de sua língua ser considerada um meio de comunicação internacional; contudo, esta língua só é internacional na medida em que deixa de lhes pertencer; outras pessoas, literalmente, dela se apossam⁶⁰ (WIDDOWSON, 1994, p.385).

⁵⁹ *If these communities have reason to assert their own independent identity, they will gradually generate their own norms dissociated from previous coding conventions.*

⁶⁰ *It is a matter of considerable pride and satisfaction for native speakers of English that their language is an international means of communication, but it is only international to the extent that it is not their language; other people actually own it.*

E é exatamente por conta deste processo de apropriação local, de adaptação às novas comunidades de fala que este fenômeno chamado inglês segue se espalhando pelo planeta afora, colorindo-se e assumindo as marcas identitárias de povos oriundos de locais outrora tão distantes para a maioria dos habitantes desta sociedade globalizada.

Nessa perspectiva, sensatamente democrática, como deveria sempre ser, usuários podem expressar suas identidades mais livremente, livres de pressões e amarras ideológicas, sem a necessidade de aderir às normas que representam a identidade sociocultural de outros falantes, neste caso, os falantes nativos de inglês, sejam eles americanos, britânicos, australianos, neozelandeses, etc.

Outra leitura possível de ser feita a partir dos dados gerados pela pesquisa está apresentada no Quadro 11 abaixo, que mostra os valores da escala de inteligibilidade de 1 a 5 distribuídos de acordo com os ouvintes (identificados de O1 a O6) e com os falantes (identificados de F1 a F5). Vale lembrar que, na escala numérica utilizada neste trabalho, os menores valores indicam melhor inteligibilidade de fala. De forma simplificada, os números da escala numérica foram somados tendo como referência os ouvintes (linhas horizontais) e os falantes (colunas verticais).

Quadro 11 – Distribuição da análise de inteligibilidade dos falantes da pesquisa

		F1	F2	F3	F4	F5	
O1	Círculo Interno	1	2	3	1	2	9
O2	Círculo Interno	1	2	1	1	1	6
O3	Círculo Externo	1	1	1	1	1	5
O4	Círculo Externo	1	2	1	2	1	7
O5	Círculo em Expansão	2	3	1	2	2	10
O6	Círculo em Expansão	2	2	1	1	3	9
		8	12	8	8	10	

Da análise do quadro acima, podemos obter duas interpretações, a depender do foco do nosso olhar: falantes ou ouvintes. Se considerarmos os **falantes**, analisando as pontuações indicadas nas colunas verticais (F1= 8, F2= 12, F3= 8, F4= 8, F5= 10), verificamos que F1, F3 e F4 obtiveram um menor valor, o que indica que suas emissões foram consideradas as mais inteligíveis. Os falantes F2 e F5

foram considerados um pouco menos inteligíveis, embora ainda inteligíveis para os ouvintes. Tomando por base a caracterização dos participantes, estes dados nos levam a perceber que, em nosso estudo, os participantes com maior experiência e contato com a língua inglesa no seu dia a dia obtiveram uma análise um pouco melhor no que se refere à inteligibilidade de fala.

Uma outra interpretação que podemos extrair do quadro acima refere-se aos **ouvintes**, quando olhamos a soma dos valores das linhas horizontais (O1= 9, O2= 6, O3= 5, O4= 7, O5= 10, O6= 9). Desta análise, verificamos que o ouvinte 3 (O3), oriundo do círculo externo, atribuiu os menores valores às emissões, ou seja, foi o ouvinte que considerou as emissões mais inteligíveis. Podemos imaginar que tal fato se deve, provavelmente, à experiência deste ouvinte, que possui formação em Letras e é professor de inglês para brasileiros.

Em seguida, temos a ouvinte 2 (O2), representante do círculo interno, que já passou pela experiência de estudar no Brasil em um curso intensivo com duração de um mês e teve contato com falantes brasileiros de inglês. Posteriormente, aparece o ouvinte 4 (O4), também oriundo do círculo externo, que trabalha em uma empresa multinacional com equipes de brasileiros. As análises consideradas menos inteligíveis foram aquelas das ouvintes 1 (O1) e 6 (O6), isto é oriundas dos círculos interno e em expansão, respectivamente, que tiveram menos contato com brasileiros falantes de inglês. No outro extremo, temos a ouvinte 5 (O5), do círculo externo, com maior somatória dos itens da escala, indicando que foi a ouvinte que considerou as emissões menos inteligíveis quando comparada aos demais.

Percebe-se, portanto, que a familiaridade do ouvinte com as características de pronúncia do inglês falado por brasileiros, sem sombra de dúvidas, parece ter influenciado as análises, corroborando o que já foi constatado por diferentes autores (GASS; VARONIS, 1984; SMITH, 1992; MUNRO, 2008; CRUZ, 2008). Certamente, este é um sinal importante a ser considerado por professores de língua inglesa atuando no contexto brasileiro no sentido de instrumentalizar seus alunos para participarem de maneira consciente e confiante, orgulhosos de suas marcas identitárias, dos encontros interculturais que serão travados através da língua internacional mais difundida da atualidade.

Ainda considerando os dados acima, ao contrário do que se possa imaginar, não foram os falantes nativos de inglês os mais rígidos na análise de inteligibilidade, mas sim os representantes do círculo em expansão. De fato, existem alguns estudos

que apontam para esta direção, identificando que ouvintes não nativos podem ser menos tolerantes do que falantes nativos (FAYER; KRASINKSI, 1987). Podemos compreender esta questão ao considerarmos a forma como o inglês tem sido ensinado nos países onde a língua é considerada *estrangeira*.

Sob o prisma de Inglês como Língua Estrangeira (ILE), falantes dos círculos em expansão como o Brasil, por exemplo, aprendem a língua tendo como foco e espelho o padrão do falante nativo (certamente restrito às duas variedades hegemônicas, americana e britânica) e, portanto, estão mais preocupados em verificar as emissões orientadas muito mais para a acurácia ou exatidão da língua do que a comunicação propriamente dita. Esta visão, compartilhada por leigos (pais, alunos, comunidade em geral) e até mesmo estudiosos, é histórica e deriva da suposição de que o único inglês correto é o inglês do falante nativo, inglês considerado padrão e normativo, como defendido rigorosamente por Randolph Quirk⁶¹ (JENKINS, 2006, 2007; SEIDLHOFER, 2011).

Barbara Seidlhofer (2011), linguista de origem austríaca e professora da Universidade de Viena, combate fortemente esta visão, a qual a estudiosa refere-se como uma “atitude anglo-saxônica”, centrada nos falantes do círculo interno, não deixando, então, de defender o direito dos falantes dos círculos externo e em expansão em desenvolver suas próprias normas. Afinal, como destaca a autora, considerando o número de falantes e domínios de uso, a insistência no uso do inglês padrão como única opção é, no mínimo, difícil de justificar. Em verdade, é possível até mesmo questionar a existência de um “inglês padrão”, visto a dificuldade de definição deste termo. Sobre este tema, Seidlhofer (2011) propõe uma interessante discussão acerca da diferenciação entre “Inglês Padrão” e o que ela chama de “Inglês real”⁶².

Nas suas elaborações, à luz do conceito de ILF, Inglês como Língua Franca, a autora sugere uma reflexão e uma reconsideração sobre a primazia da linguagem “padrão” do falante nativo. Ao contrário do que possa parecer, ela não rejeita todas as normas deste “padrão”, mas defende, acima de tudo, que os usuários de inglês como língua franca mundo afora devem ter assegurado o direito de serem

⁶¹ Randolph Quirk é considerado uma das grandes referências em teoria linguística, dedicando-se à gramática descritiva e defendendo, de maneira bastante contundente, a existência de um inglês padrão, ditado pelas normas do falante nativo.

⁶² Para uma compreensão mais aprofundada sobre a temática, ver Seidlhofer (2011), especialmente o Capítulo 3.

“desenvolvedores de normas” (*“norm-developing”*) mais do que simplesmente “dependentes de normas” (*“norm-dependent”*) (SEIDLHOFER, 2011, p.60).

Este cenário tem sido modificado aos poucos pela compreensão do inglês não mais como língua estrangeira, mas como língua franca (JENKINS, 2000; 2007; SEIDLHOFER, 2011), conceito aqui já amplamente discutido. No entanto, muito ainda se tem que caminhar a este respeito, pois o ideal do falante nativo ainda está muito enraizado, especialmente na concepção e propagação de cursos de inglês, onde é dado especial destaque à presença de “professores americanos e/ou ingleses”, como se eles, apenas pelo fato de terem nascido nestes países, estão melhor habilitados a ensinar a língua. Como bem observa Schmitz (2012, p.253), “não há dúvidas de que o ensino da língua inglesa pelas nações hegemônicas é um negócio multi-milionário”. Portanto, questionamentos como os propostos pela perspectiva de ILF seriam uma ameaça a esta indústria.

Infelizmente, muitas pessoas ainda se pautam por esta premissa de que “o melhor professor é o falante nativo”, o que é seriamente combatido pelos pesquisadores na área de Inglês como Língua Franca. Concordamos com Dalton e Seidlhofer (1994) e Jenkins (2000) no sentido de que impor ao alunos (ou, como preferimos, novos usuários ou usuários bilíngues de inglês) as normas de pronúncia de uma língua alvo, renunciando às características da sua língua materna pode ser perigoso até mesmo para a sua expressão de identidade. Como já nos lembrava McKay (2002), ainda durante um período em que tais discussões eram de certa forma incipientes, o uso do inglês como língua internacional ou língua franca global aconteceria predominantemente entre seus usuários bilíngues, o que, certamente, veio a acontecer. Sendo assim, complementa a autora, “é importante que examinemos as diferentes maneiras pelas quais os falantes bilíngues utilizam o inglês dentro de seu repertório linguístico completo e não compará-los com falantes nativos”⁶³ (MCKAY, 2002, p.31).

Diante de tal panorama, faz-se, então, extremamente urgente e necessário que os professores de inglês reavaliem suas atitudes perante novos usuários de LI, para que esta visão tradicional, ainda tão valorizada e difundida, seja repensada, adaptando-se a uma nova realidade tão presente e marcante nos tempos contemporâneos e que a perspectiva do Inglês como Língua Franca seja cada vez

⁶³ [...] *it is important to examine the various ways in which bilinguals make use of English within their full linguistic repertoire rather than compare them to native speakers.*

mais adotada e explorada. E este caminho está mais que pavimentado, uma vez que, como afirma Seidlhofer (2011), mesmo que ensinemos dentro de uma perspectiva supostamente ILE (Inglês como Língua Estrangeira), nossos alunos e futuros usuários, gostemos ou não, serão falantes de ILF (Inglês como Língua Franca), pois, como já amplamente discutido, a maioria absoluta das interações em língua inglesa atualmente ocorre entre usuários não-nativos. Assim, confiamos na importância do desenvolvimento de pesquisas na área e na criação de grupos de discussão, para que mais pessoas possam desenvolver e se filiar a esta visão crítica e realista de ensino e aprendizagem de língua inglesa.

Em nosso grupo de pesquisa na Universidade Federal da Bahia, professores (não-nativos!) estudam, discutem e refletem sobre esta “nova” visão e, em suas salas de aula, buscam repassá-la a seus alunos, na tentativa de empoderá-los e levá-los a se sentir verdadeiros donos desta que agora passa também a ser sua língua. Assim, fazemos parte do grupo referido por Cogo (2012, p.103), como aquele que começa “a encorajar alunos, professores e profissionais do ensino de língua inglesa em geral a se envolverem no debate sobre o que é uma língua e questões relacionadas à propriedade do inglês”⁶⁴.

A experiência mostra que a maioria dos alunos ainda acha que é possível e busca falar inglês como um nativo, mas, aos poucos, cada questionamento que propomos em sala, pode levá-los a repensar tal objetivo que, claro, não é de todo impossível, mas em quase cem por cento de exemplos daqueles que acreditam nesta premissa, torna-se um elemento poderoso de opressão quando, não de frustração, deixando emergir um cada vez mais comum sentimento de fracasso, principalmente na faixa etária adulta, ou seja, aquela que começa a aprender uma segunda língua mais tardiamente.

Sabemos que é apenas uma pequena parcela do que podemos fazer para alterar este cenário, mas concordamos que, ao fazermos nossa parte, estamos contribuindo para a compreensão de que o inglês é uma língua franca de alcance global e, como tal, deve ser vista como uma língua de todos os seus usuários, independentemente do nível de proficiência alcançado. Como bem nos lembra Widdowson (2006, p.174), na contemporaneidade, “ser ou não ser falante nativo de

⁶⁴ *ELF researchers have started encouraging learners, teachers, and ELT practitioners in general, to engage in the debate of what a language is and issues of English ownership.*

inglês torna-se irrelevante”, o que importa agora, complementa o autor, “é o que você é, não de onde você vem”⁶⁵.

Acreditamos que, na medida em que professores de inglês, em especial aqueles que começam a sua carreira neste novo cenário, refletirem sobre o tema e multiplicarem tais concepções entre seus alunos e seus pares, naturalmente, a perspectiva do inglês como língua franca ganhará espaço pois, como arremata Seidlhofer (2001, p.43), “[c]renças e atitudes são geralmente transmitidas e reproduzidas pela educação sem que professores e alunos se conscientizem disso”⁶⁶ e, caso estas jamais passem por algum momento de tensão ou enfrentamento, seguirão orientando esses profissionais por toda a sua trajetória acadêmica. Vivemos um momento único para que tais discussões sejam trazidas à tona e, possam de alguma forma, mexer com aquilo que Siqueira (2008) veio chamar de “silêncio confortável” da maioria dos professores de língua inglesa.

Um outro tema que não podemos deixar de comentar e que também é abordado por Seidlhofer (2004; 2011) e Jenkins (2007) refere-se às atitudes de pesquisadores, professores, alunos e até mesmo público em geral perante o fenômeno do ILF que tanto discutimos neste trabalho. As pesquisas de Jenkins (2007), por exemplo, revelaram que, tanto professores como alunos falantes de inglês no contexto de ILF ainda possuem uma postura contraditória com relação ao seu modo de falar. Quando perguntados sobre o que achavam do seu sotaque, Jenkins (2007) identificou uma certa insegurança. Atitudes como esta devem-se à “suposição da autoridade do falante nativo”, como explica Seidlhofer (2011, p.33). Isso nos mostra o quanto ainda há para ser discutido no que tange ao conceito de ILF, incluindo aí sub-temas como atitude e identidade.

Os dados aqui levantados, cujas reflexões nos levam a enxergar um futuro repleto de desafios em todos níveis para o ensino e aprendizagem de ILF, abrem espaço para que possamos destacar a importância de se promover uma maior conscientização, especialmente de professores e educadores, além de professores formadores. Como afirma Cogo (2012, p.104),

ILF é sobre conscientização e escolha – tornar os alunos conscientes de diferentes formas de falar inglês, de variabilidade e mudanças

⁶⁵ *Whether you are a native speaker of English or not is irrelevant. It is what you are now that is important, not where you have come from.*

⁶⁶ *Beliefs and attitudes are usually transmitted and reproduced through education without either teachers or learners being aware of them.*

linguísticas – e sobre oferecer escolhas a eles, ou seja, eles podem optar por falar como falantes nativos, quando e se eles quiserem, mas eles podem querer falar ILF e, em certas situações, isso pode ser mais apropriado⁶⁷.

Tanto professores como alunos precisam saber não uma língua ou uma variante da língua nos seus liames mais elementares, mas saber sobre a língua, sobre a existência de diversos “ingleses”, “suas similaridades e diferenças, questões relacionadas à inteligibilidade, à forte relação entre língua e identidade, e assim por diante”⁶⁸ (JENKINS, 2006, p.173).

As variáveis são muitas e, certamente, a discussão proposta neste estudo é de considerável importância, com implicações diretas para os mais diversos domínios. Como salienta Widdowson (2004, p.304), “o estudo empírico e as discussões teóricas sobre ILF levantaram profundas questões sobre princípios e práticas atuais de Ensino da Língua Inglesa”⁶⁹. Dentre estas questões, pensando exatamente na prática diária de sala de aula de LI, está a que mais converge para a nossa investigação, ou seja, o trabalho com pronúncia, aspecto tão importante, mas muitas vezes negligenciado ou ensinado de forma precária aos nossos alunos de ILE. Por conta disso, este é o próximo tópico a ser abordado de forma específica a partir dos nossos achados.

5.4 Implicações para o ensino de pronúncia na aula de LI

Como discutido extensamente neste trabalho, o inglês é uma língua global, a qual permite o contato de pessoas de diferentes origens. É, portanto, uma língua que sofre variações cada vez mais rápidas e mais complexas, uma vez que pessoas de diferentes línguas maternas (LM/L1) carregam diferentes sotaques até mesmo dentro da própria língua. Esta situação, com certeza, vai se manter no futuro próximo e, portanto, o principal objetivo do ensino de pronúncia deve ser habilitar os aprendizes de LI para se tornarem falantes inteligíveis para o maior número de

⁶⁷ *ELF is about awareness and choice – making students aware of different ways of speaking English, of language variability and change – and about offering choice to them, i.e. they can choose to speak like native speakers when and if they want to, but they may want to speak ELF and in certain situations, this may even be more appropriate.*

⁶⁸ *[...] teachers and learners, it is widely agreed, need to learn not (a variety of) English, but about Englishes, their similarities and differences, issues involved in intelligibility, and so on.*

⁶⁹ *ELF empirical work and theoretical discussions have raised profound questions about current principles and practice in ELT*

interlocutores possível e não somente para falantes nativos da língua, como previam os métodos fortemente vinculados ao conceito de inglês como língua estrangeira (ILE).

Com o maior espaço conquistado pelo conceito de inglês como língua franca (ILF), maior ênfase tem sido dada à competência comunicativa intercultural, ressaltando-se aspectos de pronúncia que provoquem um maior efeito no sucesso da comunicação, sendo, dessa maneira, a preocupação primordial a inteligibilidade de fala. Esta tem sido a busca de Jenkins (2000), na determinação do chamado *Lingua Franca Core (LFC)*, o qual tenta estabelecer prioridades para o ensino, onde aspectos de pronúncia que tenham maior impacto sobre a inteligibilidade de fala são maximizados e merecem mais atenção do que outros aspectos que não sejam tão relevantes, como, por exemplo, os gramaticais.

Portanto, mais do que alcançar uma fala com sotaque próximo ao falante nativo, os usuários de ILF devem ser conduzidos de forma cada vez mais consciente a almejar o desenvolvimento de uma fala inteligível entre falantes bilíngues de inglês dos quatro cantos do mundo, o que não significa uma fala perfeitamente correta do ponto de vista formal ou do tão aclamado “inglês padrão”. Assim, no ensino de ILF, a prioridade no ensino de pronúncia deve ser auxiliar os usuários a alcançar seu completo potencial comunicativo (SEIDLHOFER, 2011; MUNRO, 2008).

Ao trazer à baila a questão do ensino de pronúncia dentro do contexto de ILF, Walker (2010) destaca duas funções da língua: (1) comunicação, a principal delas, e (2) identidade, também de grande importância. Segundo o autor, no futuro, muitos falantes não nativos de inglês (e de qualquer língua internacionalizada) vão, naturalmente, desejar manter o seu sotaque local como marca indelével da sua identidade. Esta tendência pode aumentar em inúmeros contextos a reboque do processo significativo em que usuários de ILF ganham confiança no tocante, principalmente, ao seu direito de falar inglês com suas particularidades de pronúncia (WALKER, 2010).

Tradicionalmente, estas duas funções do inglês foram vistas como se estivessem numa condição de oposição. Entretanto, em sua proposta de ensino de ILF, Walker (2010) esforça-se para deixar estes dois elementos o mais próximo possível, tendo, sob a sua ótica, os seguintes objetivos básicos: 1) inteligibilidade mútua e 2) identidade. A importância de se considerar a identidade como elemento chave no ensino de pronúncia do inglês é também ressaltado por Levis (2005), que

nas suas elaborações destaca o papel da identidade no sotaque (pronúncia) como uma marca essencial de pertencimento social.

Uma abordagem de ensino de ILF com base no LFC proposto por Jenkins (2000) nos parece bastante pertinente, pois as quatro áreas de pronúncia que compõem o LFC priorizam a inteligibilidade e, ao mesmo tempo, deixam um grande espaço para que os falantes retenham seus sotaques locais e, assim, expressem de forma ampla e democrática, suas identidades. Esta é, portanto, a abordagem proposta por Walker (2010) e, com base no nosso trabalho e nas nossas incursões teóricas, é aquela que também consideramos a mais adequada para atender aos objetivos atuais da comunicação em língua inglesa como a língua de comunicação global.

Seidlhofer (2011) é uma das estudiosas da área que também rejeita o mito de que uma comunicação efetiva requer aderência aos padrões do falante nativo e ressalta a necessidade de se repensar o ensino da língua inglesa em direção a objetivos mais realistas e palpáveis. Nesta linha de pensamento, Dalton e Seidlhofer (1994) destacam o aspecto da “ensinabilidade” (*teachability*)⁷⁰ para o ensino de inglês, ou seja, o que é ou não ensinável. Segundo os autores, “alguns aspectos devem ser deixados para o aprendizado sem a intervenção do professor”⁷¹ (DALTON; SEIDLHOFER, 1994, p.73), pois eles são facilmente assimilados durante o uso da língua, sem que professores precisem dedicar muito tempo à explicitação exaustiva de um determinado assunto que pode ser muito mais difícil de ser assimilado em sala de aula e que, fatalmente, deverá ser adquirido ao longo da caminhada deste ou daquele aprendiz nas suas interlocuções naturais na vida real.

Acima de tudo, acreditamos que o papel do professor de ILF em sala de aula deve ser o de estimular a consciência dos alunos para a existência de uma grande diversidade e variedades da língua inglesa, levando-os a reconhecer o inglês não mais como uma língua estrangeira, mas como uma língua franca de uso incontestado por parte de todos que a dominam. Esta tomada de consciência, não há como deixar de reconhecer, ostenta a vantagem de poder-se levar o aluno ou o novo usuário de inglês a desenvolver e sustentar ao longo da vida uma atitude mais confiante para com a sua própria fala, com o seu modo de se expressar em inglês, fortalecendo sua identidade e reduzindo a crença, hoje praticamente superada, mas não abandonada

⁷⁰ Nossa tradução absolutamente livre para a língua portuguesa.

⁷¹ [...] *some aspects might be better left for learning without teacher intervention.*

totalmente, na necessidade de se falar inglês mimeticamente, como um falante nativo (JENKINS, 2006; 2007).

Esta mesma autora destaca ainda a necessidade de pensarmos na adoção de uma abordagem pluricêntrica ao invés de seguirmos ainda sustentados pela abordagem tradicional monocêntrica do ensino do inglês. Na perspectiva da estudiosa, “esta abordagem, acredita-se, permitiria que o inglês de cada falante e de cada aprendiz refletisse a sua própria realidade sociolinguística, ao invés daquela de um falante nativo geralmente distante”⁷² (JENKINS, 2006, p.173).

Há que se considerar, no entanto, que as pesquisas em ILF estão apenas no início e, certamente, ainda há muito o que se debater, esclarecer e avançar, em especial a partir de achados oriundos das realidades distantes dos centros hegemônicos de língua inglesa. Schmitz (2012) reconhece esta suposta desvantagem da perspectiva do ILF, qual seja, a necessidade por mais pesquisas e mais dados, tanto escritos como falados por seus vários usuários ao redor do mundo. Mas precisamos partir de algum lugar. É verdade que ainda carecemos de uma quantidade maior de elaborações teóricas, embora saibamos que é esta uma das áreas da educação linguística e da própria Linguística Aplicada que mais cresce em todos os continentes. Este é um dado importante, pois há aí muitas realidades envolvidas, o que enriquece imensamente a qualidade dos trabalhos que começam a circular em âmbito global.

Como afirma Dauer (2005), a proposta relativamente pioneira de Jenkins (2000) deixa muitas perguntas e certas lacunas, mas tem sim a vantagem de provocar, estimular pesquisas empíricas e baseadas na sala de aula de língua inglesa, além de permitir aos professores, seja em pré-serviço ou em serviço, avaliar de forma mais crítica as necessidades de seus alunos, além de deixar emergir práticas pedagógicas alternativas de ensino de inglês, mais condizentes com a realidade atual que os cerca. Isso sem falar que tal cenário provocador, entre outros aspectos, os instiga a pensar.

Na esteira dessas elaborações, Jenkins (2006, p.172), mais uma vez, ressalta com toda veemência a necessidade de mais pesquisas na área e afirma que:

muito mais progresso, particularmente no trabalho empírico e descritivo, terá de ser feito antes que as implicações das pesquisas em WEs [*World Englishes*] e ILF [Inglês como Língua Franca] sejam

⁷²*This approach, it is believed, would enable each learner's and speaker's English to reflect his or her own sociolinguistic reality, rather than that of a usually distant native speaker.*

amplamente reconhecidas, até mesmo na teoria, mas sobretudo no nível prático, em termos da relevância de outras variedades além do inglês padrão americano ou britânico⁷³.

Finalmente, faz-se importante expressarmos a nossa concordância com Canagarajah (2006), no sentido de que a perspectiva do Inglês como Língua Franca impõe muitos desafios à Linguística Aplicada, especialmente no que se refere às pesquisas na área e à elaboração de materiais didáticos, sob esta perspectiva, flagrantemente escassos. Afinal, é inquestionável a constatação de que, no mundo atual, o inglês vem se tornando uma língua cada vez mais heterogênea e diversificada.

Não é adequado, portanto, que abordagens, métodos, procedimentos e materiais relacionados ao ensino de inglês continuem a estar solene e ideologicamente centrados na hegemonia de qualquer grupo de falante nativo do círculo interno, hoje, como aqui mencionado, a minoria dos usuários do idioma global. Em outras palavras, as variedades do inglês americano ou britânico, as duas vertentes (ainda) hegemônicas, não devem ser vistas como detentoras de normas ou padrões invariáveis de uso da língua, mas como apenas mais uma das várias e sempre crescentes formas possíveis de se falar inglês (JENKINS, 1998).

Em resumo, o capítulo que ora avança para a conclusão, o da análise dos dados gerados para a pesquisa aqui apresentada, foi dedicado à exposição e discussão dos resultados do nosso trabalho investigativo. A partir da análise, tanto auditiva como acústica, das amostras de fala espontânea, pudemos identificar que o falante brasileiro de inglês, como quase todo falante bilíngue desta língua, apresenta características próprias na sua maneira de falar, que, inevitavelmente, se distanciam do inglês considerado “padrão”. Verificamos também que a inteligibilidade de fala, investigada a partir do sinal acústico, foi mantida, independentemente da presença destas características, o que revela que sotaque e inteligibilidade não estão diretamente relacionados, como já previam alguns estudos discutidos anteriormente.

Ouvintes de diferentes nacionalidades, ou seja, de diferentes línguas maternas, julgaram a inteligibilidade dos falantes brasileiros a partir das gravações e expressaram suas opiniões por meio de comentários a respeito de cada emissão. As

⁷³[...] *much more progress, particularly in empirical and descriptive work, will have to be made before the implications of WES and ELF research are widely acknowledged even in theory, but especially at the practical level, in terms of the relevance of varieties other than standard American or British English.*

avaliações destas duas fontes de dados (análise auditiva/acústica e julgamento da inteligibilidade) revelaram, com bastante propriedade, pontos de discussão extremamente importantes, como a questão de identidade, atitude e implicações no tocante ao ensino de pronúncia.

Sem qualquer pretensão de buscar elencar generalizações a partir de nossos achados, acreditamos que os resultados desta pesquisa, de alguma sorte, podem vir a contribuir para o fortalecimento e consolidação dos estudos na área de Inglês como Língua Franca e, ao mesmo tempo, promover novas reflexões a partir de experiências locais, especialmente no que tange aos instrumentos de coleta de dados, no caso de se tratar de pesquisadores interessados em temas similares ao nosso aqui explicitado.

A análise acústica proposta neste estudo, portanto, mesmo que de forma simplificada, trouxe revelações interessantes e, com toda certeza, pode estimular novas pesquisas e enriquecer ainda mais uma compreensão mais ampla e mais qualificada sobre o(s) tema(s) em questão, além de outros suscitados a reboque das teorizações. Pode também, esperamos, contribuir decisivamente para que sejam ampliados os estudos teóricos sobre o tema, assim como fomentar um diálogo mais direto com a prática de sala de aula de milhares de professores de inglês que atuam no círculo em expansão ainda pesadamente orientados por conceitos e premissas comprovadamente ultrapassados para a realidade de um mundo globalizado.

Passemos, então, às Considerações Finais do trabalho de dissertação, onde, seguindo a trilha de uma reflexão final, mas totalmente inconclusiva, respondemos às perguntas de pesquisa e buscamos sintetizar as ideias discutidas ao longo do estudo, oferecendo, também, direcionamentos para futuras investigações na área de ILF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao último capítulo desta dissertação, não desfrutamos da certeza de termos chegado realmente ao “final”. Percorremos, sim, um longo caminho, de questionamentos, dúvidas, estudo, discussões, debates, assim como muito aprendizado e enriquecimento. Mas, como sabemos, a busca pelo conhecimento é um processo que não cessa nunca e, certamente, continuaremos nesta caminhada, tentando avistar novos caminhos a serem desbravados. No entanto, neste momento, faz-se necessário ao menos darmos por finalizado o trabalho investigativo que nos propomos realizar, deixando a nossa, quem sabe, contribuição deste aprendizado para aqueles que vierem a seguir. Desta forma, apresentamos aqui algumas das nossas principais reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa.

A grande motivação para a pesquisa foi o interesse em investigar o fenômeno Inglês como Língua Franca (ILF), termo inicialmente utilizado por Jenkins (2000) e Seidlhofer (2001), para referirem-se a este fenômeno linguístico, político, cultural e ideológico de alcance global e que tanto promove como também é fruto direto do atual processo de globalização experimentado pela sociedade contemporânea. Devido à experiência como professora de inglês e também fonoaudióloga, a nossa maior curiosidade foi investigar aspectos relacionados à pronúncia da língua, em um contexto onde o modelo tradicional do inglês como língua nativa (ILN) já não dá conta de um cenário onde a maioria dos falantes da língua são usuários não-nativos.

Durante todo trabalho, discutimos e questionamos a primazia do falante nativo e argumentamos que esta visão, inevitavelmente, acaba por desempoderar todos os demais usuários, que, em tese, estarão sempre numa posição de desvantagem, o que é totalmente rejeitado pela concepção do Inglês como Língua Franca. Nesta perspectiva, ao contrário, ser nativo não é uma vantagem, podendo até mesmo ser um problema, já que são os falantes não-nativos globais que parecem estar mais preparados para as interações nos contextos interculturais mediados pelo ILF (RAJAGOPALAN, 2004; SEIDLHOFER, 2011).

Portanto, como afirma Seidlhofer (2011, p.41),

[é] preciso entender que a palavra “inglês” não é simplesmente transferida de forma intacta de um contexto para outro – o “i” de “inglês como língua nativa” é algo totalmente diferente em essência

do “i” de “inglês como língua franca”, e deve ser reconhecido como tal –, é desta forma que a “língua” é de crucial importância⁷⁴.

A língua que emerge do contexto de ILF é uma língua democrática, mestiça, pertencente a todos que a utilizam. Assim, rejeita-se totalmente a ideia de que os falantes nativos sejam “detentores”, os únicos ou mais legítimos “donos” do inglês, como muitos, infelizmente, ainda acreditam. Em um mundo globalizado, onde pessoas de diferentes L1 se comunicam através desta língua global, tal visão se torna ultrapassada e inadequada. Como bem pontuam Jenkins, Cogo e Dewey (2011, p.308),

grande parte do problema aqui é o resultado de se continuar a conceberem noções de variedade linguística, comunidade de fala e, até mesmo a própria língua, como se elas funcionassem hoje da mesma forma que funcionavam há um século e meio atrás, antes dos processos de globalização e internacionalização das recentes décadas que, inevitavelmente, impactaram sobre o uso da língua de maneira sem precedentes⁷⁵.

É importante ressaltar, no entanto, que pesquisadores na área de ILF nunca tiveram como objetivo propor um novo modelo de língua ou até mesmo uma nova variedade de inglês. Conforme salientado por Cogo (2008, p.60), “o objetivo da pesquisa em ILF é descrever e não prescrever”⁷⁶. Seguindo esta linha de raciocínio, nosso trabalho buscou justamente oferecer uma descrição sobre algumas características observadas na pronúncia de brasileiros falantes de ILF, tendo como foco a inteligibilidade de fala.

O ponto de partida do nosso estudo foi compreender como o inglês adquiriu o status de língua global, passando a ser redefinido em diversas esferas. Para tanto, tomamos como base leituras de estudiosos como Crystal (2000; 2003; 2006), Graddol (1997; 1999; 2006), Rajagopalan (2004; 2012) e Widdowson (1994; 1997; 2004; 2006). Em seguida, enfocamos nossa discussão na perspectiva do Inglês

⁷⁴ *It needs to be understood that ‘English’ does not simply transfer intact from one context to another – the ‘E’ in English as a Native Language is bound to be something different in kind from the ‘E’ in English as a Lingua Franca, and must be acknowledged as such – it is in this way that ‘language’ is of crucial importance.*

⁷⁵ *[...] much of the problem here is the result of continuing to conceive of the notions of language variety, speech community and even language itself as if they operate in the same way now as they did a century and more ago, prior to the processes of globalization and internationalization of recent decades that, inevitably, have impacted on language use in unprecedented ways.*

⁷⁶ *[...] the aim of ELF research is describing not prescribing.*

como Língua Franca, por meio da análise dos trabalhos de Jenkins (2000; 2007; 2014), Seidlhofer (2001; 2004; 2011), Cogo (2008; 2012), Cogo e Dewey (2012), Siqueira (2008; 2011), principalmente. Posteriormente, passamos a discutir o segundo tema foco do nosso trabalho, ou seja, a inteligibilidade de fala, de tal forma que visitamos os estudos de Smith e Nelson (1985), Smith (1992), Munro e Derwing (1995) e Munro (2008), dentre outros. Exploramos também algumas pesquisas recentes que se dedicam à análise da inteligibilidade no contexto de ILF, tais como Cruz (2004), Fernandes (2009), Gomes (2012), Becker (2013), apenas para citar alguns.

A nossa coleta de dados partiu de uma pesquisa de caráter exploratório, delineando-se como um “estudo de caso”. Cinco casos foram definidos como unidade de análise, cada qual contendo uma amostra de fala espontânea de brasileiros falantes de ILF, que foi submetida a dois tipos de avaliações. Inicialmente, foi realizada a análise de inteligibilidade por seis ouvintes de diferentes nacionalidades, por meio de uma escala de cinco pontos adaptadas do campo fonoaudiológico (desvios fonológicos) para a presente pesquisa. Em seguida, desenvolvemos a análise fonético-acústica das emissões através da utilização do programa PRAAT, que é bastante usado tanto nas clínicas fonoaudiológicas como em pesquisas linguísticas. Portanto, buscamos trazer nossa experiência prévia para desenvolver um estudo de caráter interdisciplinar, como é próprio dos estudos em Linguística Aplicada.

A utilização dessa metodologia diferenciada, ou seja, com adoção de recursos da Fonoaudiologia, mostrou-se extremamente significativa, pois nos permitiu observar nuances pouco exploradas em estudos similares. A escala de inteligibilidade, por exemplo, ao oferecer parâmetros para análise, permitiu que as avaliações dos ouvintes se mostrassem mais homogêneas. A análise fonético-acústica, embora seja um recurso que vem sendo explorado por estudiosos como Gomes (2012) e seu grupo de pesquisa, por exemplo, ainda é pouco enfocada nas pesquisas sob a perspectiva do ILF. Portanto, nosso estudo traz essa grande contribuição de apresentar uma nova proposta de investigação, unindo fios de áreas afins, mas, que não se tocam com muita frequência.

Neste ponto, é importante retomarmos as perguntas que guiaram nosso caminho para a realização do estudo:

- a) Como se caracteriza a fala do brasileiro falante de inglês como língua franca, tanto auditiva como acusticamente?

A partir de nossa investigação, verificamos que o brasileiro falante de inglês, em um nível de proficiência considerado fluente, no qual é capaz de se expressar de maneira natural e contínua, apresenta em sua fala marcas de pronúncia oriundas da sua língua materna, o português brasileiro. Isto, como sabemos, já havia sido extensamente investigado por diferentes autores, os quais trouxemos para nosso estudo (SANT'ANNA, 2003; CRUZ, 2003; SILVA, 2012, dentre outros). No entanto, pela pesquisa pautar-se na concepção do inglês como língua franca (ILF), nosso olhar para estas características é bastante diferenciado, ou seja, não consideramos estas marcas como erros, mas como particularidades na pronúncia dos brasileiros que falam inglês.

Dentre as principais características, observamos a substituição das fricativas dentais [θ] e [ð] pelas alveolares [t] e [d], respectivamente; a inserção de uma vogal de apoio em início de encontros consonantais, como “start” sendo pronunciado como “istart”; a modificação na qualidade de vogais que não fazem parte do inventário fonético do português brasileiro, como a substituição de [æ] por [ɛ] ou /I/ por [i]; a falta de aspiração das plosivas desvozeadas, como /t^heɪk/ sendo [teɪk]; a utilização da glide /w/ no lugar da lateral líquida /l/ escuro, como em /stil/, pronunciada como /stiw/, dentre outras ocorrências menos frequentes.

Todas essas características são facilmente observadas através de espectrogramas gerados pelo programa de análise acústica PRAAT, onde sinais típicos de cada segmento se tornam evidentes (formantes das vogais, sinais de fricção, plosão, palatalização, etc.), conforme foi discutido e apresentado no nosso capítulo de análise dos dados.

A segunda pergunta que guiou nosso estudo foi:

- b) De que forma a pronúncia do brasileiro falante de inglês como língua franca é percebida por outros falantes nativos e não-nativos de inglês no que tange à inteligibilidade de fala?

Através da escala de inteligibilidade de fala de cinco pontos utilizada na pesquisa, ouvintes de diferentes L1 e nacionalidades (Estados Unidos, Nova Zelândia, Malawi, Índia, Uruguai e Japão) puderam analisar as falas espontâneas dos participantes-falantes, tendo a oportunidade também de relatar o que guiou o seu julgamento, através de um campo de resposta aberta.

Os resultados indicaram que todos os falantes foram considerados inteligíveis, havendo variação somente no grau de inteligibilidade: *inteligível*, *muito* ou *completamente inteligível*. Isto significa que nenhum dos falantes foi considerado ininteligível, o que nos leva à conclusão que, considerando também a resposta à pergunta anterior, a presença de características particulares na pronúncia dos falantes brasileiros (seu sotaque) não afeta a inteligibilidade de fala. Desta forma, podemos desconstruir a crença existente de que “falar bem é falar como um falante nativo”. Pelo que ficou marcado neste estudo, tal situação simplesmente não existe.

Foi possível observar, ainda, que os ouvintes que possuíam maior familiaridade com o jeito brasileiro de falar inglês avaliaram as emissões como mais inteligíveis do que aqueles que tinham pouca familiaridade com o sotaque brasileiro, o que corrobora outros estudos na área (MUNRO; DERWING, 1995; CRUZ, 2008; dentre outros).

Identificamos também que, ao contrário do que poderíamos supor, não foram os ouvintes nativos os mais rígidos em sua avaliação, mas os falantes não-nativos do círculo em expansão. Esta constatação nos levou a discutir a forma como a concepção do inglês como uma língua nativa, voltada para as normas do inglês considerado “padrão”, ainda está bastante enraizada, em especial em países onde o inglês é aprendido como língua estrangeira. A partir deste ponto, discutimos a importância em se ampliarem os estudos com base na perspectiva de ILF, de modo a levar esta visão, que empodera seus falantes, a cada vez mais pessoas, sejam elas pesquisadores, professores, alunos ou profissionais na área de ensino da língua inglesa, enfim, a todos os usuários e aqueles que trabalham com a língua.

Nessa linha de raciocínio, destacamos uma citação de Jenkins, Cogo e Dewey (2011, p.307), que consideramos bastante pertinente para nossa reflexão:

Não importa o quão efetivamente pesquisadores demonstrem as vantagens comunicativas de uma abordagem em ILF, a menos que essas vantagens sejam vistas como tais por aqueles mais diretamente envolvidos, ou seja, estudantes de língua inglesa, professores e usuários não-nativos em geral, então qualquer

mudança é improvável. E a este respeito, serão as atitudes em relação ao ILF e às percepções de indivíduos quanto às implicações dessa perspectiva para eles próprios, inevitavelmente, os principais fatores determinantes⁷⁷.

Assim, especial destaque é dado à questão atitudinal dos usuários de ILF, o que está intimamente relacionado ao já tão discutido conceito de identidade (JENKINS; COGO; DEWEY, 2011). A partir do momento em que os falantes se reconhecem como usuários legítimos da língua, convivendo bem com as marcas de pronúncia que identificam sua identidade como parte de uma comunidade (e até as realçando), passam a ter atitudes mais positivas quanto ao seu sotaque, ao seu modo particular de falar inglês, hoje língua de todos ou, se formos mais intrépidos, língua de ninguém.

Em nossa pesquisa, não abordamos de forma explícita a questão de identidade, o que, inquestionavelmente, poderia ter nos trazido resultados interessantes. Deixamos aqui, portanto, a sugestão de que estudos em ILF, especialmente relacionados à pronúncia, enfoquem de maneira mais ativa temas como atitude e identidade. Excelentes subtemas dentro da área maior podem ser explorados com o potencial de apresentar resultados muito significativos para a formação de professores, além de contribuir para um redirecionamento qualitativo na própria prática pedagógica de ILF no futuro, quiçá de outras línguas como o espanhol, o árabe, o francês, o português, etc., todas hoje alçadas à condição de línguas internacionais. O campo, com toda certeza, está aberto a novas incursões.

Tivemos a oportunidade de discutir também a importância da conscientização da perspectiva de ILF, especialmente em universidades e grupos de formação de professores. Quanto a esta questão, Seidlhofer (2011, p.56) comenta que,

se professores enfrentarão o desafio de desenvolver novas pedagogias para o ensino de inglês, eles precisam primeiro desafiar a primazia do ILN e seu próprio status reduzido como falantes não-nativos que eles acreditam que isso dá origem. Eles precisam desenvolver uma conceitualização alternativa coerente e sustentável sobre o que vem a ser este “inglês” que eles devem encorajar os alunos a aprender, e alguma conscientização sobre qual abordagem alternativa para o ensino/aprendizagem deve ser apropriado para

⁷⁷*No matter how effectively researchers demonstrate the communicative advantages of an ELF approach, unless these advantages are seen as such by those most closely involved, i.e. English language learners, teachers and NNS users in general, then any change is unlikely. And in this respect, attitudes towards ELF and individuals' own perceptions of its implications for them will inevitably be the principal determining factors.*

essa “relocação” do inglês, dissociada da imposição do falante nativo⁷⁸.

Portanto, com base em nossos achados, podemos afirmar que é urgente e necessário que discussões ancoradas nas premissas e nos princípios do ILF sejam estimuladas e novos trabalhos investigativos sejam realizados. Afinal, “a pesquisa em ILF é um estimulante campo de investigação relativamente recente e há ainda muito trabalho para ser feito”⁷⁹ (COGO, 2008, p.60).

O presente estudo, temos a crença, deixa sua pequena contribuição, especialmente na área de pronúncia, ao discutir as características presentes na fala de brasileiros e sua relação com a inteligibilidade de fala por outros usuários de ILF. No entanto, Jenkins, Cogo e Dewey (2011, p.288) observam que pesquisadores na área de ILF, mais recentemente, “começaram a priorizar o processo de acomodação sobre as características de pronúncia”⁸⁰. O interesse, portanto, tem se voltado para os processos que envolvem o uso, de uma ou outra forma, em um dado momento na interação. São mais áreas de investigação em ILF se descortinando a cada dia. Portanto, deixamos aqui nossa sugestão para que muitos novos trabalhos investigativos sejam desenvolvidos e que, entre outros pontos, levem em conta tal consideração.

Para concluir, nossa busca ao realizar este estudo foi explorar aspectos relacionados à inteligibilidade de fala de usuários brasileiros no contexto de inglês como língua franca (ILF). Acreditamos que atingimos nosso objetivo, mas muitas questões ainda merecem atenção, conforme sinalizado ao longo do trabalho. Defendemos, acima de tudo, que o brasileiro falante de inglês sinta-se dono desta nova língua, valorize seu sotaque e expresse sua identidade marcada no seu modo próprio de falar.

⁷⁸*If teachers are to meet the challenge to develop new pedagogies for English teaching, they need first to challenge the primacy of ENL and their own reduced status as non-native speakers that they believe this gives rise to. They need to develop a coherent and sustainable alternative conceptualization of what this ‘English’ is that they should encourage their students to learn, and some awareness of what alternative approach to teaching/learning might be appropriate to this ‘relocation’ of English, dissociated from the imposition of ‘native-speakerism’.*

⁷⁹*ELF research is a relatively new and stimulating field of investigation and a lot of work remains to be done.*

⁸⁰*[...] scholars working in ELF pronunciation have begun prioritizing accommodation over pronunciation features in their conceptual frameworks.*

Como nos diz Siqueira (2008, p.337), o inglês, “ao assumir sua faceta de língua ‘mochileira’, enveredando por um caminho sem volta mundo afora, alforriou-se da tutela de seus tradicionais senhores”, é hoje uma língua sem donos, sem custódia, é, na melhor acepção da palavra, uma língua franca. Que seja assim para todos os seus usuários, em todos os contextos e em todas as situações em que ela for usada para conectar pessoas de qualquer lugar do planeta.

REFERÊNCIAS

ARANTES, V. T. P. *Perception and production of English final stops by young Brazilian EFL students*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente. Florianópolis, 2007.

ASSIS-PETERSON, A. A.; COX, M. I. P. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. *Calidoscópio*, v.5, n.1, 2007, p.5-14.

BAPTISTA, B. O. Frequent pronunciation errors of Brazilian learners of English. In: FORTKAMP, M. B. M.; XAVIER, R. P. (eds.). *EFL teaching and learning in Brazil: Theory and Practice*. Florianópolis: Insular, 2001, p. 223-230.

BECKER, M. R. Inglês como língua franca. *Anais do 1º Simpósio de reflexões sobre as metodologias e práticas de ensino de línguas estrangeiras modernas*. Eletras, v.19, n.19, 2009, p.1-10.

_____. A questão da inteligibilidade do inglês como língua franca. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN CURITIBA, VII. 2011. *Anais...* Disponível em: <http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Marcia_Regina_Becker.PDF>. Acesso em: 4 abr 2012.

_____. *Inteligibilidade da língua inglesa sob o paradigma língua franca: percepção de discursos de falantes de diferentes L1s por brasileiros*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

BOERSMA, P.; WEENICK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer Program]. Versão 5.3.51, 2013.

BOLTON, K. World Englishes. In: DAVIES, A.; ELDER, C. (eds.). *The handbook of applied linguistics*. Oxford, England: Blackwell, 2004, p. 369–396.

BRANDÃO, A. R. P. A postura do positivismo com relação às ciências humanas. *Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia*, v.3, n.6, 2011, p.80-105.

BRAWERMAN, A. *Uma análise de erros de estudantes brasileiros de inglês na acentuação de palavras com sufixos*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Letras. Curitiba, 2006.

BRUTT-GRIFFLER, J. *World English: a study of its development*. Clevedon: Multilingual Matters, 2002.

CANAGARAJAH, A. S. Negotiating the local in English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, n.26, 2006, p.197-218.

CATFORD, J. Intelligibility. *English Language Teaching Journal*, v.1, n.1, 1950, p. 7-15.

COGO, A. English as a lingua franca: form follows function. *English Today*, v. 24, n.3, 2008, p. 58–61.

_____. English as a Lingua Franca: concepts, use, and implications. *English Language Teaching Journal*, v.66, n.1, 2012, p.97-105.

COGO, A.; DEWEY, M. *Analysing English as a Lingua Franca: a corpus-driven investigation*. London: Continuum, 2012.

COHEN, G. V. *The VOT dimension: A bi-directional experiment with English and Brazilian Portuguese stops*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente. Florianópolis, 2004.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. Porto: Edições Asa, 2001.

CRUZ, N. C. An exploratory study of pronunciation intelligibility in the Brazilian learner's English – Intelligibilidade da pronúncia do aprendiz brasileiro de inglês. *The ESPecialist*, v.4, n.2, 2003. p.155-175.

_____. *Pronunciation intelligibility in spontaneous speech of Brazilian learners' English*. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

_____. Familiaridade do ouvinte e inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, v.7, n.1, 2008. p.88-103.

CRYSTAL, D. Emerging Englishes. *English Teaching Professional*. v.14, 2000, p.3-6.

_____. *English as a global language*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. English Worldwide. In: HOGG, R.; DENISON, D. (eds). *A history of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p.420-444.

_____. Two thousand million? *English Today* 93, v.24, n.1, 2008, p.3-6.

_____. New Englishes: going local in Brazil. *Braz-TESOL Newsletter*, 2, 2010, p.12-15.

DALTON, C.; SEIDLHOFER, B. *Pronunciation (A scheme for teacher education)*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

DAUER, R. M. The Lingua Franca Core: a new model for pronunciation instructor? *TESOL Quaterly*, v.39, n.3, 2005, p.543-550.

DAVIES, A. *The native speaker: myth and reality*. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

DELATORRE, F. *Brazilians EFL learners' production of vowel epenthesis in words ending in -ed*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente. Florianópolis, 2006.

DERWING, T. M.; MUNRO, M. J. Accent, intelligibility, and comprehensibility: Evidence from four L1s. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 20, 1997, p.1-16.

EISENHARDT, K. M. Building theories from case study research. *Academy of Management Review*, Mississipi, Mass., v.14, n.4, 1989, p.532-550.

ELLIS, R. *Understanding second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

ERLING, E. J. The many names of English. *English Today* 81, v. 21, 2005, p.40-44.

FANT, G. *Acoustic theory of speech production*. 2.ed. Paris: Mouton, 1970.

FAYER, J. M.; KRASINSKI, E. Native and nonnative judgements of intelligibility and irritation. *Language Learning* 37, 1987, p.313-326.

FERNANDES, R. K. M. *Inteligibilidade e inglês como língua internacional: um estudo de caso da pronúncia de palavras em -ed produzidas por falantes brasileiros*. Dissertação (Mestrado). Linguística Aplicada, Universidade de Lisboa, 2009.

FERREIRA, A. P. P. *Pet ou petty? Diferenças entre sequências CVC e CVCV do inglês por aprendizes brasileiros: Uma análise acústica*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Letras. Curitiba, 2007.

FIELD, J. The fuzzy notion of 'intelligibility': A headache for pronunciation teachers and oral testers. *IATEFL Special Interest Groups Newsletter*, 2003, p.35-38.

_____. Intelligibility and the listener: the role of lexical stress. *TESOL Quarterly*, v.39, n.3, 2005. p.399-423.

GASS, S; VARONIS, E. The effect of familiarity on the comprehensibility of nonnative speech. *Language Learning* 34, 1984, p.65-89.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M. L. C. Understanding the Brazilian way of speaking English. In: LEVIS, J.; LEVELLE, K. (eds.). *Proceedings of the 4th Pronunciation in Second Language*

Learning and Teaching Conference. Ames, IA: Iowa State University, 2012, p. 279-289.

GRADDOL, D.. *The future of English? A guide to forecasting the popularity of English language in the 21st century*. London: British Council, 1997.

_____. The decline of the native speaker. In: GRADDOL, D.; MEINHOF, U. (eds.). *English in a changing world*. *AILA Review* 13. 1999, p.57-68.

_____. *English Next*. London: British Council, 2006.

GUILHERME DE CASTRO, M. F. F. *Competência oral-enunciativa em língua estrangeira (inglês): fronteiras e limites*. Tese (Doutorado). Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

JENKINS, J. Which pronunciation norms and models for English as an International Language? *ELT Journal*, v.52, n.2, 1998, p.119-126.

_____. *The Phonology of English as an International Language*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. ELF at the gate: the position of English as a Lingua Franca. In: *Humanising Language Teaching*, v.7, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.hltmag.co.uk/mar05/idea.htm>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

_____. Current perspectives on Teaching World Englishes and English as a Lingua Franca. *TESOL Quaterly*, v.40, n.1, 2006, p.157-181.

_____. *English as a Lingua Franca: attitude and identity*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. English as a lingua franca: interpretations and attitudes. *World Englishes*, v.28, n.2, 2009. p.200-207.

_____. *English as a Lingua Franca in the International University: the politics of academic English language policy*. Abingdon, England: Routledge, 2014.

JENKINS, J.; COGO, A.; DEWEY, M. Review of developments in research into English as a Lingua Franca. *Language Teaching*, v.44, n.3, 2011, p.281-315.

KACHRU, B. B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. (Eds.). *English in the world: teaching and learning and literatures*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985, p.11-30.

KACHRU, B. B.; NELSON, C. World Englishes. In: BURNS, A.; COFFIN, C. (Org.). *Analysing English in a Global Context*. Sydney: Routledge, 2001.

KENT, R. D.; READ, C. *Acoustic Analysis of Speech*. 2.ed. Albany: Singular – Thomson Learning, 2002.

KEYS, L. First language influence on the spoken English of Brazilian students of ELF. *ELT Journal*, v.56, n.1, 2002. p.41-46.

KENWORTHY, J. *Teaching English pronunciation*. London: Longman, 1987.

KIRKPATRICK, A. *World Englishes – Implications for International Communication and English Language Teaching*. Cambridge: CUP, 2007.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da Globalização. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Por uma lingüística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 p.129-147.

LEFFA, V. J. Teaching English as a multinational language. *The Linguistic Association of Korea Journal*, v.10, n.1, 2002, p.29-53.

LESSA, A. B. C. T. *A ortografia como um fator de interferência da pronúncia do inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

LEVIS, J. M. Changing contexts and shifting paradigms in pronunciation teaching. *TESOL Quaterly*, v.39, n.3, 2005. p.369-377.

LIEFF, C. D.; NUNES, Z. A. English pronunciation and the Brazilian learner: How to cope with language transfer. *Speak Out!*, v.12, 1993, p.22-27.

MAFFEZZOLLI, E. C. F.; BOEHS, C. G. E. Uma reflexão sobre o estudo de caso como método de pesquisa. *Revista FAE*, Curitiba, v.11, n.1, 2008. p.95-110.

MAJOR, R. C. Transfer in second language phonology. In: EDWARDS, J. G. H.; ZAMPINI, M. L. (eds.). *Phonology and second language acquisition*. Philadelphia: John Benjamins, 2008, p.63-94.

MASCHERPE, M. *Análise comparativa dos sistemas fonológicos do Inglês e do Português*. Tese (Doutorado). Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1970.

MCKAY, S. L. *Teaching English as an International Language: Rethinking Goals and Approaches*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

MOITA LOPES, L. P. da. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996, p.17-25.

MUNRO, M. J.; DERWING, T. M. Foreign accent, comprehensibility, and intelligibility in the speech of second language learners. *Language Learning*, v.45, n.1, p. 73-97, 1995.

MUNRO, M. J. Foreign accent and speech intelligibility. In: EDWARDS, J. G. H.; ZAMPINI, M. L. (eds.). *Phonology and Second Language Acquisition*, 2008, p.193-218.

PICKERING, L. Current research on intelligibility in English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, 26, 2006, p.219-233.

RAJAGOPALAN, K. The concept of 'World English' and its implications for ELT. *ELT Journal*, v.58, n.2, 2004, p.111-117.

_____. 'World English' or 'World Englishes'? Does it make any difference? *International Journal of Applied Linguistics*, v.22, n.3, 2012, p.374-391.

RAUBER, A. *Perception and Production of English vowels by Brazilian EFL speakers*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente. Florianópolis, 2006.

REBELLO, J. T. *The Acquisition of English Initial /s/ Clusters by Brazilian EFL Learners*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

RITZER, G. *The McDonaldization of society: An investigation into the changing character of contemporary social life*. Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press, 1998.

RUSSO, I.; BEHLAU, M. *Percepção da Fala: Análise Acústica do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Lovise, 1993.

SANT'ANNA, M. R. As interferências fonológicas no inglês como língua estrangeira para os falantes do português do Brasil. *Revista Dialogia*, v.2, 2003. p.57-70.

SCHMITZ, J. R. "To ELF or not to ELF?" (English as a Lingua Franca): that's the question for Applied Linguistics in a globalized world. *RBLA*, Belo Horizonte, v.12, n.2, 2012, p.249-284.

SEIDLHOFER, B. Closing a Conceptual Gap: The case for a description of English as a Lingua Franca. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 11, n. 2, 2001, p. 133-158.

_____. Research perspectives on teaching English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, 24, 2004, p.209-239.

_____. *Understanding English as a Lingua Franca*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SHEPHERD, D. Portuguese speakers. In: SWAN, M.; SMITH, B. (eds.). *Learner English: a teacher's guide to interference and other problems*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.113-128.

SILVA, T. C. Fonética e Fonologia: perspectivas complementares. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, n.3, 2006. p.25-40.

_____. *Pronúncia do inglês para falantes do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

SIQUEIRA, S. *Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica*. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2008.

_____. World Englishes, World English, Inglês como língua internacional, inglês como língua franca: qual é o nosso inglês? In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (Org.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p.333-354.

SMITH, L. Spread of English and issues on intelligibility. In: KACHRU, B. B. (ed.). *The other tongue – English across cultures*. 2.ed. Urbana: University of Illinois Press, 1992, p.75-90.

SMITH, L. E.; BISAZZA, J. A. The comprehensibility of three varieties of English for college students in seven countries. *Language Learning*, v.32, n.2. 1982, p.259-269.

SMITH, L. E.; NELSON, C. L. International intelligibility of English: directions and resources. *World Englishes*, v.4, n.3, 1985, p.333-342.

SMITH, L. E.; RAFIQZAD, K. English for cross-cultural communication: the question of intelligibility. *TESOL Quarterly*, v.13, n.3, 1979, p.371-380.

SOUZA, A. P. R.; MARQUES, J. M.; SCOTT, L. C. Validação de itens para uma escala de avaliação da inteligibilidade de fala. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, n.22, v.3, 2010, p.325-332.

STAKE, R. *The art of case study research*. Thousand Oaks, CA.: Sage, 1995.

_____. Case Studies. In: DENZIN, N.; LINCOLN, T. *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage, 2005, p. 108-132.

STEINBERG, M. *Pronúncia do inglês norte-americano*. São Paulo: Ática, 1985.

WALKER, R. *Teaching pronunciation of English as a Lingua Franca*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

WIDDOWSON, H. G. The ownership of English. *TESOL Quarterly*, v.28, n.2, 1994, p.377-389.

_____. EIL, ESL, EFL: global issues and local interests. *World Englishes*, v.16, n.1, 1997, p.135-146.

_____. A perspective on recent trends. In: HOWATT, A. P. R.; WIDDOWSON, H. G. *A history of English language teaching*. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2004.

_____. EIL, ESL, EFL: global issues, and local interests. In: BOLTON, K.; KACHRU, B. B. (eds.). *World Englishes: Critical concepts in linguistics*. New York: Routledge, 2006, p.163-177.

YIN, R. K. *Estudos de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa “Inglês como Língua Franca e Inteligibilidade de fala: um estudo com usuários brasileiros”, na condição de _____ (participante-falante ou participante-ouvinte). O objetivo deste estudo é investigar, elencar e discutir os aspectos relacionados à inteligibilidade de fala de brasileiros fluentes de língua inglesa, na perspectiva do Inglês como Língua Franca.

Como participante-falante, sua participação envolverá: (1) responder a um breve questionário de caracterização, com informações sobre sua experiência com a língua inglesa, e (2) gravar uma emissão de 3 a 5 minutos falando sobre alguma viagem marcante que você tenha feito. A sua gravação será analisada por falantes de inglês de diferentes nacionalidades.

Como participante-ouvinte, sua participação envolverá: (1) responder a um breve questionário de caracterização, com informações sobre sua experiência com a língua inglesa, em especial com falantes brasileiros de inglês, e (2) analisar a inteligibilidade de fala em amostras de fala espontânea, a partir de uma escala de cinco pontos.

A participação nesse estudo é voluntária e não envolve nenhum desconforto ou risco. Se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas a qualquer tempo pelos pesquisadores através dos contatos:

Gabriela Rodrigues
gabriela_rodrigues@hotmail.com

Sávio Siqueira
savio_siqueira@hotmail.com

Aceito participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO
PARTICIPANTES-FALANTES****NOME**

IDADE**SEXO** () F () M

NACIONALIDADE

NATURALIDADE

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

QUANTO TEMPO VOCÊ ESTUDOU/ESTUDA INGLÊS?

FALE SOBRE SUA EXPERIÊNCIA COM A LÍNGUA INGLESA (3 a 5 minutos)

Viagens ou estudos no exterior, cursos de línguas, amigos estrangeiros, trabalho, etc. Com que frequência você utiliza o inglês?

APÊNDICE C**QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO
PARTICIPANTES-OUVINTES****NOME**

IDADE**SEXO** () F () M

NACIONALIDADE

NATURALIDADE

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

COM O QUE VOCÊ TRABALHA?

**FALE SOBRE SUA EXPERIÊNCIA COM A LÍNGUA INGLESA, EM ESPECIAL
COM FALANTES BRASILEIROS DE INGLÊS**

APÊNDICE D

ANÁLISE DE INTELIGIBILIDADE

COMENTÁRIOS DOS PARTICIPANTES-OUVINTES

CASO 1

A gravação foi muito inteligível, uma vez que ela falou com clareza e de forma lenta o suficiente para eu entender o que ela estava falando. Também foi fácil de entender porque não houve confusão sobre o contexto da situação e as palavras usadas. (O1)

Houve alguns erros de gramática, mas isso não afetou minha capacidade de entender. Depois de ouvir a outro relato, o sotaque aqui foi um pouco mais pesado. (O2)

As palavras são bem articuladas e enfatizadas. O uso de estratégias de compensação e coesão tornaram o discurso rico. Sinto que há alguma influência do Português na pronúncia de algumas palavras (passado de verbos regulares –ed). No entanto, é completamente inteligível. (O3)

As palavras são claras e audíveis, eu consigo entender. (O4)

Em termos gerais é muito fácil de acompanhar. No entanto, uma mistura de sotaque brasileiro com linguagem repetitiva dificulta às vezes a compreensão. (O5)

As palavras neste relato não estavam difíceis e maior parte da mensagem foi compreensível. (O6)

CASO 2

O relato foi bom e eu fui capaz de entender todas as palavras que foram ditas, mas a organização frasal de alguns trechos não foi a mesma que o inglês comum, então exigiu um pouco mais de atenção sobre a mensagem. (O1)

Eu não tenho certeza se foi o sotaque ou mais o estilo de linguagem. Eu diria que este relato estava mais perto de um falante “nativo” por ser mais rápido e mais difícil de entender. (O2)

As palavras são bem articuladas. Ele usa estratégias de compensação em seu relato. Ele fala com algumas pausas naturais, mas pode dar a impressão de estar lendo um texto. Entre todos os falantes, é muito fácil identificá-lo como um falante brasileiro pelo jeito que ele fala. (O3)

Poucas palavras eu achei difícil de entender à primeira vez (*sic*), e a pronúncia estava muito lenta, arrastando as palavras (O4)

Em termos gerais, dá para entender. No entanto, a pronúncia não é tão boa. Para entender, você tem que completar sons e ideias por conta própria, já que o relato não deixa isso fácil. (O5)

Eu não consigo entender alguns nomes próprios que são nomes de cidade ou país. Eu entendo a maior parte do conteúdo da mensagem, mas o som “th” soa forte e às vezes é difícil entender o significado de uma palavra. (O6)

CASO 3

Eu acho que algumas palavras nas frases se misturam com outras e por isso às vezes fica difícil distinguir as palavras separadas umas das outras. (O1)

Houve alguns erros de gramática, mas isso não afetou minha capacidade de entender. (O2)

Eu achei completamente inteligível. A comunicação é clara. No entanto, eu diria que seria difícil para alguém que não está acostumado a ouvir pessoas se comunicando em inglês na maioria das vezes como eu. Sinto que algumas palavras não estão bem enfatizadas e pode de alguma forma tornar difícil a compreensão. (O3)

Perfeito. Achei fácil de entender. (O4)

Excelente qualidade de inglês. Muito fácil de entender. (O5)

Sem problemas para entender. O inglês desta pessoa parece com inglês americano, com o qual eu estou familiarizada. (O6)

CASO 4

Este relato foi muito fácil de entender. Acredito que o falante foi muito bom em pronunciar todas as sílabas em inglês corretamente. (O1)

Houve alguns erros de gramática, mas isso não afetou minha capacidade de entender. (O2)

Assim como no primeiro caso, as palavras são bem articuladas e enfatizadas. O falante usa estratégias de compensação e a comunicação é clara. (O3)

Eu consigo entender, mas as palavras são repetidas como “marcadores discursivos”. (O4)

Muito sotaque brasileiro, mas ainda é fácil de entender. (O5)

Completamente inteligível assim como o terceiro relato. (O6)

CASO 5

Acho que a hesitação do falante dificultou a compreensão. (O1)

Houve alguns erros de gramática, mas isso não afetou minha capacidade de entender. (O2)

Eu diria que a comunicação é muito clara e é fácil de entender tudo. Parece-me que os falantes: 1, 2, 4, 5 estão mais em contato com a realidade brasileira e eu pude ver alguma influência clara do Português em seus relatos. A situação de falante 3 parece ser diferente. Parece que houve alguma influência de outros falantes da língua, sejam eles nativos ou não. (O3)

Bom. É muito claro. (O4)

Muito sotaque brasileiro, mas ainda é fácil de entender. (O5)

Eu entendi algumas palavras e a maior parte da mensagem. Algumas palavras deste relato soam mais rápidas que dos outros quatro. (O6)

ANEXO A

ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (revised to 2005)

CONSONANTS (PULMONIC)

© 2005 IPA

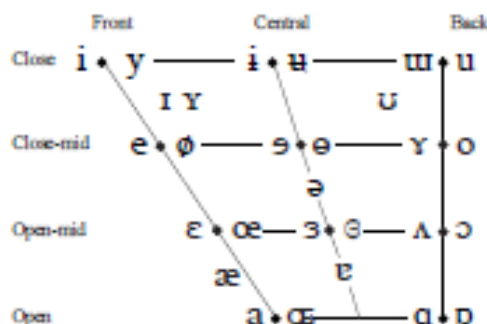
	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill	ʙ			ɾ					ʀ		
Tap or Flap		ⱱ		ɾ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a voiced consonant. Shaded areas denote articulations judged impossible.

CONSONANTS (NON-PULMONIC)

	Clicks	Voiced implosives	Ejectives
◌	Bilabial	ɓ Bilabial	ʼ Ejective
	Dental	ɗ Dental/alveolar	ɓʼ Bilabial
!	(Postalveolar)	ɟ Palatal	tʼ Dental/alveolar
≠	Palatoalveolar	ɡ Velar	kʼ Velar
	Alveolar lateral	ɠ Uvular	sʼ Alveolar fricative

VOWELS



Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a rounded vowel.

OTHER SYMBOLS

ʌ	Voiced labial-velar fricative	ɕ ʑ	Alveolo-palatal fricatives
ʋ	Voiced labial-velar approximant	ɺ	Voiced alveolar lateral flap
ɥ	Voiced labial-palatal approximant	ɧ	Simultaneous ʃ and x
ħ	Voiced epiglottal fricative		
ʕ	Voiced epiglottal fricative		Affricates and double articulations can be represented by two symbols joined by a tie bar if necessary.
ʡ	Epiglottal plosive		

kp̚ ts̚

SUPRASEGMENTALS

- ˈ Primary stress
- ˌ Secondary stress
- ː Long eː
- ˑ Half-long eˑ
- ˑ̇ Extra-short ė
- | Minor (foot) group
- || Major (intonation) group
- Syllable break ni.ækt
- ◌◌◌ Linking (absence of a break)

DIACRITICS Diacritics may be placed above a symbol with a descender, e.g. ɨ̯

ˀ	Voiced	n̥ d̥	ˀ	Breathily voiced	b̤ a̤	ˀ	Dental	t̪ d̪
ˁ	Voiced	s̰ t̰	ˁ	Creaky voiced	b̰ a̰	ˁ	Apical	t̺ d̺
ˁ̚	Aspirated	tʰ dʰ	ˁ̚	Linguolabial	t̟ d̟	ˁ̚	Laminal	t̻ d̻
ˁ̜	More rounded	ɔ̜	ˁ̜	Labialized	tʷ dʷ	ˁ̜	Nasalized	ẽ̃
ˁ̞	Less rounded	ɔ̞	ˁ̞	Palatalized	tʲ dʲ	ˁ̞	Nasal release	d̪ᵐ
ˁ̝	Advanced	ɥ	ˁ̝	Velarized	tˠ dˠ	ˁ̝	Lateral release	d̪ᵝ
ˁ̞̚	Retracted	ɛ̠	ˁ̞̚	Pharyngealized	tˤ dˤ	ˁ̞̚	No audible release	d̪̚
ˁ̞̚̚	Centralized	ẽ̞̚	ˁ̞̚̚	Velarized or pharyngealized	ɨ̠			
ˁ̞̚̚̚	Mid-centralized	ẽ̞̚̚̚	ˁ̞̚̚̚	Raised	e̝ (ɹ̝ = voiced alveolar fricative)			
ˁ̞̚̚̚̚	Syllabic	n̩	ˁ̞̚̚̚̚	Lowered	e̞ (β̞ = voiced bilabial approximant)			
ˁ̞̚̚̚̚̚	Non-syllabic	e̯	ˁ̞̚̚̚̚̚	Advanced Tongue Root	ɛ̟			
ˁ̞̚̚̚̚̚̚	Rhoticity	ə̤ ɑ̤	ˁ̞̚̚̚̚̚̚	Retracted Tongue Root	ɛ̠			

TONES AND WORD ACCENTS			
LEVEL	CONTOUR		
ẽ̥	˩ Extra high	ẽ̥ or ˩	Rising
ẽ̇	˨ High	ẽ̇	Falling
ẽ̈	˨̥ Mid	ẽ̈	High rising
ẽ̉	˨̥̇ Low	ẽ̉	Low rising
ẽ̊	˨̥̇̇ Extra low	ẽ̊	Rising-falling
˩	˩ Downstep	˩	Global rise
˩̚	˩̚ Upstep	˩̚	Global fall